Pollyanna Honorata Silva

Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Lingüística
2007

Pollyanna Honorata Silva

Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística, Curso de Mestrado em Lingüística (Área de Concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada) do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, em Uberlândia/MG, no ano de 2007, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.
Linha de Pesquisa 2: Estudos sobre Texto e Discurso.
Orientador: Dr. Luiz Carlos Travaglia (UFU).

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Lingüística
2007

Pollyanna Honorata Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586g Silva, Pollyanna Honorata, 1980-
Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia /

Pollyanna

Honorata Silva. - 2007.

225 f. : il.

Orientador: Luiz Carlos Travaglia.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlând

Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. I.Travaglia, Luiz Carlos. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Lingüística.
III. Título.

CDU: 801

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação / mg – 01/0

Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística, Curso de Mestrado em Lingüística (Área de Concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada) do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, em Uberlândia/MG, no ano de 2007, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.
Linha de Pesquisa 2: Estudos sobre Texto e Discurso.
Orientador: Dr. Luiz Carlos Travaglia (UFU).

Dissertação defendida e aprovada em ____ de _____ de ____, pela banca examinadora constituída pelos professores:

_____

Profa. Dra. Sueli Cristina Marquesi (PUC/SP-Unicsul)

_____

Profa. Dra. Luisa Helena Borges Finotti (UFU)

_____

Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia (UFU-Orientador)

UBERLÂNDIA – MINAS GERAIS

Sumário

RESUMO.....7
ABSTRACT.....8
1. Introdução.....9
2. Referencial Teórico.....14
2.1 O conceito de texto.....14
2.2 Tipologia Textual 16
2.2.1 O Tipo.....17
2.2.2 O gênero.....20
2.2.3 A espécie.....27
2.3. A comunidade discursiva jornalística.....30
2.4. A superestrutura Textual.....32
2.4.1 A Superestrutura da Narração.....33
2.4.2 A Superestrutura da Descrição.....35
2.4.3 A Superestrutura da Dissertação e Argumentação 37
2.4.4 A Superestrutura da Injunção.....39
2.4.5 A Superestrutura da Notícia.....40
3. Está no jornal/revista: é jornalístico?.....48
3.1 Gêneros jornalísticos e a teoria da Comunicação.....48
3.2 Gêneros jornalísticos e a Lingüística Textual.....54
3.3 Categorias de texto encontradas em jornais e revistas.....60
3.4 Gêneros não-jornalísticos.....62
3.5 Gêneros jornalísticos.....66
3.5.1 A Carta do Leitor.....68
3.5.2 A Carta ao Leitor.....73
3.5.3 Editorial.....74
3.5.4 Entrevista.....75
3.5.5 Errata.....77
3.5.6 Índice.....77

3.5.7 “informativos”.....79
3.5.8 “Ombudsman”.....79
3.6 Gêneros complexos.....80
3.6.1 Artigo.....81
3.6.2 Boletim metereológico.....82
3.6.3 Classificados.....85
3.6.4 Crônica.....87
3.6.5 Indicadores econômicos.....88
3.6.6 Resenha ou crítica.....89
3.6.7 Roteiro/Programação.....91
3.6.8 Obituário.....92
3.7 Considerações da proposta 92
4. A notícia e suas várias faces.....95
4.1 Considerações sobre o “ser notícia”.....95
4.2 Espécies de notícia.....105
4.2.1 Notícia típica: a notícia-gênero.....105
4.2.2 A sub-retranca.....116
4.2.3 Chamada.....122
4.2.4 “Frases”.....126
4.2.5 Notas e *fait-divers*.....127
4.2.6 “Memorial”.....131
4.2.7 Texto-legenda.....131
4.3. Notícia: uma junção de fatores.....132
5. Considerações Finais.....135
6. Referências Bilbiográficas.....137
Anexos.....143

OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS E AS VÁRIAS FACES DA NOTÍCIA[1]

Pollyanna Honorata Silva

RESUMO: Este trabalho pretende contribuir para a construção de uma teoria tipológica geral de texto, sob a ótica da Lingüística Textual. Para tal, o ponto de partida refere-se ao conceito de comunidade discursiva, proposto por Swales (1990), que estabelece seis critérios de análise e segundo os quais delimitamos e definimos a comunidade discursiva jornalística. A partir desse ponto, fizemos um levantamento das categorias de texto presentes em jornais e revistas, classificando-as segundo a teoria tipológica de textos proposta por Travaglia (2003b), bem como a partir do conceito de gênero de Bakhtin (1997) e Bazerman (2005). Além dessa classificação, também nos propomos a estabelecer critérios e parâmetros para a definição do que seja um texto/gênero jornalístico, agrupando as categorias de texto encontradas nos jornais e revistas como jornalísticas ou não-jornalísticas, segundo o conceito de comunidade discursiva de Swales (1990) e a diferenciação entre gênero, suporte e canal ou meio proposta por Marcuschi (2003). Por fim, realizamos a caracterização da notícia, gênero base do jornalismo, bem como de suas várias faces, que correspondem a espécies do gênero notícia que são compostas, predominantemente, pelo tipo narrativo.

PALAVRAS-CHAVE: Textos Jornalísticos. Tipo. Gênero. Espécie. Suporte.

[1] Orientador: Dr. Luiz Carlos Travaglia.

OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS E AS VÁRIAS FACES DA NOTÍCIA[2]

Pollyanna Honorata Silva

ABSTRACT: This study aims to be a contribution to the construction of a general tipological theory of texts, according to the postulates of the Text Linguistics. Thus, our starting point is related to the concept of discourse community proposed by Swales (1990), which establishes six criteria of analyses by which we have delimited and defined the journalistic discourse community. From that, we have studied the text categories present in the newspapers and magazines and classified them based on the tipological theory of texts proposed by Travaglia (2003a), as well as from the concept of genre by Bakhtin (1997) and Bazerman (2005). Besides such classification, we have also proposed some criteria and parameters for the definition of what a journalistic text/genre is. This way we have put together the text categories found in the newspapers and magazines as the ones which were considered journalistic, following the concept of discourse community of Swales (1990) and the difference among genre, tenor and mode, proposed by Marcuschi (2003). Finally, we have characterized the news, as a base genre in the journalism, as well as of its several faces, which we have found to be species of the news genre which are composed predominantly by the narrative type.

KEY-WORDS: Journalistic Texts. Type. Genre. Species. Tenor

[2] Orientador: Dr. Luiz Carlos Travaglia.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Fávero e Koch (1988), podemos enumerar três momentos na Lingüística Textual. No primeiro, ainda encontramos a análise do texto visto como um conjunto de enunciados ou seqüências de enunciados e não há a tomada do texto como unidade de análise e ponto de partida das pesquisas. No segundo momento, ocorre a construção das gramáticas textuais. Neste momento se estabeleceu como tarefas da Lingüística Textual: a) verificar os princípios de textualidade, b) definir critérios de delimitação de textos; e c) diferenciar vários tipos de textos. No terceiro e último momento, a pragmática é inserida nas pesquisas referentes ao texto. Torna-se necessário, então, o conhecimento das condições de produção, recepção e interpretação do texto e; para isso, contribuíram significativamente a lógica das ações e a teoria dos atos de fala.

Este trabalho pode ser inserido na terceira tarefa da Lingüística Textual, elencada pelas autoras, uma vez que pretendemos caracterizar e classificar as categorias de texto existentes na comunidade discursiva jornalística.

Como toda tipologização, a que será proposta aqui possui critérios que não devem ser tomados como únicos e absolutos, mas devem ser considerados como sendo pertinentes tendo em vista o objetivo de construção de uma teoria geral de tipologia que possua, em primeiro lugar, parâmetros lingüísticos de análise do *corpus*.

Trabalhos desenvolvidos por estudiosos da Comunicação parecem não atender a exigências mais lingüísticas do estudo dos chamados textos jornalísticos e, à maneira dos manuais de estilo produzidos por jornais, não possuem critérios de caracterização e classificação

que possam servir de parâmetro de análise textual e construção de uma tipologia de textos jornalísticos sob a ótica da Lingüística Textual. Esses estudos, como os de Melo (1992) e Medina, J. (2001), procuram classificar todos os textos existentes e publicados no jornal, colocando sob uma mesma ótica de análise textos lingüísticos, não-lingüísticos e mistos que possuem naturezas distintas, ou seja, a classificação se aplica a todas as categorias de texto que aparecem nesse meio de comunicação, como horóscopo, charges, tiras, palavras cruzadas, receitas culinárias, fotos, mapas, etc. É o que ocorre na subdivisão da grande maioria dos jornais brasileiros, que, segundo Medina, J. (2001), dividem os gêneros jornalísticos em quatro grandes grupos:

1. Informativo: há o relato dos fatos da maneira mais objetiva possível;
2. Interpretativo: há a interpretação dos fatos, além da informação;
3. Opinativo: há a expressão de um ponto de vista a respeito de um ou mais fatos;
4. Entretenimento: há informações com o objetivo de distração dos leitores.

Sob nosso ponto de vista, não parece relevante e pertinente considerar o quarto item acima como uma categoria de texto jornalístico, pois nesse grupo estão textos como horóscopo, palavras cruzadas, tiras, charges, resumos de filmes, etc. Esses textos, conforme abordaremos neste trabalho, não estão inseridos na comunidade discursiva jornalística e não refletem a esfera de atividade social composta por jornalistas e suas ações sociais.

Além disso, as classificações e definições na literatura da Comunicação possuem como primeiro critério o leitor, já que o objetivo maior de todo comunicólogo é atingir seu público alvo, por motivos diversos como venda ou compra de um produto, serviço e até mesmo valores e ideologias. Segundo Medina, J.:

> A classificação dos gêneros decorre das necessidades e das exigências dos leitores e, ao mesmo tempo, da organização e do desenvolvimento das empresas jornalísticas (não esqueçamos que, até bem pouco tempo, o jornalismo era considerado um gênero literário) (MEDINA, J., 2001, p.51).

Apesar de nossa proposta de classificação se distanciar das definições dos teóricos da Comunicação, há um ponto em comum: o fato de considerarmos que a notícia é o gênero de base do jornalismo, ou seja, é da notícia que parecem surgir a maioria dos gêneros publicados em jornais e revistas.

Devemos ressaltar que a não preocupação dos trabalhos na área da Comunicação com uma análise mais textual não lhes tira o mérito, uma vez que esses estudos são pertinentes aos seus objetivos e ao principal interesse de seus estudiosos, que é atingir o leitor.

Parece necessário e pertinente, portanto, a proposição de um trabalho que, em primeiro lugar, assuma critérios lingüísticos, como delimitação de conceito de texto e gênero, para a construção de uma teoria tipológica que se proponha a caracterizar e classificar textos jornalísticos, uma vez que não se pretende com essa proposição despertar o desejo do leitor pela leitura desses textos, mas contribuir para um trabalho diferente, que consiste na construção de uma teoria tipológica geral de texto.

Desse modo, o presente estudo **justifica-se**, além de seus objetivos, pela escassez de trabalhos que assumam uma visão mais lingüística e estrutural do texto jornalístico, embora reconheçamos a importância do contexto extraverbal, principalmente em um meio de comunicação que atinge vários públicos ao mesmo tempo, como ocorre no jornalismo, tanto escrito quanto oral. Além disso, este trabalho deve ser visto como a busca de uma contribuição para uma delimitação e classificação das categorias de texto existentes em toda nossa sociedade.

Em nossa análise, partimos da **hipótese** de que, assim como há uma competência textual comum aos usuários da língua que lhes permite identificar um texto jornalístico (embora sem

muito rigor metodológico), deve haver princípios lingüísticos organizadores desses textos, conferindo-lhes uma certa especificidade em relação a textos não-jornalísticos e diferenciando-os entre si. Além disso, também assumimos a hipótese de que a notícia é o gênero jornalístico por excelência e dela são derivados muitos gêneros que são, na verdade, várias formas de realização da notícia.

Nossos **objetivos** consistem, portanto, em:

1. Fazer um levantamento das categorias de texto existentes na comunidade discursiva jornalística;
2. Estabelecer critérios de delimitação e definição do que seja um texto/gênero jornalístico, apresentando uma caracterização desses textos, quanto à sua forma (superestrutura), função sociocomunicativa, conteúdo e algumas características da superfície lingüística (como estilo verbal);
3. Caracterizar a notícia (gênero base do jornalismo), apresentando suas características formais e de conteúdo, bem como de suas várias derivações, se assim for constatado.

Para o alcance de nossas metas, utilizamos um ***corpus*** constituído de textos escritos (o que exclui o Telejornal), publicados em três jornais e duas revistas, respectivamente: *A Folha de S. Paulo* (FSP), *O Estado de S. Paulo* (ESP), *Estado de Minas* (EM), *Veja* e *Época*.

Constituem o *corpus* de análise:

A) Sete exemplares de cada jornal, de segunda a domingo de uma semana específica (de 21/11/2005 a 27/11/2005), a fim de que tivéssemos contato com todos os cadernos extras específicos de cada dia. Porém, na medida em que foi

pertinente, consultamos jornais de outras datas, para melhor verificação e análise do *corpus;*

B) Revista *Veja*: a) ano 34, nº 6, edição 1687, 14/02/2001; b) ano 37, nº 50, edição 1884, 15/12/2004; c) ano 38, nº 31, edição 1916, 03/08/2005; d) ano 39, nº 7, edição 1944, 22/02/2006;

C) Revista *Época*: a) nº 396, 19/12/2005; b) nº 398, 02/01/2006; c) nº 400, 16/01/2006; d) nº 406, 27/02/2006.

A escolha dessas revistas deveu-se ao fato de, além de serem conhecidas nacionalmente, possuírem uma estrutura semelhante à dos jornais, já que apresentam uma subdivisão temática à semelhança dos cadernos jornalísticos: política, cultura, turismo, dentre outros temas.

Desse modo, essas revistas não se constituem apenas de textos e notícias sobre um tema específico, como podemos constatar em revistas específicas de divulgação científica, por exemplo. Assim como procedemos na análise dos jornais, também consultamos revistas de outras datas em nossa análise.

Quanto à **metodologia**, nossa pesquisa, de caráter **qualitativo**, seguiu os seguintes passos:

1. Leitura de textos pertinentes ao estudo e discussões teóricas, concomitantes ao levantamento das categorias de texto da comunidade discursiva jornalística;
2. Estabelecimento de critérios de delimitação e conceituação de texto jornalístico, conforme leituras teóricas;
3. Levantamento e caracterização das categorias de textos/gêneros considerados jornalísticos, inclusive da notícia;

4. Conceituação e caracterização da notícia e, se constatada sua existência, dos gêneros que são variedades de notícia.

Quanto ao nosso aparato teórico, explicitamos os conceitos fundamentais da análise no item abaixo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO – ESTABELECENDO A ÁREA DE TRABALHO

Na condução de nossa análise, utilizamo-nos de um instrumental advindo, fundamentalmente, da Lingüística Textual, como abordaremos a seguir.

2.1 O conceito de texto

Como nosso trabalho refere-se a textos escritos, aqui enfocados da perspectiva tipológica enquanto gêneros, conforme abordaremos, é de fundamental importância o esclarecimento dos critérios de textualidade adotados e, conseqüentemente, do conceito de texto, uma vez que essa conceituação é responsável pela delimitação do *corpus* de análise.

Ao longo da história da Lingüística Textual, pode-se enumerar uma série de concepções de texto, tendo cada uma critérios de textualidade específicos. Os conceitos de texto presentes em Marcuschi (1986), Koch & Travaglia (1991) e Fávero & Koch (1988) revelam as divergências entre lingüistas na definição do termo.

Em linhas gerais, encontram-se dois parâmetros de classificação desses conceitos:

1) O da imanência do sistema lingüístico;

2) O de critérios extralingüísticos, que tomam o texto como unidade comunicativa, introduzindo a Pragmática e desconsiderando a classificação de texto como simples unidade lingüística.

Neste trabalho, será adotado o conceito de texto abaixo, uma vez que apresenta critérios menos restritos (como extensão) e mais relacionados à situação de interação comunicativa (critérios extralingüísticos).

> unidade lingüística concreta – perceptível pela visão ou audição – que é tomada pelos usuários da língua – falante, escritor/ouvinte, leitor –, em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão. (KOCH & TRAVAGLIA, 1991, p. 10).

Como essa definição abrange apenas textos constituídos de signos lingüísticos ("unidade lingüística"), consideramos também um conceito mais amplo de texto, que extrapola o lingüístico e considera como manifestação de textualidade esculturas, quadros, paisagens e gravuras, ou seja, qualquer forma de linguagem.

Nesse sentido, texto "designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura, etc), isto é, qualquer tipo de comunicação realizada através de um sistema de signos" (FÁVERO & KOCH, 1988, p.25).

A adoção dessas duas acepções do termo *texto* justifica-se pelo fato de textos como a notícia, gênero jornalístico de grande ocorrência, ser constituída ora apenas por signos

lingüísticos e ora por estes e imagens (fotos, gráficos, mapas, esquemas, etc), que auxiliam no estabelecimento da coerência, funcionando como contextualizadores.

Portanto, o *corpus* deste trabalho é constituído tanto por textos lingüísticos escritos como por textos mistos (signo verbal escrito e não-verbal), mas não fazem parte da análise textos que possuem apenas linguagem não-verbal, uma vez que não correspondem às categorias de texto que encontramos no material de análise.

2.2 TIPOLOGIA TEXTUAL

Esclarecido o conceito de texto, ponto de partida para qualquer tentativa de construção de tipologias textuais, é preciso explicitar a teoria tipológica que conduzirá a análise dos textos jornalísticos.

Será adotada a proposta de Travaglia (2003b), que postula a existência de três classes de texto, de natureza distinta, cuja distinção é fundamental para a análise das categorias de texto existentes na sociedade. Segundo o autor, a não distinção dessas classes de textos seria responsável pelos problemas de construção de algumas teorias tipológicas existentes, da relação entre essas tipologias, da classificação de textos e da relação entre diferentes classificações que um mesmo texto pode receber.

Segundo o autor, uma categoria de texto é um termo que designa

> [...] qualquer classificação que uma sociedade ou cultura dêem a um texto, tipologizando-o. O elemento tipológico[3] identifica uma classe de textos que têm uma forma, estrutura, conteúdo, estilo, funções, etc., mas distintas das características de outros elementos tipológicos, o que permite diferenciá-los. São exemplos de elementos tipológicos em nossa sociedade e cultura brasileiras: descrição, dissertação, injunção,

[3] Como a teoria de Travaglia (2003b) para tipologias textuais encontra-se em constante construção, o termo elemento tipológico, citado pelo autor em 2004, hoje recebe a denominação de categorias de texto.

> narração, argumentação *stricto sensu*, predição, romance, novela, conto, fábula, parábola, caso, ata, [...] (TRAVAGLIA, 2004, p. 147).

As três naturezas de textos propostas por Travaglia (2003b) são: **tipo, gênero e espécie**; que são chamadas pelo autor de **tipelementos**, termo genérico utilizado para se referir a qualquer um desses elementos.

2.2.1 O tipo

O **tipo** é estabelecido pelo modo de comunicação que instaura, em função de perspectivas adotadas pelo produtor dos textos e que variam, constituindo tipologias distintas. Desse modo, o tipo é uma maneira de interlocução usada por um interlocutor, que pode adotar perspectivas diversas. Travaglia (2003b) registra alguns exemplos de tipos.

A primeira das perspectivas apontadas pelo autor é aquela em que o locutor se coloca em relação ao objeto do dizer na perspectiva do conhecer/saber ou fazer/acontecer, inserido ou não no tempo e espaço. Dessa postura do produtor do texto derivam os tipos que são nomeados por **descrição, dissertação, narração e injunção.**

A relação entre a perspectiva do produtor (bem como outros aspectos) para estes quatro tipos de texto está mais detalhada no quadro a seguir, extraído de Travaglia (2003b).

	Descrição	**Dissertação**	**Injunção**	**Narração**
Perspectiva do produtor do texto	Enunciador na perspectiva do espaço em seu conhecer.	Enunciador na perspectiva do conhecer, abstraído do tempo e do espaço.	Enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação.	Enunciador na perspectiva do fazer/acontecer inserido no tempo.
Objetivo do enunciador	O que se quer é caracterizar, dizer	Busca-se o refletir, o	Diz-se a ação requerida,	O que se quer é contar, dizer os

	como é.	explicar, o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações.	desejada, diz-se o que e/ou como fazer, incita-se à realização de uma situação.	fatos, os acontecimentos, entendidos como os episódios, a ação / o fato em sua ocorrência.
Forma como se instaura o interlocutor	Como "voyer" do espetáculo.	Como ser pensante, que raciocina.	Como aquele que realiza aquilo que se requer, ou se determina que seja feito ou aconteça.	Como assistente, espectador não participante, que apenas toma conhecimento do(s) episódio(s) ocorrido(s).
Tempo referencial[4]	Simultaneidade das situações.	Simultaneidade das situações.	Indiferença à simultaneidade ou não das situações.	Não simultaneidade das situações, portanto sucessão.
Relação entre o tempo de enunciação e o referencial.	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial.	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial.	O tempo referencial é sempre posterior ao da enunciação.	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial.

Quadro 1. Relação entre perspectivas do produtor e os tipos: narrativo, descritivo, dissertativo e injuntivo. Fonte: Travaglia (2003b, p. 6).

Quando a perspectiva do produtor do texto é dada pela imagem que este faz do seu recebedor como alguém que concorda ou não com ele, há o discurso da transformação (quando não há concordância), ou da cumplicidade (quando há concordância), estabelecendo-se, respectivamente, os tipos **argumentativo *stricto sensu*** e **argumentativo não *stricto sensu*.**

Essa nomenclatura, que opõe a argumentação *stricto sensu* à não-*stricto sensu,* deixa-nos claro que o autor parte do princípio de que todo texto pode ser considerado argumentativo (no sentido *lato*), na medida em que nenhum gênero surge sem nenhum propósito, sem exprimir nenhuma opinião ou juízo de valor.

[4] Tempo referencial é o tempo de ocorrência no mundo real em uma sucessão cronológica.

Por isso, quando referimo-nos a um texto argumentativo, este deve ser entendido em seu sentido *stricto sensu*, em que o locutor do texto tem uma imagem do alocutário como alguém que não concorda com ele (seu adversário), assumindo, então, uma posição de transformar esse alocutário em seu cúmplice**.**

O produtor do texto pode se colocar ainda na perspectiva de antecipação no dizer, dizendo antes de se realizar, e, neste caso, temos os textos **preditivos** e **não-preditivos.** Já quando a perspectiva é a do comprometimento ou não com o que está sendo dito, temos os textos do **mundo comentado** (comprometimento) e do **mundo narrado** (não comprometimento) (Cf. Weinrich, 1968). Travaglia (2003b) ainda registra tipologias que não abordaremos aqui por não serem fundamento para nosso trabalho.

Apresentamos acima quatro tipologias de texto segundo a perspectiva adotada, incluindo a narração, descrição, dissertação e injunção em uma tipologia distinta do texto argumentativo e preditivo, ao contrário do que ocorre em outras classificações já existentes.

Essa característica é um dos motivos da adoção dos pressupostos teóricos de Travaglia (2003b), uma vez que, separando esses tipos em classificações/tipologias distintas, o autor esclarece a existência, por exemplo, de textos ao mesmo tempo narrativos/preditivos, descritivos/argumentativos e descritivos do mundo narrado ou comentado; visto que reconhece o **cruzamento de tipos** (um texto pode realizar simultaneamente tipos de tipologias estabelecidas por perspectivas – critérios - diversos, como os exemplificados anteriormente), não considerando esse cruzamento como um novo tipo e evitando incoerências taxonômicas; pois, por um princípio taxonômico, um texto só pode ser classificado de uma categoria **ou** de outra, dentro de uma mesma tipologia.

Além do **cruzamento** de categorias, de tipologias distintas, o autor postula a **conjugação** de tipos de uma mesma tipologia em um texto, podendo um deles ser ou não dominante. Essa dominância, quando se estabelece, acontece em termos de intenção comunicativa, não de espaço preenchido na superfície textual.

Assim, por exemplo, no romance, há trechos narrativos, descritivos, dissertativos e mesmo injuntivos (geralmente em falas de personagens), mas o tipo narrativo é dominante, daí dizer-se que o romance é narrativo. Já no caso da bula de remédio, por exemplo, em que aparecem os mesmos tipos de textos (narrativo, descritivo, dissertativo e injuntivo), nenhum deles é dominante e não podemos dizer que a bula seja um gênero necessariamente narrativo ou descritivo ou dissertativo ou injuntivo.

Travaglia propõe ainda o **intercâmbio** de categorias, que acontece "quando uma categoria de texto é usada por outra que seria a esperada, tendo em vista a situação e o modo de interação. Com isto, obtém-se efeitos de sentido novos, inesperados, inusitados" (informação verbal[5]).

A seguir, falamos dos gêneros, segundo Travaglia (2003b) e outros autores.

2.2.2 O gênero

Outro tipelemento definido por Travaglia (2003b) é o **gênero**, que se caracteriza por exercer uma função social específica de comunicação. Desse modo, em cada gênero há uma função sociocomunicativa, cuja explicitação, segundo o autor, muitas vezes, é bastante complexa.

[5] Trecho de aula ministrada pelo professor Dr. Luiz Carlos Travaglia, no Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, MG, outubro, 2005.

O quadro a seguir, extraído de Travaglia (2002), apresenta exemplos de funções básicas de alguns gêneros definidos por atos de fala.

	Grupo de Gêneros	**Função Básica Comum**
01	Aviso, comunicado, edital, informação, informe, participação, citação	Dar conhecimento de algo a alguém
02	Acórdão, acordo, convênio, contrato, convenção	Estabelecer concordância
03	Petição, memorial, requerimento, abaixo assinado, requisição, solicitação	Pedir, solicitar
04	Alvará, autorização, liberação	Permitir
05	Atestado, certidão, certificado, declaração	Dar fé da verdade de algo
06	Ordem de serviço, decisão, resolução	Decidir, resolver
07	Convite, convocação, notificação, intimação	Solicitar a presença
08	Nota promissória, termo de compromisso, voto	Prometer
09	Decreto, decreto-lei, lei, resolução	Decretar ou estabelecer normas
10	Mandado, interpelação	Determinar a realização de algo
11	Averbação, apostila	Acrescentar elementos a um documento, declarando, corrigindo, ratificando

Quadro 2. Relação de alguns gêneros definidos por atos de fala.
Fonte: Travaglia (2002, p. 152).

Para Travaglia, os vários gêneros com a mesma função básica vão se distinguir por outros elementos das condições de produção tais como produtor, recebedor, comunidade discursiva e/ou instituição, etc.

O gênero, portanto, possui uma natureza social, exterior ao texto, à concretude das palavras. De fato, na vasta literatura a respeito do termo *gênero*, este sempre possui um aspecto social e histórico, o qual pretendemos ressaltar e assumir neste trabalho, haja vista a importância dos gêneros jornalísticos na sociedade.

Em seus estudos lingüísticos, Bazerman (2005) parte de uma perspectiva sócio-interativa, revelando que os gêneros estão intimamente ligados a fatos sociais e atividades humanas. Desse modo, o autor nos mostra que um gênero sempre está relacionado a outro, seja num mesmo momento histórico e social ou em momentos anteriores. Isso explica a estreita semelhança e difícil classificação e delimitação de muitos textos jornalísticos, como aqueles que neste trabalho chamamos de "notas" e alguns artigos que à primeira vista parecem notícia. No prefácio à obra de Bazerman (2005), Marcuschi afirma:

> O ensaio sobre as cartas não só ilustra, mas comprova a tese de que os gêneros são formas típicas de usos discursivos da língua desmembradas de formas anteriores, pois os gêneros nunca surgem num grau zero, mas num veio histórico, cultural e interativo dentro de instituições e atividades preexistentes (MARCUSCHI, 2005 apud BAZERMAN, 2005, p.10).

O que é ressaltado o tempo todo por Bazerman é a relação entre gênero e organização de atividades sociais; já que os textos, segundo o autor, são responsáveis pelo estabelecimento e surgimento de fatos sociais, os quais regem e orientam a vida social.

Essa relação nos parece muito clara quando temos em mente uma notícia de cunho político, por exemplo, em que é anunciada uma medida econômica que, de algum modo, irá influenciar a vida de todos os cidadãos. Temos, portanto, que os gêneros, na medida em que criam fatos sociais e atividades, são responsáveis pela tipificação dos mesmos. Esse processo de tipificação reside no fato de "[..] mover-se em direção a formas de enunciados padronizados, que

reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias, e de uma compreensão padronizada de determinadas situações" (BAZERMAN, 2005, p. 29).

A tipificação, portanto, dá uma forma aos gêneros correspondentes a determinadas ações profissionais e, conseqüentemente, também estabelece uma forma específica de ação.

Devemos entender o gênero nessa perspectiva como sendo responsável pela criação de fatos sociais, os quais "consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou atos de fala" (BAZERMAN, 2005, p. 22).

Segundo Bazerman (2005), um fato social é: 1) aquilo que as pessoas acreditam que seja verdadeiro; 2) aquilo que está relacionado com o social e 3) aquilo que afeta o que as pessoas falam ou escrevem.

No primeiro caso, temos uma crença, um conjunto de valores que as pessoas acreditam que seja verdadeiro e que orienta suas ações. Por exemplo, se algum indivíduo ou um grupo de pessoas acreditam que há uma ameaça de guerra em sua cidade ou país, elas podem migrar para outro lugar, em busca de refúgio.

Quando os fatos sociais possuem relação com aspectos sociais, temos os acordos instituídos historicamente, ou seja, agimos de forma a concordar com a imposição e autoridade de um prefeito, por exemplo, porque acreditamos na legitimidade de um acordo que confere autoridade a essa pessoa.

Como os fatos sociais surgem por meio de textos, não poderiam deixar de influenciar o uso da linguagem, ou seja, o próprio texto produzido pelas pessoas. Desse modo, se numa conversa entre amigos um deles acreditar que naquele momento foi feita uma aposta, um deles irá cobrar de quem perdeu. Por outro lado, se as outras pessoas não consideraram a realização da aposta, haverá um conflito e discussão entre elas.

Como constatamos na definição acima, os fatos sociais acontecem por meio de atos de fala, realizados tanto oralmente quanto pela linguagem escrita. Porém, neste último caso temos que considerar a existência de um ato dominante, já que um texto escrito pode conter vários atos, o que não ocorre com sentenças curtas e orais, em que a percepção do ato realizado é mais clara e menos conflituosa.

Temos, portanto, uma reciprocidade em relação aos textos e fatos sociais, pois um interfere na constituição do outro, já que a produção de um texto pode ser influenciada por fatos sociais e objetivos sociocomunicativos diversos e, por outro lado, um texto pode gerar uma interação social, na medida em que pode estabelecer e tipificar certas ações sociais e, conseqüentemente, fatos sociais.

A teoria dos atos de fala citada por Bazerman (2005) foi primeiramente proposta por Austin (1990), que divide as proposições da língua em constativas e performativas. As primeiras seriam meros enunciados descritivos, com o objetivo único de informar e registrar. Um exemplo seria "O filho de Maria é muito inteligente", em que nenhuma atitude ética ou política estaria envolvida no pronunciamento desta proposição constativa. Já em "Eu vos declaro marido e mulher", há um pronunciamento performativo, porque dizer estas palavras não implica simplesmente uma descrição, mas uma ação social é realizada quando o sacerdote faz esse pronunciamento.

Porém, ao longo do livro e ao longo da tentativa de criar uma lista de verbos e palavras performativas, Austin propõe uma reflexão constante e, conseqüentemente, a conclusão de que mesmo as proposições ditas constativas carregam uma força performativa. Ou seja, descrever algo não é simplesmente informar, mas também pode conter uma série de questões éticas e expressar uma relação de poder, na medida em que também se constitui numa ação na sociedade.

Sendo assim, o autor prefere não propor uma lista de palavras performativas, mas uma lista de forças perlocucionárias.

Desse modo, a teoria dos atos de fala de Austin revela o caráter performativo da linguagem, mostrando a força e a ação do signo lingüístico, que pode ser um forte instrumento de poder e de realização de ações. Segundo essa teoria, existem três níveis de análise das proposições. Temos: 1) o ato locucionário, que consiste nas próprias palavras e proposições ditas ou escritas; 2) o ato ilocucionário, que é o ato que pretendemos que nosso interlocutor reconheça quando emitimos uma ou mais proposições; e 3) o ato perlocucionário, que é o efeito que produzimos no nosso interlocutor, ou seja, o que é entendido na recepção do ato de fala.

Essa análise em três níveis nos mostra que nem sempre o efeito perlocucionário coincide com o ato locucionário, ou seja, nem sempre as pessoas entendem o que dissemos ou escrevemos da maneira como queríamos. Sendo assim, torna-se necessário que nossos textos e, conseqüentemente, que nossas ações sejam **típicas**, facilitando assim o entendimento e a comunicação na vida social.

É nesse ponto que surgem os gêneros, entendidos como uma tipificação de textos e ações que atendem às exigências de comunicação entre os indivíduos. Percebemos que essa definição de gênero parte primeiramente do social, de objetivos extralingüísticos de comunicação, como entender e se fazer entender. Desse modo, um gênero não é apenas um conjunto de características lingüísticas as quais reconhecemos na sua definição, mais que isso:

> Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. (BAZERMAN, 2005, p.31).

Estamos entendendo os gêneros, portanto, não como meras tipificações textuais, mas também como uma forma de tipificação social, na medida em que fazem parte do modo como as pessoas agem socialmente e tipificam suas atividades profissionais. Os gêneros dão forma e organizam a vida social e são usados, principalmente, com o objetivo de promover e organizar atividades entre seres humanos.

Também nessa perspectiva social, Mikhail Bakhtin, um grande precursor dos estudos do gênero, em 1953, já definia os gêneros como "tipos relativamente estáveis de enunciados" (BAKHTIN, 1997, p. 279) e, à semelhança de Swales (1990) e Bazerman (2005), já situava o gênero dentro das mais diversas atividades sociais, como podemos perceber no trecho abaixo, com grifo nosso:

> A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra **esfera da atividade humana.** O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma **dessas esferas..** (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Situando, então, o gênero dentro de uma esfera de atividade humana e como um tipo de enunciado, o autor postula três características inerentes aos gêneros: a) conteúdo, b) estilo verbal e c) construção composicional. Esse conceito de gênero assemelha-se ao que para Travaglia (2003b) constituem-se nas categorias de texto, ou seja, gênero na perspectiva bakhtiniana corresponde às categorias de texto para Travaglia (2003b), incluindo as três classes de textos postuladas por ele como tipo, gênero e espécie.

Uma evidência disso seria o fato de podermos constatar as três características propostas por Bakhtin (1997) nos três tipelementos de Travaglia (2003b), embora quanto à espécie haja algumas restrições.

Desse modo, não apenas os gêneros segundo a proposta de tipologia adotada, mas também os tipos, por exemplo o tipo narrativo, possuem três características: a) de conteúdo: na narração sempre há a seqüenciação de fatos/acontecimentos/eventos (Cf. TRAVAGLIA, 1991); b) estilo verbal: a progressão dos fatos narrados ocorrem pela presença de verbos no aspecto perfectivo (Cf. TRAVAGLIA, 1991); e c) construção composicional: os tipos possuem categorias de superestrutura, que organizam o texto e estabelecem uma regularidade formal, tornando possível o seu reconhecimento por qualquer usuário da língua (Cf. TRAVAGLIA, 1991).

Portanto, acreditamos ser pertinente a proposta de Bakhtin (1997) para os gêneros, uma vez que também se aplica ao tipo e, às vezes, à espécie; além de revelar aspectos sociais, não se limitando apenas a características da superfície textual.

Os conceitos de gênero propostos por Bakhtin (1997), Travaglia (2003b) e Bazerman (2005) nos permitem evidenciar sua função social e, conseqüentemente, seu aspecto histórico e dinâmico, uma vez que são usados para atender a necessidades sociais de seus produtores, fato que promove uma grande flexibilidade na composição dos textos, os quais podem ter variações para que seus produtores realizem as ações pretendidas.

Os gêneros, portanto, são dinâmicos, variam conforme as necessidades de comunicação, e históricos, variam com o tempo, o que não nos permite ter a pretensão de fazer uma classificação absoluta e universal, uma vez que temos consciência dessa dinamicidade dos gêneros e, especificamente, dos gêneros jornalísticos, principalmente da notícia.

Desse modo, consideramos os gêneros como fatos sociais e dotados de uma função social, além de suas características textuais que permitem a sua identificação, mas que não são suficientes para um conhecimento mais profundo de seu funcionamento.

2.2.3 A espécie

O terceiro tipelemento proposto por Travaglia (2003b) é a espécie, cuja definição se dá por aspectos formais de estrutura (inclusive superestrutura)[6] e da superfície lingüística; bem como por aspectos de conteúdo. Por exemplo, o soneto é uma espécie do tipo lírico que se caracteriza pela forma, já que é uma composição, necessariamente, de quatorze versos, organizados em dois quartetos e dois tercetos.

Em relação a espécies definidas pelo conteúdo, temos as *narrações história* (quando os fatos, os acontecimentos, são encadeados entre si e direcionados para uma resolução, um resultado) e as *narrações não-história* (quando os acontecimentos estão lado a lado no texto e não se direcionam para um resultado).

Pode-se perceber que a teoria de Travaglia adotada reconhece as diferentes naturezas dos elementos tipológicos, não colocando num mesmo plano de classificação/comparação textos que possuem especificidades também de naturezas distintas, o que gera uma classificação mais clara, objetiva e coerente.

Por exemplo, a Teoria Literária postula como um gênero o chamado Narrativo. Porém, parece que essa classificação mistura categorias de texto de naturezas distintas. Enquanto o termo

[6] O conceito de superestrutura será explicado mais adiante.

narrativo está relacionado à perspectiva do produtor do texto (fazer/acontecer), estabelecendo um modo de interação, o *gênero* está mais relacionado à função social do texto, refletindo, por exemplo, aspectos da atividade profissional de uma determinada esfera de atividade humana.

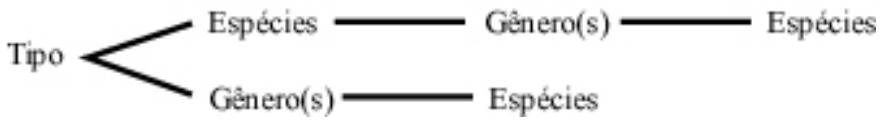
Desse modo, entendemos que não podemos aplicar a definição gênero narrativo, pois estes termos possuem naturezas distintas, não sendo coerente sua colocação sob o mesmo prisma de análise. Esse mesmo conflito também ocorre quando, em situações específicas de sala de aula, como produção de textos, é pedido aos alunos que produzam uma narração e/ou uma descrição, por exemplo.

Ora, segundo Travaglia (2003b), narração e descrição não existem *por si*, pois são tipos, os quais compõem os gêneros. Estes é que existem na sociedade, constituídos por um tipo dominante ou não. Sendo assim, a postura pedagógica esperada seria pedir aos alunos que produzam gêneros que são compostos predominantemente pelos tipos que se quer trabalhar.

Além disso, é preciso deixar claro aos alunos que o tipo, quando necessário para um gênero, se estabelece sempre por dominância, a qual não deve ser entendida em termos de maior espaço preenchido no texto.

Para Travaglia (2003b), feita a conceituação dos tipelementos, podem ser estabelecidas algumas relações entre eles. As espécies se vinculam tanto a tipos quanto a gêneros, no primeiro caso, há, por exemplo, a narrativa (tipo) história (espécie) e, no segundo, os romances (gênero) policiais, eróticos, históricos, de ficção científica, etc (espécies), por exemplo. Os gêneros se vinculam a tipos, seja diretamente ou através de uma espécie do tipo. Essas inter-relações, segundo Travaglia (2003b), não devem ser feitas de um ponto de vista hierárquico, uma vez que não há hierarquia entre tipo, gênero e espécie. As inter-relações exploradas neste trabalho não

esgotam o assunto abordado pelo autor, mas são suficientes para nosso propósito. O esquema abaixo nos mostra essas relações.



Esquema 1 – Relações entre os tipelementos
Fonte: Travaglia (2003b, p. 11).

Finalmente, é preciso lembrar que, para Travaglia (2003b), o que circula/funciona na sociedade são os gêneros, que são constituídos por tipos e espécies. Ou seja, tipos e espécies constituem os gêneros e existem neles; refletindo uma hierarquia do ponto de vista do funcionamento dos tipelementos.

Uma vez que será adotada a teoria tipológica supracitada, a caracterização/classificação dos textos da área jornalística (jornal impresso e revista) será feita considerando a existência de três tipelementos, cada qual com suas especificidades e naturezas. Desse modo, os textos jornalísticos poderão ser classificados como sendo de um gênero, constituído por tipos e espécies.

2. 3 A COMUNIDADE DISCURSIVA JORNALÍSTICA

Além de uma teoria tipológica de textos, o alcance de nossos objetivos deve seguir pressupostos teóricos que nos auxiliem na delimitação de critérios para a definição e classificação de um gênero como caracteristicamente jornalístico, uma vez que nem tudo o que é publicado no

jornal ou revista pode ser classificado como um texto jornalístico. Para tal, nosso ponto de partida refere-se ao conceito de comunidade discursiva, estabelecido por Swales (1990).

Segundo o autor, qualquer que seja a genealogia do termo comunidade discursiva, o importante é que tem sido usado pela "perspectiva social" que confere ao processo de escrita, e acrescenta que sua definição não está isenta de problemas.

Para definir comunidade discursiva, o autor propõe seis características que, ressalta, são necessárias e suficientes para identificar um grupo de indivíduos como uma comunidade discursiva. Essas características são:

> 1.A discourse community has a broadly agreed set of common public goals;
> 2.A discourse community has mechanisms of intercommunication among its members;
> 3.A discourse community uses its participatory mechanisms primarily to provide information and feedback;
> 4.A discourse community utilizes and hence possesses one or more genres in the communicative furtherance of its aims;
> 5.In addition to owning genres, a discourse community has acquired some specific lexis;
> 6.A discourse community has a threshold level of members with a suitable degree of relevant content and discoursal expertise (SWALES, 1990, p. 24-27).[7]

Segundo os critérios de definição de comunidade discursiva acima, podemos considerar os textos produzidos por jornais e revistas como pertencentes a uma determinada comunidade discursiva porque:

1. Os indivíduos pertencentes a essa comunidade possuem um objetivo público em comum, como, por exemplo, transmitir informações;

[7] 1. Uma comunidade discursiva possui um conjunto de objetivos públicos comuns;
2. Uma comunidade discursiva possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros;
3. Uma comunidade discursiva usa seus mecanismos de participação primeiramente para fornecer informação e "feedback";
4. Uma comunidade discursiva utiliza e, portanto, possui um ou mais gêneros no desenvolvimento comunicativo de seus objetivos;
5. Além de gêneros próprios, uma comunidade discursiva adquire um léxico específico;
6. Uma comunidade discursiva possui membros iniciantes com um grau adequado de conteúdo relevante e capacidade discursiva.

2. Jornalistas possuem mecanismos de comunicação entre si, como os chamados *releases*, que são uma espécie de pauta escrita na assessoria de imprensa de um jornal, a fim de informar os repórteres sobre algo que esteja ocorrendo, possibilitando a ida destes ao local do acontecimento;

3. Jornalistas utilizam seus mecanismos de participação (como reuniões) para fornecer informações e retorno (*feedback)*;

4. Jornalistas utilizam-se de vários gêneros (segundo a definição explanada acima) no desenvolvimento comunicativo de seus objetivos;

5. A linguagem jornalística possui certas especificidades;

6. A comunidade jornalística é constituída por indivíduos especializados, com um grau adequado de conteúdo da área e capacidade discursiva.

Os critérios elencados por Swales (1990) para identificar uma comunidade discursiva são utilizados tanto para a delimitação do *corpus* (os textos a serem pesquisados são aqueles pertencentes à comunidade discursiva jornalística) quanto para a construção de critérios de delimitação e definição do texto como jornalístico ou não.

Desse modo, nosso ponto de partida para o estudo dos gêneros jornalísticos é o conceito de comunidade discursiva, o qual acreditamos ser pertinente na medida em que organiza, se não todas, a maioria das categorias de texto existentes em qualquer sociedade.

Apesar de termos constatado em conversas informais com jornalistas e alunos do curso de Jornalismo a existência de mecanismos de comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística, como *release* e reunião de pauta (texto produzido na assessoria de imprensa e evento utilizado para proposição de notícias e *feedbak,* respectivamente), não fazem parte do nosso *corpus* os gêneros produzidos por jornalistas e cuja função é estabelecer uma comunicação interna, entre os membros da comunidade.

Essa limitação se deveu ao fato da impossibilidade, após várias tentativas fracassadas, de presenciarmos a rotina de produção do jornal ou revista, especificamente de um dos jornais analisados, bem como de realizarmos uma entrevista com profissionais do jornalismo.

Desse modo, as categorias de texto às quais não tivemos acesso referem-se ao momento de produção jornalística que antecede a confecção do jornal, que correspondem à: a) reunião de pauta; b) pauta e c) coletiva: entrevista, segundo organização de Bonini (2003) para o gêneros relacionados ao jornal e presentes em manuais de estilo, dicionários de Comunicação e literatura acadêmica da área de Comunicação.

A entrevista, por sua vez, está presente tanto no recolhimento de informações para a produção de gêneros jornalísticos (neste caso configura-se num texto oral), como pode ser publicada no jornal ou revista como um gênero específico (texto escrito).

2.4 A SUPERESTRUTURA TEXTUAL

2.4.1 A Superestrutura da Narração

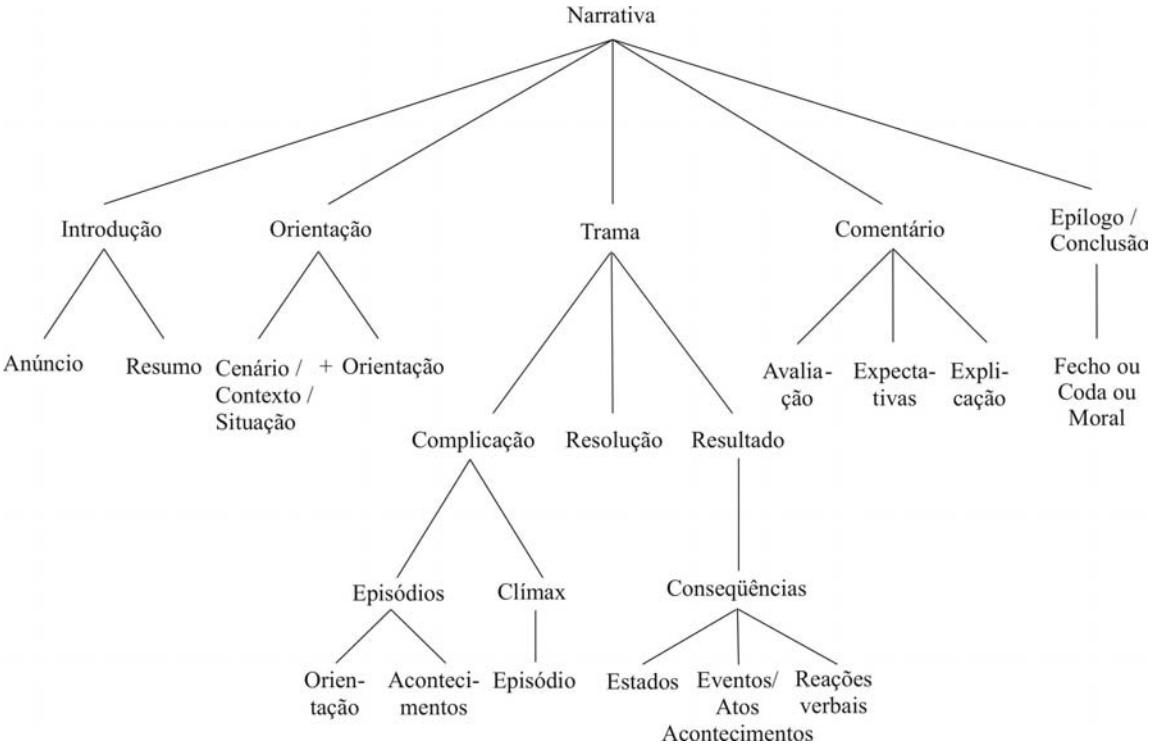
Além da classificação/definição dos gêneros jornalísticos, especificamente da notícia, propomo-nos a fazer uma análise da superestrutura desses textos, que estamos considerando como:

> Uma espécie de esquema (modelo cognitivo global) formal, abstrato, de caráter convencional e, portanto, dependente da cultura. Normalmente envolve uma seqüência esquemática e características de linguagem, de recursos retóricos ou estilísticos (TRAVAGLIA, 1991, p. 287).

As superestruturas textuais possuem categorias convencionais, que são responsáveis pela estruturação dos textos e que podem ser obrigatórias ou não, recursivas ou não. Para cada tipo de texto, portanto, há uma superestrutura correspondente.

Travaglia (1991) faz uma revisão de literatura a respeito, propondo uma superestrutura para o texto descritivo, argumentativo, dissertativo, injuntivo e narrativo.

Partindo das propostas de Labov e Waletsky (1967 apud Travaglia, 1991), Labov (1972 apud TRAVAGLIA, 1991), Moisés (1973 apud TRAVAGLIA, 1991), Larivaille (1974 apud TRAVAGLIA, 1991), Adam (1985 apud TRAVAGLIA, 1991) e Van Dijk (1990 apud TRAVAGLIA, 1991), o autor propõe o esquema 2 para a superestrutura do **texto narrativo** da espécie história:



Esquema 2 – Superestrutura do tipo narrativo
Fonte: Travaglia (1991, p. 305).

1) **Introdução;** que pode conter: a) um **anúncio** ("esta é a história de...", "Vamos contar agora os fatos que se sucederam/o que aconteceu...") e b) um **resumo**, que sintetiza os acontecimentos mais importantes;

2) **Orientação;** que pode ser composta de: a) **cenário, contexto ou situação,** que descreve e especifica os personagens, o lugar e o tempo. É essencialmente descritiva; b) **orientação propriamente dita**, que especifica as ações e comportamentos que são referência para a trama;

3) **Trama ou ação;** que contém: a) **complicação** (acontecimentos, principais ou secundários, que compõem os episódios e podem ou não vir acompanhados de orientação

e precedem a resolução e podem evoluir para um clímax), b) a **resolução** (também composta por acontecimentos) e, às vezes, c) **o resultado,** que corresponde às conseqüências da complicação e resolução e pode ser representado por: estados, eventos/acontecimentos/atos ou reações verbais;

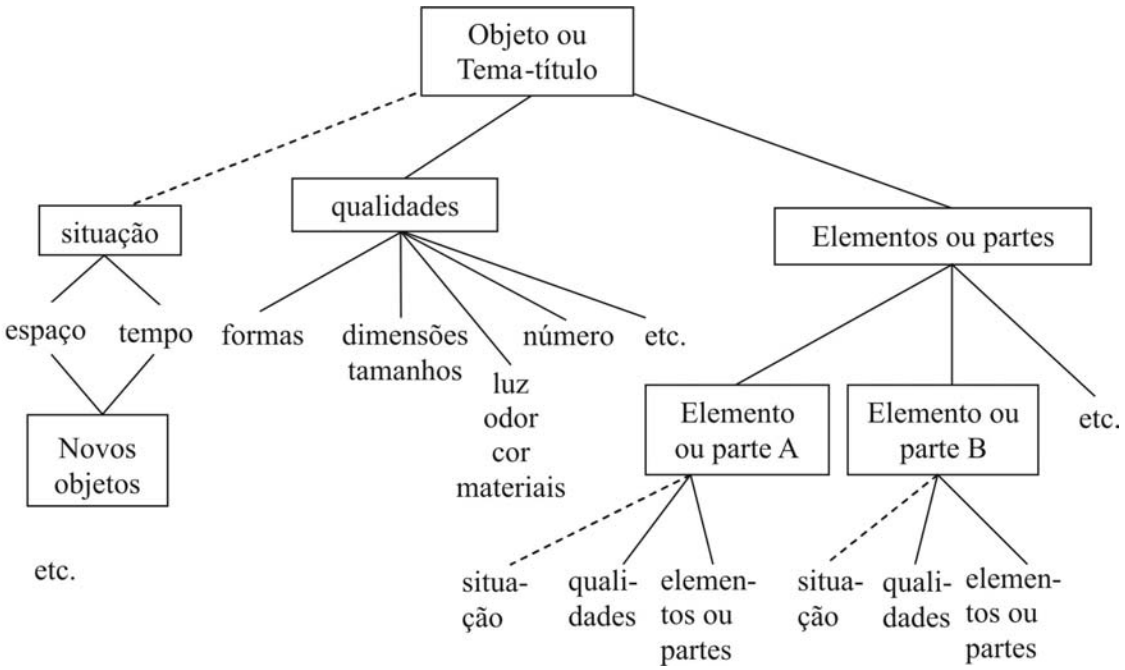
4) **Comentários:** podem ser de três naturezas: **a) avaliação,** em que há a exposição de um ponto de vista, **b) explicação,** em que há uma justificativa, uma explicação sobre os acontecimentos e seus personagens (ambas dissertativas) e **c) expectativa,** que corresponde a um texto preditivo, uma vez que refere-se a eventos futuros, que se espera ocorram a partir do que foi narrado;

5) **Epílogo ou conclusão;** que marca o término da narração e pode ser: a) **coda,** que realiza o tipo dissertativo e promove uma volta ao início da enunciação, como os exemplos: "Aí, até hoje não posso vê aquela mulher viu"; "E foi mesmo por milagre de Deus é que nasceu, senão não nascia, viu"; b) **moral,** que é dissertativa e insere uma "lição de vida", uma conclusão prática que é depreendida de toda a narração, como os textos: "Quem ama o feio bonito lhe parece." (A águia e a coruja); "Quem desdenha quer comprar." (A raposa e as uvas); e o c) **fecho,** que explicita o fim do texto e é sempre narrativo, na forma do pretérito perfeito do indicativo, como nos exemplos: "Acabou-se a história do tuim."**;** "E pôs-se a fábula em ata"; "E o que tinha de ser contado o foi."

2.4.2 A Superestrutura da Descrição

Para o texto descritivo, Travaglia (1991) adota algumas modificações para a proposta de Ricardou (1973 apud TRAVAGLIA, 1991) e Adam e Petijeam (1982 apud TRAVAGLIA, 1991),

propondo as seguintes categorias, cujas definições são extraídas pelo autor de Neis (1986 apud TRAVAGLIA, 1991):



Esquema 3 – Superestrutura do tipo descritivo
Fonte: Travaglia (1991, p. 288).

> 1 - A situação do objeto-tema no espaço e/ou no tempo, situação essa que pode, por sua vez, fazer surgir novos objetos, ou seja, subtemas, suscetíveis de se transformarem em matéria de descrição;
> 2 - As qualidades do objeto-tema, quer sejam físicas, tais como dimensões, formas, cores, quantidades, etc., quer sejam psíquicas, morais, intelectuais, etc.;
> 3 - Os elementos, ou partes que compõem o objeto e que também podem, como subtemas, passar a constituir matéria de descrição (NEIS, 1986 apud TRAVAGLIA, 1991, p. 288).

Percebemos nessa superestrutura que os elementos ou partes tornam as categorias do texto descritivo recursivas, uma vez que promovem uma "volta" à categoria da situação.

2.4.3 A Superestrutura da Argumentação e Dissertação

Os textos **argumentativos** e **dissertativos** são constituídos, em sua maioria, de argumentos/justificativa e generalização/especificação, respectivamente.

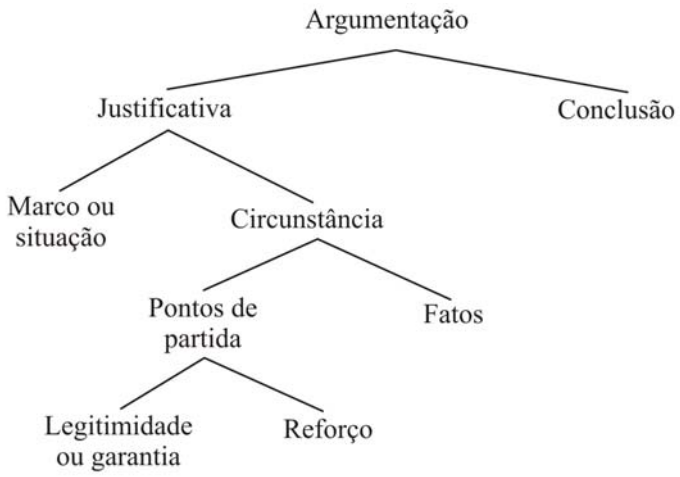
Para Fávero & Koch (1987), temos o seguinte esquema para o tipo **expositivo** ou **explicativo**, que corresponde ao tipo dissertativo segundo a teoria adotada neste trabalho:

Tema:
- a) generalização – especificação (via dedutiva)
- b) especificação - generalização (via indutiva)
- c) generalização – especificação – generalização (via dedutiva-indutiva).

Esquema 4 – Superestrutura do tipo expositivo ou explicativo.
Fonte: Fávero & Koch (1987, p. 7).

Quanto ao tipo **argumentativo** ***stricto sensu***, Fávero & Koch (1987) propõem as seguintes categorias, sendo os parênteses indicativos de opcionalidade: (tese anterior) premissas - argumentos – (contra argumentos) – (síntese) – conclusão (nova tese).

Para Van Dijk (1983 apud TRAVAGLIA, 1991), a superestrutura do texto argumentativo é constituída, basicamente: a) hipótese, b) argumentos e c) conclusão, que podem ser visualizadas no esquema hierárquico:



Esquema 5 – Superestrutura do tipo argumentativo
Fonte: Van Dijk (1983 apud TRAVAGLIA, 1991, p. 291).

Enquanto o **reforço** é uma explicação da **legitimidade** (a qual pode estar implícita, quando pertencente ao conhecimento de mundo), sendo esta constituída por regras que autorizam as conclusões, o **marco** é a situação válida para ambas as categorias.

Tanto na especificação (tipo dissertativo) quanto nos argumentos (tipo argumentativo), podemos encontrar uma descrição, uma dissertação ou uma narração, que podem aparecer como exemplos.

Segundo Travaglia (1991), quando temos um texto argumentativo narrativo, como a fábula, a justificativa será a narração e a conclusão será a moral, podendo ser explicitada ao leitor apenas a justificativa, deixando a conclusão para ser inferida. Quanto à injunção, ainda segundo o autor, é muito usada na conclusão do tipo argumentativo.

2.4.4 A Superestrutura da Injunção

Quanto à superestrutura do texto **injuntivo**, Travaglia (1991) propõe três categorias que abrangem, se não todos, a maioria dos textos dessa natureza, acrescentando e inovando a estrutura desse tipo de texto, já que a escassa literatura a respeito parece não inserir todas as categorias de textos injuntivos, como podemos observar em Fávero e Koch (1987), que postulam o esquema:

Tema: Ação1 + Ação 2 + Ação 3 +....+ Ação n = resultado ou produto

Esquema 6 – Superestrutura do tipo injuntivo
Fonte: Fáver & Koch (1987, p. 8).

Essa superestrutura só se aplica a textos que envolvem ações planejadas, como receitas culinárias e manuais de instrução de uso ou montagem de aparelhos diversos, não sendo pertinente a outros textos também injuntivos, como os horóscopos.

As categorias da superestrutura do texto injuntivo propostas por Travaglia (1991) são:

> **1) Elenco ou descrição:** em que se apresentam os elementos a serem manipulados na ação a ser feita. Pode-se dar apenas uma lista desses elementos (v.ingredientes das receitas culinárias) ou pode-se listá-los e descrevê-los, como nos manuais de instrução em que, comumente, a descrição é substituída por fotos ou desenhos com indicação dos nomes das partes, seguida ou não de indicação de sua função;
> **2) Determinação ou incitação:** em que aparecem as situações a cuja realização se incita ou por determinação ou desejo. Aqui teríamos a injunção em si;
> **3) Justificativa, explicação ou incentivo:** em que se dá razões para a realização das situações especificadas na determinação (TRAVAGLIA, 1991, p. 293).

Segundo o autor, a única categoria obrigatória é a determinação (que pode ser omitida, sendo então inferida com base na justificativa que é apresentada). Essas partes do texto injuntivo não possuem uma ordem fixa, podendo se intercalar.

2.4.5 A Superestrutura da Notícia

Dentre as categorias de texto existentes na comunidade discursiva jornalística, a notícia é um texto do qual todo usuário da língua tem conhecimento, na medida em que conseguimos defini-la e distingui-la de outros textos, inclusive de outros textos jornalísticos. Essa capacidade de identificação do texto noticioso se deve, principalmente, à sua estrutura convencional, a qual permite que reconheçamos uma notícia, mesmo havendo variações regionais e nacionais.

Segundo Van Dijk (1986), há uma superestrutura ("news schemata") convencional que organiza as notícias do jornal impresso, definida pelo autor como "propriedades estruturais abstratas do discurso, como representações, e como sistemas de regras, normas ou estratégias socialmente compartilhadas para o uso da notícia (VAN DIJK, 1986, p. 155)"[8].

Existe, portanto, uma superestrutura da notícia, que confere a esse texto uma certa regularidade de forma e conteúdo, uma vez que as categorias esquemáticas são "preenchidas" por proposições semânticas, as quais são responsáveis pelo elo ("link") entre as categorias da superestrutura, que são abstratas, e a superfície do texto, ou seja, as palavras e sentenças.

Segundo o autor, esse elo ocorre em dois passos: primeiro, o esquema global das categorias é preenchido por um conteúdo global, a macroestrutura semântica, que é definida pelo

[8] "abstract structural properties of discourse, as representations, and as socially shared systems of rules, norms, or strategies for the use of news."

tópico ou tema do texto. Desse modo, cada seqüência coerente de proposições é vista como uma macroproposição ou macroestrutura semântica, entendida como um resumo de toda a seqüência.

O segundo passo refere-se à identificação dessa macroestrutura, obtida pelas macrorregras, que fornecem generalizações e especificações (resumo) mais abstratas através de informações sociais compartilhadas ou esquemas.

Sendo assim, cada categoria da superestrutura é preenchida por uma ou mais macroproposições, ou seja, por um conjunto coerente de sentenças - e não apenas uma sentença isolada - que exerce a função de uma categoria específica, expressando seu tema ou tópico.

Isso fica claro nas palavras do autor, que afirma que "a Complicação (uma categoria) de uma história pode consistir em várias sentenças, expressando várias proposições, mas é apenas todo o episódio que funciona como uma complicação, e não as proposições e sentenças individuais" (VAN DIJK, 1986, p. 159).[9]

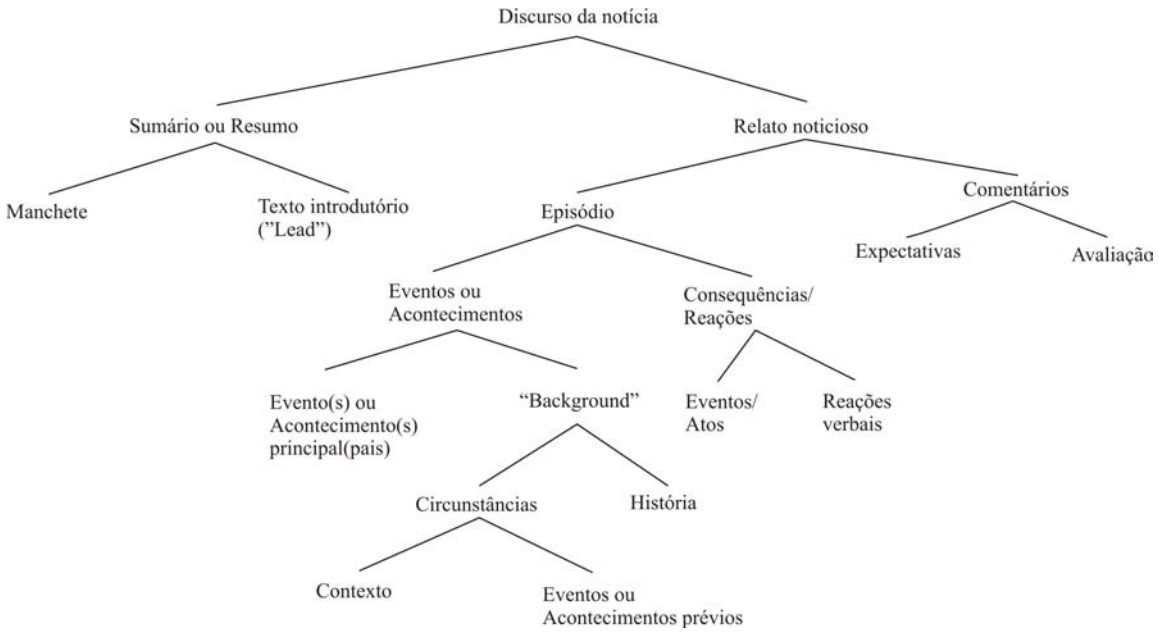
Desse modo, cada categoria[10] da superestrutura corresponde a uma macroproposição semântica, que extraímos a partir de macrorregras e que pode constituir-se de uma ou mais proposição.

As categorias propostas por Van Dijk (1986, p. 168) para a estrutura do texto da notícia aparecem no esquema abaixo, que divide a notícia em duas partes: 1. O Sumário ou Resumo, que corresponde ao(s) título(s) e ao início do texto; e 2. O Relato noticioso, que corresponde ao texto em si.

---

[9] "The Complication (uma categoria) of a story, for instance, may consist f many sentences, expressing many propositions, but it is only the whole episode that functions as a Complication, and not the individual propositions or sentences as such" (VAN DIJK, 1986, p.159).

[10]O termo "categoria" presente em Van Dijk (1986) quando o autor refere-se à superestrutura textual não possui o mesmo conteúdo semântico do termo categoria de texto, presente em Travaglia (2003b) e explicado anteriormente.



Esquema 7 – Superestrutura da notícia
Fonte: Van Dijk (1986, p. 168).

1) **Summary – Sumário/Resumo:** Essa categoria facilita a interpretação de toda a notícia, na medida em que contém em si a macroproposição semântica do texto, ou seja, já afirma do que se trata a notícia, declarando o evento principal e/ou outros eventos. Dentro do Sumário/Resumo, encontramos duas categorias: "**Headline"**, que é editada no "topo" da notícia, com letra diferenciada do resto do texto. O autor afirma que na categoria Headline existem várias headlines, uma principal, que aqui chamamos de título principal ou **Manchete,** e possíveis headlines, acima ou abaixo, que aqui chamamos de **Linha Fina**, uma espécie de subtítulo da manchete. A segunda categoria é o "**Lead"**, que repete a macroproposição declarada na "headline" e ocorre na primeira sentença ou parágrafo da notícia e deve responder às perguntas Quem? O quê? Onde? Quando? e Como? , revelando ao leitor o evento principal e seus envolvidos, facilitando assim a compreensão do texto;

2) **Episódio - Eventos ou Acontecimentos:** Essa é uma categoria bastante complexa, pois pode abranger um ou mais **Evento Principal (EP)** e outros eventos, que aqui chamaremos de **Secundários (ES)**. O evento de maior relevância será aquele que, dentre vários, ocorreu por último, atendendo assim a um princípio de periodicidade. Segundo o autor: **"**...as restrições de produção da notícia como periodicidade e 'deadline' levam a uma preferência pelo recente na decisão sobre o que é evento principal, e o que são condições, causas, ou outros eventos anteriores"(VAN DIJK, 1986, p. 163).[11] Desse modo, a categoria Eventos abrange, geralmente, um evento principal e um ou vários eventos secundários, sendo que o primeiro é declarado na manchete e no "Lead" da notícia. A definição do evento principal é fundamental para a análise da superestrutura da notícia, pois é a partir dele que podemos diferenciar os eventos secundários da categoria de Background;

3) **Background:** todas as informações relevantes e pertinentes para a compreensão de um evento estão inseridas nessa categoria. É através do "Background" que a notícia se torna mais compreensível, uma vez que jornalistas procuram informações em agências e instituições, por exemplo, para que seu texto se torne o mais claro possível. Essa categoria, portanto, é responsável pelo ativamento de modelos situacionais ("situation models") da memória, ou seja, o leitor, em contato com essas informações, ativa seus conhecimentos acumulados a respeito do assunto em questão. Existem dois tipos de "Background": o **presente (Contexto)**, que corresponde à situação atual em que o evento ocorre, e o **passado (História)**, que informa o leitor sobre circunstâncias anteriores ao evento principal e faz um levantamento histórico sobre o contexto mais

[11] **"**...the news production constraints of deadline and periodicy lead to a recency preference in the decision about what is Main Event, and what are conditions, causes, or other previous events"(Van Dijk, 1986:163).

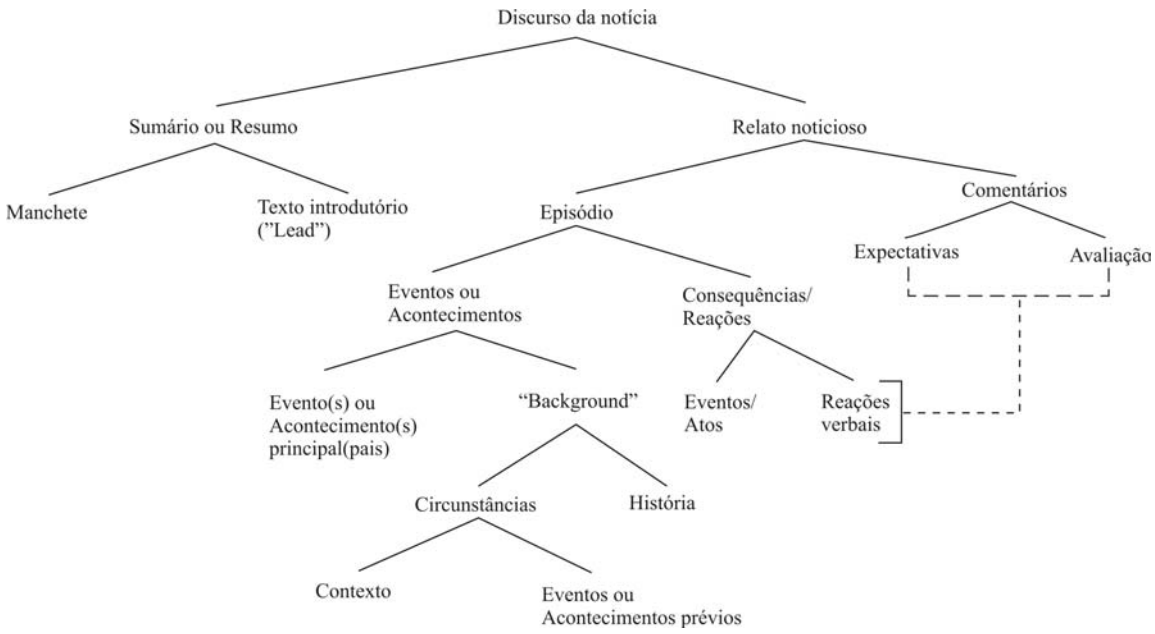
remoto que ocasionou a situação atual e seu(s) evento(s). O background presente encontra-se na categoria **Circunstâncias**, a qual também possui **Eventos/Acontecimentos prévios.** Estes acontecimentos, por sua vez, referem-se aos eventos que precederam o evento principal (num período de tempo não muito remoto quanto o background passado) e que podem estar relacionados com a causa deste. A distinção entre os tipos de "Background" não está isenta de problemas, bem como a distinção entre as categorias "Background" (presente e passado) e Evento(s) Secundário(s). Uma possibilidade de esclarecimento reside no fato de que um "Background" presente pode ocorrer com expressões de contemporaneidade, como *durante, enquanto, ao mesmo tempo,* etc e, assim como o "Background" passado, está relacionado às causas do evento principal, o que não ocorre com os Eventos Secundários, que não correspondem a informações que são as condições de existência da situação de que trata o evento principal, como podemos perceber no texto 1 do anexo, em que um Evento Secundário pode ser expresso pela macroproposição: " Silvana procurou a clínica, na Vila Mariana, para retirar gordura das coxas" (início do segundo parágrafo); a qual não corresponde à causa do Evento Principal (fechamento da clínica), que é o fato da clínica não ter licença.

4) **Episódio - Conseqüências:** as conseqüências dos eventos podem revelar a importância destes e, muitas vezes, jornalistas incluem no texto informações sobre fatos e ações que seguem os eventos, ressaltando assim a sua importância. Essas conseqüências também podem ocorrer através de **reações verbais ("verbal reactions")**, que correspondem a declarações dos envolvidos na notícia sobre as implicações do Evento Principal. Essa categoria é um instrumento para os jornalistas

inserirem comentários em seu texto de uma maneira mais imparcial, na medida em que se isentam de qualquer responsabilidade pelo conteúdo dos comentários, já que foram proferidos por outrem, é o que ocorre com muita freqüência em notícias que tratam de tema político e polêmico como eleições, CPIs, etc;

5) **Comentário:** essa categoria confere ao texto noticioso uma certa subjetividade, embora se siga o pressuposto de que haja uma opinião impessoal na notícia. Os comentários podem ser: **Expectativas** - referências a eventos futuros - e **Avaliações**, expressões avaliativas (bom, ruim, felizmente, infelizmente, etc). A respeito dessa categoria, Travaglia (1991) postula que pode ocorrer também em reação verbal, sendo assim recursiva, fato que foi constatado em nossa análise, em que temos várias notícias com comentário em reação verbal.

A seguir apresentamos o esquema proposto por Travaglia (1991) e no qual embasaremos nossa análise. As categorias são basicamente as mesmas de Van Dijk (1986), porém com a recursividade do Comentário.



Esquema 8 – Superestrutura da notícia
Fonte: **Travaglia (1991, p. 306)**

Dentre as categorias propostas, as únicas obrigatórias são o Resumo (Manchete e Lead) e Evento(s) ou acontecimento(s) principal(pais), embora o autor reconheça que, geralmente, além dessas partes, pelo menos o "Background" ocorre com bastante freqüência. Em nossa análise, constatamos que apenas a categoria de Eventos ou acontecimentos, com a realização de um Evento Principal, garante a realização da notícia.

Quanto à ordem dos fatos, não há uma seqüência cronológica, como ocorre em algumas narrativas literárias, mas uma seqüenciação que segue o princípio da relevância, ou seja, ocorrem primeiro as categorias mais importantes. Isso explica a ocorrência do Resumo sempre antes do texto da notícia em si, pois essa categoria expressa a macroproposição semântica mais elevada, indica o tema/tópico do texto, sintetizando os principais eventos e seus personagens. Esse princípio de relevância é ressaltando pelo Manual de Redação e Estilo do *Estado de S. Paulo*

(1990, p. 18-19), que postula: “Procure dispor as informações do texto em **ordem decrescente de importância** (princípio da pirâmide invertida), para que, no caso de qualquer necessidade de corte na matéria, os últimos parágrafos possam ser suprimidos, de preferência”.

Não só as categorias seguem a ordem da relevância, mas a própria realização delas segue um princípio semelhante, pois podemos encontrar, por exemplo, “restos” de uma categoria em trechos posteriores. Isso significa que o conteúdo das categorias podem não ocorrer de uma só vez, mas em parcelas, criando uma espécie de “zig-zag” que caracteriza o texto noticioso e sua organização que privilegia a relevância dos fatos/acontecimentos.

A partir de todo o instrumental teórico explanado acima, buscamos estabelecer quais textos são ou não jornalísticos, bem como realizar a caracterização dos gêneros jornalísticos, conforme abordamos no próximo capítulo.

3. ESTÁ NO JORNAL/REVISTA: É JORNALÍSTICO?

Neste capítulo, elencamos as categorias de texto encontradas no *corpus* (jornais e revistas) e estabelecemos critérios, segundo Swales (1990) e Marcuschi (2003), para a caracterização dessas categorias como textos/gêneros jornalísticos.

Além disso, apresentamos as características (função sociocomunicativa, estilo verbal, estrutura composicional e conteúdo) dos textos considerados jornalísticos, dos não-jornalísticos e daqueles de difícil classificação/definição.

3.1 Gêneros jornalísticos e a teoria da Comunicação

Conforme discussão iniciada na Introdução deste trabalho, as classificações e definições dos textos jornalísticos sob a ótica da teoria da Comunicação não possuem critérios lingüístico-composicionais, ou seja, que consideram o processo de constituição do texto/gênero.

Desse modo, encontramos na literatura da Comunicação teorias que se voltam para o leitor, o que acarreta uma classificação que considera mais o estilo, a linguagem usada, e outros aspectos do que a composição textual. É o que pode ser observado nas definições de diversos autores e extraídas de Medina, J.(2001), com grifo nosso:

> 1.Os gêneros jornalísticos são formas que os jornalistas buscam para se expressar. Seus traços definidores estão, portanto, no **estilo, no manejo da língua** (Gargurevich);
> 2.Os gêneros jornalísticos são formas de expressão jornalísticas que se definem pelo **estilo e assumem expressão própria pela obrigação de tornar a leitura interessante e motivadora** (Dovifat);
> 3.São formas utilitárias, pois as diferenças entre os gêneros surgem justamente da correspondência dos textos que os jornalistas escrevem em relação às inclinações e aos **gostos do público.** Ou seja, a essência do estilo jornalístico estaria na tentativa de fazer o relato do cotidiano, utilizando uma linguagem capaz de estar sintonizada com o que Gonzalo Martin Vivaldi chama de "linguagem de vida" e que pressupõe o uso de todos os recursos expressivos e vitais, próprios e adequados para expressar a variadíssima gama do acontecer diário (Folliet);
> 4.Jornalismo noticioso (crônicas, **colunas**, entrevistas, reportagem, editorial, artículo e notícia) e jornalismo literário (ensaio, **biografia, conto, histórias verídicas ou conto da vida real**) (Maria Júlia Sierra);
> 5.Notícia básica (a que concede a virtude da objetividade), notícia de interesse humano, entrevista, biografia popular, notícia interpretativa (subjetividade), reportagem especializada, **colunas**, reportagem investigativa e reportagem de campanha (Hohenberg);
> 6.Notícias correntes, crônicas especiais, nota de interesse humano, notícias sociais (englobando pessoas, notas breves, entretenimento e coluna social), **ilustrações (fotografia, caricaturas, mapas e diagramas)** e editoriais (Johnson Harris);
> 7.Nota informativa, entrevista, crônica, reportagem, **gráficos (fotos, caricaturas, mapas, tiras cômicas)**, colunas, artículos, testemunhos, resenhas, críticas, polêmica ou debate, campanhas, titulação e folhetins (Gargurevich);
> 8.Duas vertentes de classificação: 1. a reprodução do real, através da qual o jornalista comunica os fatos noticiosos (**jornalismo informativo**); 2. leitura do real **(jornalismo opinativo)**, que significa identificar o valor do atual e do novo na conjuntura que nutre e transforma os processos jornalísticos. (José Marques Melo); (MEDINA, 2001, p. 47-50).

A abordagem dos trabalhos da área de Comunicação mais voltada para o leitor e, conseqüentemente, para a situação e objetivos de comunicação é ressaltada por Coimbra (1993), segundo o qual:

> Os estudos do texto jornalístico têm dado ênfase quase que exclusivamente à ligação dele com o contexto. Tem valorizado apenas a sua primeira face. Isto parece natural dada a natureza essencialmente política (voltada para a *polis*) da atividade jornalística, dentro da qual o texto – como o som ou a imagem – é um instrumento (COIMBRA, 1993, p. 9).

Essa segunda face do texto refere-se ao pressuposto seguido pelo autor de que existe uma dupla face no texto escrito: a primeira está relacionada ao contexto extraverbal, já a segunda

refere-se à sua estrutura interna, a qual Coimbra (1993) pretende analisar em seu trabalho, porém, ao fazer uma classificação sobre os tipos de reportagem (dissertativa, narrativa, narrativo-dissertativa, dissertativo-narrativa e descritiva) ainda não encontramos critérios mais lingüísticos, que revelem a composição do texto jornalístico ou a sua segunda face.

Portanto, não encontramos nas teorias de Comunicação acima uma análise textual dos gêneros jornalísticos, ou seja, uma análise que revele os elementos básicos caracterizadores dos gêneros, que, segundo Bakhtin (1997), seriam: elementos de conteúdo temático (tema), estilo e estrutura composicional, inerentes a todo gênero.

Além disso, as classificações, algumas vezes, parecem colocar sob o mesmo prisma de análise elementos que possuem naturezas distintas. É o que ocorre quando se considera como um gênero jornalístico as colunas, que, segundo nosso ponto de vista, não são textos, mas espaços, lugares físicos pré-determinados para a publicação de um gênero.

A ausência de um rigor teórico e metodológico na definição e classificação dos textos do jornal é ressaltada pelo lingüista Bonini (2003), que afirma serem as teorias da Comunicação vagas quando se referem ao conceito de gênero, à definição dos gêneros presentes no jornal, à definição de gênero jornalístico e à definição da notícia, bem como sua diferenciação da reportagem.

Em artigo sobre o assunto, Bonini (2003) analisa manuais didáticos utilizados nos cursos de formação de jornalistas, teorias da Comunicação e manuais de jornais de circulação nacional.

Nos manuais de ensino de Amaral (1978 e 1982, apud BONINI, 2003); Bahia (1990 BONINI, 2003); Erbolato (1978 apud BONINI, 2003); Sodré & Ferrari (1986 BONINI, 2003), segundo o lingüista, não há o tratamento da notícia enquanto gênero, embora seja este texto apontado como a base do jornalismo. O que ocorre é uma espécie de dicas quanto aos

procedimentos práticos da rotina jornalística (recolhimento da informação, relação jornalista/assessoria de imprensa, etc) e o tratamento de temas como objetividade, neutralidade, credibilidade, ética jornalística, dentre outros.

Os gêneros citados nesses manuais resumem-se na *notícia, reportagem, entrevista e editorial*, sem, contudo, haver uma descrição mais precisa da composição textual destes gêneros; além do fato do termo notícia e reportagem comportarem conceitos bastante vagos e muitas vezes serem tomados como sinônimos. Segundo Bonini (2003, p. 7): "o aspecto movente dos gêneros do jornal se revela nos textos quando estes manuais tomam a notícia e a reportagem como o mesmo gênero ou uma pela outra".

O autor registra nesse trecho a confusão e ausência de clareza que se estabelece na definição da notícia e da reportagem, bem como na tomada de gênero como algo fixo e claramente identificável, uma vez que muitos teóricos da Comunicação analisam a presença e a freqüência de um gênero pela medição dos centímetros ocupados no jornal. Desse modo, o autor conclui que

> Os manuais de ensino de jornalismo, portanto, pouco podem nos informar sobre os vários gêneros que compõem o jornal, pois esta discussão não é feita, o conceito de gênero é empregado de modo intuitivo e a variedade abordada é pequena e sempre restrita aos textos mais típicos no meio (BONINI, 2003, p.7).

Na análise de textos teóricos do jornalismo, Bonini (2003) destaca os autores: Beltrão (1969, 1976, 1980 apud BONINI, 2003); Chaparro (1998 apud BONINI, 2003); Dias *et. al.* (1998 apud BONINI, 2003); Lage (1979 apud BONINI, 2003); Medina, C., (1978 apud BONINI, 2003); Medina, J. (2001 apud BONINI, 2003) e Melo (1985, 1992 apud BONINI, 2003); destacando que, em todos eles, embora em alguns haja a referência a um conceito de gênero

(como o proposto por Bakhtin), não há a discussão do termo e a análise se limita ao gênero notícia.

No quadro abaixo, extraído de Bonini (2003), temos a classificação de Beltrão e Melo para os gêneros do jornal.

Beltrão	Melo
a) jornalismo informativo 1. notícia 2. reportagem 3. história de interesse humano 4. Informação pela imagem *b) jornalismo interpretativo* 5. reportagem em profundidade *c) jornalismo opinativo* 6. editorial 7. artigo 8. crônica 9. opinião ilustrada 10. opinião do leitor	*a) jornalismo informativo* 1. nota 2. notícia 3. reportagem 4. entrevista *b) jornalismo opinativo* 5. editorial 6. comentário 7. artigo 8. resenha 9. coluna 10. crônica 11. caricatura 12. carta

Quadro 3. Organização dos gêneros jornalísticos
Fonte: Melo (1985, 1992) e Beltrão (1969, 1976, 1980) apud Bonini (2003, p. 7).

Percebemos que alguns gêneros não são citados pelos autores (como a entrevista em Beltrão e o boletim metereológico em ambos) e a coluna, presente em Melo, não parece,

conforme expusemos anteriormente, um gênero, mas um espaço físico determinado para a publicação de certos textos.

Chaparro (1998 apud BONINI, 2003) propõe outra classificação, pois considera que os paradigmas informação/opinião não são distintivos, uma vez que a opinião do jornalista está sempre presente em seu texto, mais ou menos explicitamente.

Gênero COMENTÁRIO		Gênero RELATO	
Espécies Argumentativas	*Espécies Gráfico-Artísticas*	*Espécies Narrativas*	*Espécies Práticas*
Artigo	Caricatura	Reportagem	Roteiros
Crônica	Charge	Notícia	Indicadores
Cartas		Entrevista	Agendamentos
Coluna		Coluna	Previsão de tempo
			Cartas-consulta
			Orientações úteis

Quadro 4. Organização dos gêneros jornalísticos.
Fonte: Chaparro (1998 apud BONINI, 2003, p. 10).

Chaparro (1998) define que a narração e a argumentação estão na base do jornalismo e os gêneros relato e comentário definem ambas perspectivas, respectivamente. Porém, mais uma vez temos definições imprecisas e critérios distintos que se mesclam numa mesma classificação; o que podemos perceber na menção à caricatura, à charge e à coluna como pertencentes aos gêneros jornalísticos; pois acreditamos que os dois primeiros textos funcionam mais como contextualizadores de notícias ou artigos e a coluna é um lugar de publicação e não um gênero.

Além disso, a previsão do tempo, caracterizada como pertencente ao gênero relato e, conseqüentemente, ao tipo narrativo, apresenta-se como um texto híbrido, constituído pelos tipos descritivo e preditivo, embora possa conter trechos narrativos.

Por último, Bonini (2003) tece poucos comentários a respeito de manuais de estilo produzidos por jornais (como *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, dentre outros), que correspondem a dicas de escrita, listagens de erros gramaticais que devem ser evitados e normas de padronização para o jornal.

Percebemos, portanto, que as teorias da Comunicação, apesar de nos fornecerem um rico inventário que podemos tomar como um *corpus* inicial de análise, não nos fornece bases sólidas e critérios lingüísticos de composição social dos gêneros do jornal. Conforme registra Bonini (2003):

> [...] no campo da ciência da comunicação, há uma defasagem teórica quanto à discussão da noção de gênero. Enquanto os autores em outros campos têm tratado o gênero textual como um fenômeno de linguagem socialmente constituído (ligado a atos enunciativos ou a ações de linguagem efetivos ou efetiváveis) e tentado construir modelos explicativos da ação dos sujeitos na linguagem, no campo da comunicação, os estudos ainda se inscrevem em uma perspectiva tipologizante[12]. É difícil depreender, nesta literatura, o que é um gênero jornalístico, bem como quais são os gêneros que compõem o jornal (BONINI, 2003, p. 2).

3.2 Gêneros Jornalísticos e a Lingüística Textual

Além de uma teoria tipológica de textos, o alcance de nossos objetivos deve seguir pressupostos teóricos que nos auxiliem na delimitação de critérios para a definição e classificação

[12] O termo tipologizante é tomado por Bonini (2003) com um sentido pejorativo, para expressar a ausência de investigação científica na definição de gênero e gêneros jornalísticos, revelando uma mera "etiquetação" dos textos feita pelos comunicólogos.

de um gênero como caracteristicamente jornalístico, uma vez que consideramos que nem tudo o que é publicado no jornal ou revista pode ser classificado como um texto/gênero jornalístico. Como não encontramos nas teorias da Comunicação uma referência teórica para tal, nosso ponto de partida refere-se ao conceito de comunidade discursiva, estabelecido por Swales (1990) e exposto no referencial teórico deste trabalho.

Desse modo, o princípio que acreditamos ser pertinente para que um gênero pertença ao jornalismo é o fato de pertencer à comunidade discursiva jornalística e, conseqüentemente, ser produzido por um jornalista, profissional qualificado que constitui essa comunidade e tem o conhecimento dos gêneros específicos dessa esfera de atividade social e humana.

Os critérios elencados por Swales (1990) para identificar uma comunidade discursiva serão utilizados tanto para a delimitação do *corpus* (os textos a serem pesquisados são aqueles pertencentes à comunidade discursiva jornalística) quanto para a construção de critérios de delimitação e definição do texto como jornalístico ou não. O conceito de comunidade discursiva, portanto, sob nossa ótica de análise, organiza, se não todas, a maioria das categorias de texto existentes em qualquer sociedade.

Além de Swales (1990), também serão utilizados como parâmetro de definição os conceitos de gênero e suporte, propostos por Marcuschi (2003), pois o simples fato de um gênero pertencer à comunidade discursiva jornalística não nos parece suficiente para sua classificação como jornalístico (como o boletim meterológico, os classificados, a crônica, a resenha ou crítica de cinema, o horóscopo, as tiras, dentre outros).

Em texto de assunto bastante inédito, Marcuschi (2003) procura contribuir para a reflexão e proposição de um estudo que aborde a questão dos suportes dos gêneros textuais, tema ainda pouco investigado na Lingüística Textual.

O lingüista parte da idéia central de que todo gênero se atualiza num suporte, embora este muitas vezes não seja facilmente identificável. Sendo assim, o suporte é indispensável para a circulação do gênero na sociedade e deve influenciar na constituição do gênero suportado.

Os dicionários de língua portuguesa trazem vários conceitos de suporte, porém, essas concepções não são suficientes para uma análise mais rigorosa. Suporte, então, é definido pelo autor, intuitivamente, "como um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto" (MARCUSCHI, 2003, p. 3). Ou, ainda, "suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto" (MARCUSCHI, 2003, p.3) .

Essa concepção possui três aspectos: 1) o suporte possui uma materialidade, 2) um formato específico e 3) serve para fixar o texto e torná-lo acessível. Apesar de propor um conceito, Marcuschi afirma ser complexa a conceituação e a identificação do suporte, que devem levar em consideração as seguintes categorias de análise:

1. Discurso – que é o texto em seu funcionamento sócio-histórico, considerando-se o aspecto enunciativo;
2. Texto – que configura-se em um evento comunicativo que engloba aspectos cognitivos, lingüísticos e sociais;
3. Domínio discursivo – que, segundo Bakhtin, deve ser entendido como uma esfera de atuação humana, que dá origem a vários gêneros textuais;
4. Gênero textual – são textos orais ou escritos que se materializam em situações comunicativas. Constituem uma listagem aberta;
5. Tipo de texto – são em número limitado e definem-se por características lingüísticas como tempos verbais, modalidade, estrutura sintática, etc;

6. Evento discursivo – refere-se ao próprio evento comunicativo e pode coincidir com gênero;
7. Serviço – veicula o gênero em algum suporte;
8. Canal e meio – enquanto o suporte caracteriza-se como um fixador, o canal se caracteriza como um condutor;
9. Instituição – são estruturas de formação discursiva, como escola, igreja, quartel, universidade, etc;
10. Grandes continentes – grandes "armazéns" que concentram materiais escritos e orais, como bibliotecas, livrarias, escritórios e museus;

Feita essa explanação das categorias analíticas, Marcuschi (2003) distingue dois tipos de suporte: **o convencional e o incidental**. O primeiro é criado para o fim de fixar e portar textos, já o segundo adquire essa função acidentalmente.

Como exemplo de **suportes convencionais** temos: livro em papel, livro didático, jornal (diário), revista de informação (semanal, mensal), revista científica (boletins e anais), quadro de avisos, outdoor, encarte, folder, luminosos, faixas e livro eletrônico. Existem ainda entidades que podem ser ora suportes ora meios, são elas: rádio, televisão e telefone.

Dentre os **suportes incidentais** estão: embalagens, pára-choque e pára-lamas de caminhão, roupas, corpo humano, paredes, muros, paradas de ônibus, estações de metrô, calçadas, fachadas e janelas de ônibus. E, por fim, existem os **serviços:** Correios, e-mail, mala direta, internet, *homepage* e portal.

Em relação à influência do suporte na constituição do gênero, existem indagações sobre as interferências do suporte na função dos gêneros, bem como a influência do suporte no processo de textualização do gênero. Essas são questões ainda não respondidas de maneira consensual,

porém, é fato que um mesmo gênero pode ser constituído (conteúdo e estrutura interna) de forma diferente, dependendo do suporte em que ocorre[13].

Além disso, a relação do leitor com o gênero pode variar de acordo com o suporte. Segundo Possenti (2002 apud MARCUSCHI, 2003), Chartier acredita que se lê de forma diversa o mesmo texto quando está em suportes diversos, não no sentido de se compreender diferentemente o texto e sim no sentido de se manter com ele uma relação diferente, ou seja, há uma relação diferente, por exemplo, ao se ler um edital de concurso num jornal ou na internet, pois no jornal podemos fazer anotações, sublinhar etc., interferindo no texto, mas na internet isso já não é possível, sendo necessário para tal a impressão do texto.

Em suas considerações finais, Marcuschi enfatiza o fato da necessidade de mais estudos aprofundados a respeito dos suportes, pois nem sempre a sua identificação e diferenciação de outras categorias (gênero, serviço, canal, evento) são claras e objetivas.

Partindo, então, dessa diferenciação entre gênero, suporte, canal e serviço, somada aos critérios de Swales (1990), pretendemos estabelecer critérios para uma definição do que se pode considerar como texto/gênero jornalístico.

Desse modo, serão entendidos como tal aqueles textos que fazem parte da comunidade discursiva jornalística e para os quais o jornal escrito e a revista funcionam, essencialmente, como suporte e primeiro lugar de fixação e divulgação de seus conteúdos, e não como serviço ou canal.

Portanto, são critérios de análise das categorias de texto encontradas nos jornais e revistas:

1) O fato de pertencerem à comunidade discursiva jornalística, ou seja, de serem produzidos por um profissional especializado, que possui, juntamente com

[13] Por exemplo, um artigo escrito por um filósofo a respeito de uma situação política no Brasil seria produzido da mesma maneira para um jornal e para uma revista acadêmica?

outros membros, um objetivo público comum (que no caso dos jornalistas é informar a população sobre os mais variados acontecimentos) e que produz gêneros específicos para o alcance desse objetivo (como a notícia, que é produzida para fazer o leitor conhecer um determinado acontecimento);

2) O fato do jornal ou revista funcionar como suporte e não como um serviço ou canal. Neste último caso podemos ter gêneros produzidos por profissionais de outras comunidades discursivas e que têm o jornal mais como meio de divulgação a mais do que fixação de seu conteúdo e reflexo de uma atividade profissional de um certo grupo social.

No primeiro critério, estão implícitos os seis parâmetros estabelecidos por Swales (1990) para a delimitação de uma comunidade discursiva. Dentre eles, acreditamos que o mais "forte" seja o que postula um produtor específico, ou seja, um texto, para pertencer a uma comunidade discursiva, deve ser produzido por um membro dessa comunidade.

Porém, esse critério não é suficiente, pois podemos considerar, por exemplo, que uma programação televisiva (categoria de texto encontrada) pode vir "pronta" ou que o jornalista apenas recolhe as informações de alguma fonte e edita no jornal. Nesse caso, quem produz esse texto? Da mesma maneira, quem é o produtor de textos como boletim metereológico, indicadores econômicos e obituário, que podem vir "quase" prontos, sendo o jornalista responsável apenas pela sua edição final?

Além disso, as tiras e as charges, por exemplo, podem ser produzidas por jornalistas, mas esse gênero pertence à comunidade jornalística? Ou seja, ele reflete a existência de vários profissionais envolvidos com o objetivo público comum de informar a população, constituindo-se em tipificações de ações de jornalistas?

Do mesmo modo, nosso segundo critério também apresenta alguns questionamentos, como a própria definição e diferenciação de suporte, canal e meio, que é bastante complexa. Por exemplo, resumos de filmes podem ser encontrados nos encartes da fita VHS ou do DVD e a programação televisiva pode ser encontrada em revistas de programação (Tv fechada). Seria o jornal um suporte, utilizado para fixar esses gêneros, um serviço prestado à população ou um meio/canal de divulgação? Nos dois últimos casos, quais seriam então o suporte desses gêneros?

Apesar dessas limitações, acreditamos que nossos critérios são pertinentes, na medida em que, apesar de levantar questionamentos em relação a certos gêneros, estabelecem esclarecimentos em relação a outros.

É importante ressaltar, principalmente por termos consciência da dinamicidade dos gêneros e diante das limitações expostas acima, que nossa proposta não é absoluta e podem ocorrer reflexões diversas da nossa, uma vez que outras perspectivas teóricas e pontos de vista podem ser adotados, ocasionando delimitações e conceituações diferentes das adotadas neste trabalho.

3.3 Categorias de textos encontradas em jornais e revistas

A partir da leitura dos três jornais e das duas revistas explicitadas no *corpus* deste trabalho, enumeramos 32 categorias de texto que, apesar de constituírem-se em gêneros textuais, segundo Bakhtin (1997), Travaglia (1991, 2003b) e Bazerman (2005), pois acreditamos que possuem uma função social, fazem parte de uma esfera de atividade humana e representam

tipificações de ações sociais; nem todas possuem como função principal ou função primeira[14] informar o leitor sobre os acontecimentos do país e região (objetivo de todo meio de comunicação, e, especificamente, de jornais e revistas), nem integram a comunidade discursiva jornalística, no sentido de representarem gêneros específicos dessa comunidade.

JORNAL	REVISTA
Artigos ou ensaios	Artigos ou ensaios
Balancetes de empresas	Carta ao Leitor
Boletim metereológico	Carta do Leitor
Carta do Leitor	Chamada
Chamada	Charge
Charge	Crônica
Classificados	Dicas de livros e filmes
Crônica	Entrevista
Dicas de livros, filmes, moda, ect.	Indicadores econômicos
Edital	Índice
Editorial	Propaganda
Entrevista	Resenha/crítica (literária, de cinema)
Errata	Resumo de livro
Horóscopo	Sinopse de filme
Indicadores econômicos	Testes
Índice	Texto-legenda
Nota de falecimento/obituário	Textos informativos/úteis
Notícia ou reportagem	Notícia ou reportagem
Ombudsman	
Palavras cruzadas	
Perfil	
Roteiro/Programação televisiva	
Propaganda	
Receita culinária	
Resenha/crítica (literária, de cinema, esportiva, de culinária, etc).	
Resumo de livro	

[14] Acreditamos que, a princípio, todos os textos publicados em jornais e revistas podem ser entendidos como tendo a função sociocomunicativa de informar o leitor, porém, essa constatação não é suficiente para diferenciarmos os gêneros jornalísticos entre si.

Sinopse de filme	
Teste	
Texto-legenda	
Textos informativos/úteis	
Tira/história em quadrinhos	

Quadro 5. Categorias de texto encontradas nos jornais e revistas do *corpus*.

A seguir, iniciamos a discussão a respeito de quais dessas categorias de textos consideramos jornalísticas, quais seriam não-jornalísticas e por que, de acordo com nosso referencial analítico. Conforme será abordado, algumas categorias se mostraram de difícil inclusão em um grupo ou outro.

3.4 Gêneros não-jornalísticos

As categorias de texto encontradas nos jornais e revistas que consideramos não-jornalísticas foram:

1) artigo (de política, opinião, economia, informática e ciência);

2) boletim metereológico;

3) classificados;

4) crônica;

5) edital;

6) horóscopo;

7) indicadores econômicos;

8) nota de falecimento/obituário;

9) palavras cruzadas;

10) propaganda;

11) roteiro/programação televisiva ou não ("Filmes da semana", "Novelas da Semana", "Filmes de Hoje", "Exposições", "Espetáculos de dança e teatro", etc);

12) charges;

13) tiras ou quadrinhos;

14) resenha ou crítica;

15) receita culinária;

16) sinopses de filme;

17) dicas de filmes e livros;

18) testes;

19) balancetes de empresas;

20) resumo de livro

Quanto à **propaganda, sinopses de filmes, resumos de livro, palavras cruzadas, horóscopo, nota de falecimento, edital, receita culinária, balancetes, charges e tiras,** esses gêneros não fazem parte da comunidade discursiva jornalística, pois:

1) não há um conjunto de pessoas com um objetivo público comum no momento de suas produções;

2) os produtores desses gêneros não possuem mecanismos de comunicação entre si e, muitas vezes, não há vários produtores envolvidos, constituindo uma comunidade de uma determinada atividade social e profissional;

3) pode não haver um conjunto de pessoas para a produção desses textos no domínio discursivo jornalístico, mas pode haver outro domínio, outra esfera de atividade ou outra

comunidade, ou seja, esses gêneros podem pertencer a uma comunidade discursiva diferente da jornalística, mas em que há um grupo de indivíduos especializados, com mecanismos de participação, como reuniões, e produção de gêneros específicos com uma linguagem específica.

Portanto, esses gêneros podem ser uma tipificação de ações de outros profissionais que não os jornalistas. Assim temos: a) o edital, por exemplo, que pode ser da comunidade discursiva da Administração pública ou do comércio; b) a propaganda, que é produzida por especialistas em publicidade, que possuem um grau de instrução adequado para tal; e c) as charges ou tiras, que acreditamos constituírem outra comunidade discursiva, apesar de alguns teóricos relacionarem o surgimento das tiras ao jornal impresso, como ocorre com a crônica.

Sendo assim, o jornal e a revista funcionam mais como um meio de divulgação desses gêneros ou como uma prestação de serviços do que como suporte, já que acreditamos que são produzidos em outras comunidades discursivas, mas divulgados nos jornais e revistas, mantendo fortes vínculos com tais veículos de comunicação, inclusive, muitas vezes, sendo publicados como estratégias dos mesmos para atrair um público comprador.

Quanto às **dicas de livros, filmes, moda ect,** acreditamos que esse gênero, com a função sociocomunicativa de vender, é uma espécie de propaganda, já que possui a mesma função sociocomunicativa desta, porém, exerce essa função de uma maneira mais sutil, como se estivesse "aconselhando" o leitor a comprar um determinado livro ou a assistir a um determinado filme.

Dentre os gêneros não-jornalísticos citados acima, existem aqueles que consideramos de difícil caracterização como jornalísticos ou não, como ocorre com os indicadores econômicos, os artigos, o boletim metereológico, o roteiro/programação televisiva, os classificados, a crônica e a resenha/crítica.

Em relação ao **boletim metereológico, os classificados e os indicadores econômicos,** apesar de o jornal parecer mais um serviço ou canal que um suporte, não são encontrados em outro lugar, embora possam ser consultados na internet, que, segundo Marcuschi (2003), é um canal ou meio.

Além disso, esses gêneros podem ser produzidos por jornalistas, embora estes busquem as fontes mais diversas para produzirem esses textos, os quais, muitas vezes, podem chegar até esses profissionais "quase prontos". Porém, jornalistas podem ser responsáveis pela "confecção" final desses gêneros, problemática que já expusemos anteriormente.

A **crônica** como um gênero jornalístico nos parece problemática, principalmente, devido à sua origem; já que é um texto cujo surgimento está intimamente ligado ao jornal impresso, embora atualmente possamos encontrar livros apenas de crônicas, as quais, geralmente, são assinadas e podem ser produzidas por jornalistas ou não. No segundo caso, são profissionais de outras comunidades, como a literária, por exemplo.

O **roteiro ou programação televisiva, de cinema, de espetáculos, etc** atende a alguns critérios de delimitação de comunidade discursiva, como:

1) a existência de um objetivo público comum (informar e divulgar ao leitor quanto ao que poderá encontrar na televisão, cinema, teatro, casas de espetáculo, etc em determinados dias, horários e canais);

2) pode ser "produzido" por jornalistas, porém, à semelhança dos classificados, boletim metereológico e indicadores econômicos; não traduzem um conhecimento especializado da comunidade jornalística que é necessário para sua composição: sempre se busca as informações junto aos interessados (classificados, obituário, programações) ou especialistas (boletim metereológico, informes econômicos), que podem fornecer os textos já prontos;

3) pode ser considerado um gênero específico de comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística e o público alvo;

4) possui especificidades de estrutura e composição textual que refletem a atuação de membros da comunidade discursiva com o objetivo público comum de informar leitores.

Porém, esse gênero parece não possuir o jornal como suporte de fixação, mas como um serviço prestado à população, além do fato de não pertencer, à primeira vista, a uma comunidade discursiva diferente da jornalística, a não ser que consideremos uma comunidade discursiva artística e/ou do entretenimento.

Quanto aos **artigos e resenhas,** temos o fato de que podem ou não serem escritos por jornalistas e ambos os gêneros podem ser encontrados em revistas acadêmicas especializadas em um determinado assunto. Porém, surge outra questão: esses textos são produzidos da mesma maneira em ambos os suportes, ou para o jornal possui uma elaboração diferente de quando são publicados para uma revista especializada?

Esse problema está intimamente relacionado à questão das funções dos gêneros em relação à comunidade discursiva e ao suporte, ou seja, até quanto o suporte e a comunidade influenciam a composição e definição dos gêneros? Os gêneros encontrados em várias comunidades, como a errata, a entrevista, o índice e o que aqui chamamos de textos informativos mudam de função de acordo com a comunidade e o suporte? A resposta a essas perguntas demandam estudos mais específicos que, infelizmente, não podemos desenvolver para/nesta dissertação.

Em relação aos **testes (**“teste sua saúde”, “sua capacidade de leitura”, ect), que podem ser de várias naturezas, aparecem sempre acompanhando uma notícia ou artigo e são textos que funcionam como uma espécie de entretenimento aos leitores, podendo ocorrer em várias

comunidades discursivas. Portanto, não consideramos os testes como constituintes de uma notícia ou outro texto, mas como um texto "extra" que, geralmente, possui o mesmo tema da notícia em questão e pode ser considerado, à semelhança dos jogos, horóscopos e palavras cruzadas, como um entretenimento.

3.5 Gêneros jornalísticos

Consideramos como gêneros jornalísticos as seguintes categorias de texto:

1) carta ao leitor;

2) cartas dos leitores;

3) chamadas;

4) editorial;

5) entrevista;

6) errata;

7) índice;

8) notícia ou reportagem[15];

9) "ombudsman";

10) perfil;

11) texto-legenda;

12) textos informativos.

[15] Neste trabalho, não será feita a distinção entre notícia e reportagem, uma vez que acreditamos que toda reportagem é uma notícia, conforme abordaremos mais adiante.

Apesar do fato de podermos encontrar **errata, índice, entrevista** e **textos informativos** em outras comunidades, não sendo estes gêneros exclusivos da comunidade jornalística, acreditamos pertinente sua classificação como jornalísticos; pois, quando produzidos dentro dessa comunidade, são textos que refletem a existência de indivíduos que possuem um conhecimento especializado (jornalistas) e que realizam uma determinada ação social.

Além disso, para todos esses textos, o jornal e a revista funcionam mais como um suporte do que um serviço ou canal, pois são os principais meios de fixação e divulgação dos mesmos.

Propomos abaixo uma breve caracterização dos gêneros considerados jornalísticos, bem como daqueles cuja definição nos parece bastante complexa, a fim de que possamos refletir sobre a questão, na tentativa de encontrarmos princípios de análise que nos auxiliem numa proposta de melhores esclarecimentos classificatórios dessas categorias de texto de difícil classificação como jornalísticas ou não.

Como parâmetros de caracterização, procuramos ressaltar nos gêneros abaixo sua função sociocomunicatica (característica definidora dos gêneros segundo Travaglia 2003b)[16], bem como os três elementos inerentes a todo gênero segundo Bakhtin (1997): 1. sua estrutura composicional (que sob nosso ponto de vista está relacionada ao tipo textual e à superestrutura do tipo e do gênero), 2. estilo verbal e 3. conteúdo temático.

3.5.1 Carta do Leitor

[16] Além das funções sociocomunicativas propostas para esses gêneros, todos possuem como função a própria atividade jornalística, ou seja, a divulgação de informações de vários assuntos, refletindo o compromisso ético do jornalista com a população.

> "É um recurso em que o leitor pode expressar seus pontos de vista e opiniões" (2001)

As Cartas são textos produzidos pela população em geral sobre temas diversos, geralmente relacionados a matérias já publicadas, ou em voga no momento e enviados à Redação do jornal ou revista, os quais têm o direito de selecionar trechos e textos completos para serem publicados numa seção especifica.

A função sociocomunicativa desse texto é, portanto, a de dar espaço a opiniões outras que não sejam a do jornal/revista, embora não possamos negar a existência de uma política interna que pode proibir a publicação de uma determinada Carta. Como se tratam de textos alheios, as Cartas são sempre assinadas com o nome e a localização (uma pequena descrição) de seu locutor, retirando do jornal ou revista a responsabilidade direta pelo seu conteúdo.

Em geral, esse gênero possui uma linguagem mais coloquial, embora haja uma preocupação com as "regras gramaticais", tais quais postuladas nas gramáticas normativas. Porém, o conjunto lexical das Cartas não costuma conter palavras de pouca recorrência na linguagem do dia-a-dia, dispensando, por exemplo, o uso de dicionários para que seus sentidos sejam interpretados. O que pode ocorrer é o uso de jargões de uma determinada área, dependendo do produtor da Carta e do tema desta.

Quanto ao tipo textual, esse gênero não está relacionado a um único tipo, pois encontramos Cartas argumentativas *stricto sensu* (anexo 2) e dissertativas (anexo 3), com trechos narrativos e descritivos[17].

[17] A descrição sempre ocorre no final da carta, indicando o nome do autor, sua profissão, sua localização espacial (cidade e estado) e, às vezes, seu endereço de e-mail. Porém, também foram encontrados trechos descritivos no "corpo" da Carta, podendo esses trechos funcionar como argumento ou contra-argumento no caso do gênero desenvolver o tipo argumentativo.

Nas primeiras, fica claro que o locutor vê seu alocutário como alguém que não concorda com suas idéias e opiniões, instaurando o discurso da transformação. Isso fica evidente na referência a textos anteriores, cujo conteúdo é combatido na Carta.

Nos textos dissertativos, também pode haver uma referência a Cartas anteriores, porém, não há uma divergência de idéias nem é pretendido pelo locutor se posicionar contrariamente ao conteúdo anteriormente publicado. Neste caso, o locutor não vê o alocutário como adversário, não inicia seu texto já numa posição de contra-ataque, mas pretende se colocar na perspectiva do saber/conhecer, tecendo comentários e transmitindo informações.

Nos cadernos *Estadinho* e *Folhinha*, do *Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, respectivamente, as Cartas; apesar de possuírem a mesma função sociocomunicativa daquelas publicadas no caderno de política, apresentam uma diferença quanto à sua forma.

O que percebemos é que a interação entre leitores e o jornal se dá através de imagens, já que o público alvo desses dois cadernos são crianças e pré-adolescentes. Desse modo, não são enviados textos sobre um determinado assunto à Redação, mas desenhos diversos, abaixo dos quais também há uma descrição de seus autores (nome, idade e, às vezes, pequenos comentários do jornal).

Diante desse texto que possui a mesma função sociocomunicativa das Cartas, mas que realiza essa função de uma forma diferente e desenvolvendo temas também diferentes, acreditamos que as Cartas dos cadernos infantis (anexo 4), textos mistos (signo verbal e não-verbal), configuram-se em espécies vinculadas ao gênero Cartas.

Quanto ao tipo, no que se refere à parte constituída por signos verbais, encontramos "Cartas infantis"[18] descritivas, já que logo abaixo das imagens o que há são sempre descrições dos autores, e dissertativas, pois pode haver um comentário do jornal. O esquema abaixo nos mostra essa relação:

Tipo ——————— **gênero** ——————— **espécie**
(Carta do leitor) (Cartas de cadernos infantis)

Quanto às Cartas que não são publicadas nos cadernos infantis, podem ser tanto dissertativas quanto argumentativas, portanto, sua superestrutura e aspectos do tipo vão variar conforme o tipo desempenhado. No primeiro caso, temos o locutor na perspectiva do conhecer abstraído de tempo e espaço, bem como outros aspectos da relação entre locutor, alocutário e situação de interação, conforme o quadro abaixo:

Texto 3: "Direito penal do terror"

GÊNERO:	Carta do Leitor
Função sociocomunicativa do gênero:	Promover a interação direta entre leitores e jornal/revista, através de textos de opinião produzidos por essa população e publicados numa seção específica.
TIPO:	Dissertativo
Perspectiva do locutor	Enunciador na perspectiva do conhecer,

[18] Estamos nomeando esse gênero de "Cartas infantis", porém, essa nomenclatura deve ser melhor pensada em estudos posteriores.

	abstraído do tempo e do espaço.
Objetivo do enunciador	Busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações.
Forma como se instaura o interlocutor	Como ser pensante, que raciocina.
Tempo referencial	Simultaneidade das situações
Relação entre o tempo de enunciação e o referencial.	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial.

Quanto à relação entre os tempos referencial e de enunciação, o texto "Direito penal do terror" configura-se numa dissertação passada, pois o fato que está sendo comentado (o afastamento do juiz Livingsthon) ocorreu num momento anterior ao da publicação da Carta, portanto, o tempo referencial é anterior ao tempo de enunciação.

Já o texto 2 realiza o tipo argumentativo *stricto sensu* e as categorias de superestrutura desse tipo

Texto 2: "CPI dos Correios"

GÊNERO:	Carta do Leitor
Função sociocomunicativa do gênero:	Promover a interação direta entre leitores e jornal/revista, através de textos de opinão produzidos por essa população e publicados numa seção específica.
TIPO:	Argumentativo "stricto sensu"
Perspectiva do produtor do texto	Enunciador na perspectiva do argumentar, apresentar argumentos para uma determinada conclusão.

Objetivo do enunciador	O que se quer é convencer ou persuadir alguém ou um grupo de pessoas.
Forma como se instaura o interlocutor(es)	Como alguém que não concorda com o que está sendo dito (discurso da transformação).
Tempo referencial	Indiferença quanto à simultaneidade ou não das situações.
Relação entre o tempo de enunciação e o referencial.	O tempo de enunciação pode ser anterior, posterior ou concomitante ao tempo de enunciação.

No texto "CPI dos Correios", temos vários fatos passados usados como contra-argumentos para contestar uma reportagem publicada anteriormente.

Devemos registrar que no trecho referente aos argumentos e contra-argumentos, há fragmentos de narração e descrição e na conclusão há injunção: "que todos os responsáveis sejam punidos".

3.5.2 Carta ao Leitor

Esse gênero foi encontrado apenas nas revistas e pode ser definido como uma espécie de editorial, ou seja, expressa a opinião da revista a respeito de um assunto ou acontecimento importante (função sociocomunicativa).

Desse modo, essa Carta também constitui-se num gênero do tipo argumentativo *stricto sensu* (discurso da transformação), em que podemos encontrar a defesa de argumentos a favor de

um determinado ponto de vista, além de traçar comentários a respeito da pertinência, relevância e enfoque de uma notícia (anexos 5 e 6).

Assim como o editorial, a Carta ao Leitor só é produzida por um profissional que é responsável pela divulgação da posição ideológica[19] da revista, uma vez que o texto produzido nos dá pistas da "linha argumentativa" e da política editorial do referido meio de comunicação.

A única diferença entre esse gênero e os editoriais parece ser o suporte, sendo assim, estaríamos diante de um exemplo de gênero que recebe uma nomeação diferente em decorrência do meio em que é veiculado. A mudança, portanto, é apenas de nomenclatura, não mudando a comunidade discursiva em que estão inseridos, suas funções sociocomunicativas e características estruturais; já que em ambos os casos temos a realização do mesmo tipo (argumentativo *stricto sensu*).

3.5.3 Editorial

> "Texto que expressa a opinião oficial do jornal sobre os acontecimentos de maior repercussão no momento" (2001)

O editorial, conforme mencionamos acima, é um gênero argumentativo *stricto sensu* presente no jornal, pois apresenta o conjunto de valores desse meio de comunicação, instaurando um discurso da transformação.

[19] Posição ideológica aqui se refere a uma tomada de posição frente a um determinado assunto/acontecimento, principalmente aqueles referentes à situação político-econômica do país ou até mesmo de outros países e regiões.

Esse gênero implica tomadas de posição e estabelecimentos de opiniões a respeito de um ou vários temas, geralmente em voga no momento. Seu locutor, portanto, procura transformar seu alocutário (adversário) em seu cúmplice, visando à persuasão e ao convencimento.

Os editoriais tratam de tema geralmente em voga no momento de publicação do jornal ou relacionado à notícia considerada principal na edição. Seu estilo verbal não possui a mesma coloquialidade da Carta do Leitor, por exemplo, pois possui uma linguagem mais elaborada e pode ter um vocabulário bastante específico do tema.

São exemplos de editoriais os textos 7, 8 e 9, os quais expressam a opinião e a argumentação dos jornais a respeito de um determinado tema.

3.5.4 Entrevista

> "Permite ao leitor conhecer opiniões e idéias das pessoas envolvidas no ocorrido ou em um determinado assunto" (Medina, J., 2001)

O gênero entrevista possui a função sociocomunicativa de mostrar aos leitores a opinião e o perfil do entrevistado, bem como levantar uma discussão sobre um determinado tema. Podemos ter entrevistas mais pessoais, em que o jornalista pode fazer perguntas quanto a gostos musicais, artísticos, de moda, e características físicas e psicológicas (texto 10). Ao final da entrevista, o leitor terá uma espécie de perfil, ou seja, poderá inferir características pessoais do entrevistado.

Porém, não podemos confundir esse perfil criado ao longo da entrevista com o gênero **Perfil**, que é "um tipo de biografia sobre um dos personagens da reportagem" (MEDINA, J., 2001, p. 54). Consideramos, portanto, um perfil adjetivo, que pode ser criado numa entrevista, por uma seqüência dialogal, e um perfil substantivo, que é um gênero jornalístico composto pelo tipo descritivo.

Podemos também ter entrevistas de temas sociais, como política (texto 11). Além dessas características, encontramos uma entrevista em que o entrevistador parece se colocar, de imediato, como adversário do entrevistado. Isso ocorreu na entrevista que aparece abaixo do artigo do "ombudsman" (texto 12), a qual complementa a linha argumentativa do locutor, que argumenta a favor do leitor e contra a política do jornal de publicar textos polêmicos sem assinatura. Nesse caso, a entrevista completa a argumentação do "ombudsman", na medida em que ele faz perguntas que procuram apontar e mostrar o que está por trás de um texto não assinado.

A superestrutura da entrevista possui diálogos com trocas de turno. As falas do entrevistador e do entrevistado são sempre alternadas, podendo um ou outro se estender mais em sua fala, mas sempre um após o outro, com eventuais sobreposições se a entrevista for oral, o que não é o caso dos textos do nosso *corpus*; que não possuem mais as marcas da oralidade, apagadas pela editoração da entrevista.

Além da troca de turnos, toda entrevista analisada possui uma espécie de introdução, que antecipa a primeira pergunta. Nessa introdução, pode haver ou não um resumo da entrevista, mas sempre há informações sobre o entrevistado e o tema que será discutido. Pode haver também um título e uma linha fina, o que nos dá a impressão de estarmos diante de uma notícia, fato que desconsideramos pela superestrutura da entrevista (presença de perguntas e respostas), embora o

Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo (1990, p. 31) postule que a entrevista "pode tanto ser a própria reportagem como apenas parte dela".

A entrevista também é um recurso do jornalista para obter informações e, a partir delas, compor uma notícia, conforme já registramos. É o que assinala o Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo (1990, p. 31): "a entrevista constitui uma das principais fontes de informação do jornal e está presente, direta ou veladamente, na maioria das notícias que ele publica". Nesse caso, a entrevista geralmente constitui-se num texto oral, e o jornalista a transcreve para então produzir uma notícia.

Embora o gênero entrevista esteja situado no domínio discursivo do jornalismo, compondo a lista dos textos considerados jornalísticos, devemos reconhecer que não se trata de um gênero exclusivo dessa comunidade, pois pode ocorrer, por exemplo, nas comunidades discursivas publicitária e acadêmica, com a função de ser fonte de informações para a composição de um anúncio ou propaganda e investigar um determinado assunto, respectivamente.

3.5.5 Errata

O gênero Errata apresenta aos leitores os erros de edições anteriores, com suas correções. A Errata não é assinada, mas, como corrige erros publicados, é de responsabilidade direta do jornal/revista, ou seja, só um jornalista ou responsável pelo jornal pode escrever, editar e publicar.

A Errata (texto 13), portanto, orienta os leitores, informando-lhes as modificações que devem ser feitas em suas leituras, o que muitas vezes pode ocasionar uma leitura completamente diferente da que fora feita com o texto com erros e falhas.

Quanto ao tipo, foram encontradas erratas narrativas, em que o locutor relata um fato anteriormente publicado e corrige alguns dados desse fato.

3.5.6 Índice

Nos jornais, o índice aparece na capa (página 1) e, nas revistas, é editado nas primeiras páginas, orientando o leitor sobre o conteúdo e as páginas do jornal e revista em que se encontram as notícias e outros textos. Configura-se em um gênero vinculado ao tipo descritivo, pois o objetivo é fazer uma descrição do jornal/revista, revelando um locutor que se coloca na perspectiva do conhecer/saber inserido no espaço.

No texto 14 (índice), temos as categorias do tipo descritivo:

Objeto tema: Jornal A Folha de S. Paulo;

Situação: São Paulo, domingo, 27 de novembro de 2005;

Qualidades (do jornal): Características: 114 páginas, 407.622 exemplares;

Elementos ou partes: Cadernos e seções do jornal: Opinião, Brasil, Mundo, Dinheiro, Cotidiano, Esporte, Ilustrada, Mais!, Classificados.

Como cada elemento ou parte pode se tornar objeto de descrição, para cada caderno há uma descrição geral do que será encontrado: Erramos, Painel do leitor, Tend. e debates **(Opinião)**; Elio Gaspari, Jânio de Freitas, Ombudsman, Painel **(Brasil)**; Luis Nassif, Mercado aberto, Op. Econômica **(Dinheiro)**; Atmosfera, mortes, saúde **(Cotidiano)**; Juca Kfouri, Painel FC, Televisão, Tostão **(Esporte)**; Astrologia, José Simão, Mônica Bergamo, Quadrinhos, Televisão **(Ilustrada)**; Imóveis, veículos, bolsa de salários **(Classificados)**.

O gênero índice, portanto, possui a função sociocomunicativa de descrever, mostrar ao leitor o que irá encontrar e onde encontrar uma notícia ou outro gênero de seu interesse. Para tal, ao longo do texto é feita uma descrição, apontando a composição do jornal ou revista, de uma maneira bastante clara e direta.

Como todos os jornais analisados possuem uma composição típica de cada dia da semana, parece que o índice não necessita ser produzido apenas por jornalistas, pois as páginas e os cadernos já estão pré-estabelecidos, podendo ser inseridos pelo diagramador/ paginador.

Já nas revistas, a página que contém o índice também possui algumas imagens de destaque, à semelhança das chamadas na página 1 dos jornais. Portanto, parece que a edição do índice nas revistas deve ser realizada por um jornalista, que será responsável pela ênfase dada em determinadas notícias.

3.5.7 "Informativos"

Nos dois veículos de comunicação analisados, encontramos textos que aqui nomeamos de informativos. Tratam-se de informações como: telefones da polícia militar, corpo de bombeiros,

Procon, Disk-denúncia, "O que fazer em caso de mortes", resultado de loterias, como assinar o jornal/revista, responsáveis pelo jornal/revista, etc.

Optamos pela nomeação "informativos" pelo fato desses textos possuírem um grau de objetividade bastante elevado, ou seja, possuem a função sociocomunicativa de transmitir uma determinada informação, que pode ser útil ao leitor, sem qualquer subjetividade, embora tenhamos consciência de que a simples escolha do que publicar e divulgar não é ingênua e pode implicar tomadas de posição e expressar opiniões e valores sociais.

O gênero informativo, portanto, é responsável pela transmissão e divulgação de informações consideradas úteis ao leitor, não relacionando-se exclusivamente a um tipo, pois encontramos informativos injuntivos (texto 15) e descritivos (texto 16), sempre com uma linguagem objetiva e clara.

Esses informativos aparecem com freqüência na seção que os jornais e revistas nomeiam de "Expediente".

3.5.8 "Ombudsman"

> "Profissional pago pela empresa para representar os interesses de seus leitores" (Medina, J., 2001)

Um ombudsman é uma pessoa contratada pelo jornal para escrever textos que analisam o que já foi publicado, ressaltando incoerências ou tecendo comentários positivos; sempre procurando assumir uma visão mais crítica sobre a política de publicação do jornal.

Ombudsman, portanto, é o nome do profissional, o gênero produzido por ele é um artigo do tipo argumentativo *stricto sensu*. No final da página e do texto, são publicados endereços (Fale com o Ombudsman), caso o leitor queira se comunicar com o ombudsman, além de um pequeno texto sobre esse profissional, como o exemplo abaixo:

> Marcelo Beraba é o ombudsman da Folha desde 5 de abril de 2004. O ombudsman tem mandato de um ano, renovável por mais dois. Não pode ser demitido durante o exercício da função e tem estabilidade por seis meses após deixá-la. Suas atribuições são criticar o jornal sob a perspectiva dos leitores, recebendo e verificando suas reclamações, e comentar, aos domingos, o noticiário dos meios de comunicação (FOLHA DE S. PAULO, Domingo, 27 de novembro de 2005, p. A8).

Esse tipo de artigo só foi encontrado na *Folha de S. Paulo*, em que possui um lugar específico, na seção "Ombudsman", uma linguagem simples e não possui um conteúdo temático específico e pré-determinado (texto 12).

3.6 Gêneros complexos[20]: jornalísticos ou não?

Denominamos de complexos aqueles gêneros cuja classificação como jornalísticos é bastante oscilante e problemática, haja vista a classificação desses gêneros na própria literatura da Comunicação, que denomina alguns deles como periféricos ou serviços; além da difícil inclusão desses gêneros na comunidade discursiva jornalística.

3.6.1 Artigo

[20] O termo complexo está sendo usado nessa nomeação para se referir à difícil inserção de alguns gêneros ou no grupo dos jornalísticos ou dos não-jornalísticos.

> "Traz interpretações ou opiniões de pessoas que não precisam ser necessariamente jornalistas. É sempre assinado." (Medina, J., 2001)

O artigo é um gênero que pode ser argumentativo *stricto sensu* ou dissertativo. É um texto em que seu autor expressa sua opinião, expõe idéias, analisa fatos e discorre sobre temas diversos ou em voga no momento. Medina, J. (2001, p. 54) diferencia artigo de análise, a qual, segundo ele, "explora diversos aspectos de fatos relevantes e recentes, seus antecedentes e conseqüência. É sempre assinado".

Essa definição se aproxima muito do artigo, pois o ato de interpretar e expressar opiniões pode revelar a exploração de um fato. Acreditamos, portanto, que todo artigo contém uma análise e não nos parece relevante e pertinente propormos a existência do gênero análise.

O artigo, tanto dissertativo quanto argumentativo *stricto sensu*, possui algumas espécies que se vinculam a ele. Desse modo, encontramos em nossa análise artigos que aqui chamaremos de: políticos (texto 17), científicos ou divulgação científica (texto 18) e de opinião (texto 19); conforme o tema abordado (político e científico) e produtor (opinião).

Quando um artigo discorre sobre arte ou trabalho artístico, temos outra nomeação: a resenha ou crítica, que acreditamos constituir-se numa espécie de artigo, já que parece expressar a mesma função sociocomunicativa, porém, com diferença de conteúdo e forma.

Nos artigos políticos há o desenvolvimento de uma temática relacionada tanto à administração política quanto, especificamente, à economia. Em todas as espécies de artigo, a temática está relacionada a uma notícia, publicada na mesma página ou caderno.

A espécie artigo de opinião, diferentemente do artigo político e científico, se caracteriza, principalmente, pela autoridade de quem o produz, ou seja, é um texto que expressa a análise de

um fato/acontecimento ou assunto, e difere de outras espécies de artigo por contar uma análise feita por uma autoridade, que geralmente não é um jornalista.

Embora o artigo científico também seja respaldado quando produzido por um pesquisador de nome, a mesma divulgação e análise do fato e assunto pode ser feita por um jornalista.

Portanto, esse gênero pode ser produzido por jornalistas ou não, geralmente, são escritos por profissionais especializados, como economistas, filósofos, cientistas e pesquisadores, conforme constatamos na descrição do autor ao final do texto.

Essa é uma questão que nos leva a refletir sobre a inclusão ou não dos artigos nos gêneros jornalísticos: seriam apenas os artigos produzidos por jornalistas que fariam parte dessa classificação? Além disso, os artigos produzidos por não-jornalistas poderiam, mesmo assim, expressar objetivos comuns e ações dos membros da comunidade jornalística; na medida em que esses não-jornalistas poderiam ser contratados pelo jornal? Os artigos produzidos tanto por jornalistas quanto por não-jornalistas possuem a mesma estrutura composicional, estilo verbal, tema e função sociocomunicativa de quando produzidos para revistas especializadas?

3.6.2 Boletim Metereológico

Esse gênero tem a função sociocomunicativa de informar o leitor quanto ao tempo e a temperatura de sua cidade, região e, às vezes, do país. Trata-se de um texto necessariamente preditivo, pois o locutor antecipa-se em seu dizer, fazendo uma previsão do tempo.

Na *Folha de S. Paulo*, esse gênero é publicado no caderno C (Cotidiano), sob o título de "Atmosfera" (texto 20). No exemplo do anexo, esse texto é constituído por um mapa do Brasil e

do estado de São Paulo com a localização de algumas cidades e a indicação da temperatura máxima e mínima. Há uma legenda logo no início que dá o sentido das imagens que aparecem no mapa (Sol, nuvem escura, nuvem clara, etc.) e também encontramos uma tabela com o fuso horário de cidades nacionais, internacionais e a temperatura nestas últimas (para o dia de publicação do jornal).

Para algumas cidades, a previsão do tempo é feita para a data atual (mapa) e para dias posteriores ("Nos Próximos Dias"), através de uma pequena tabela. Há ainda um mapa do litoral de São Paulo e, ao lado, informações sobre o estado das praias (própria para banho, imprópria ou sem registro, conforme legenda).

Por fim, podemos encontrar nesse gênero um pequeno texto que funciona como uma espécie de apanhado geral sobre o tempo no país. Este texto, geralmente, é uma descrição preditiva, ou seja, há dois tipos de texto em sua constituição, já que todo texto preditivo pode ser uma narração, dissertação ou uma descrição (Cf. texto 20).

No *Estado de S. Paulo*, também no caderno C (Cidades), esse gênero é chamado de "Tempo", como o texto 21, em que há um mapa do estado de São Paulo, com as indicações de temperatura em algumas cidades. Também há uma legenda e uma tabela com informações climáticas sobre o mundo, e capitais e aeroportos nacionais. Ao invés de informações sobre condições das praias, há uma tabela com informações sobre as marés no Porto de Santos.

O mapa nacional aparece numa visão panorâmica (Imagem de satélite) e abaixo há um texto (descrição preditiva) com informações gerais sobre o clima no país. Além desse texto, há outro, assinado, com comentários (que acreditamos ser uma dissertação preditiva) sobre o clima em geral no estado de São Paulo.

No *Estado de Minas* o boletim metereológico é publicado no caderno Gerais como "O Tempo Hoje". No texto 22, há um mapa do estado de Minas Gerais com as temperaturas máximas e mínimas em cada localidade, à semelhança dos outros jornais. Também há uma legenda que explica as imagens contidas no mapa. Além da previsão do tempo, há informações sobre a lua (Minguante, Nova, etc), através de imagens. Por fim, há uma tabela com as temperaturas em várias cidades do país e um pequeno texto, que aparece no início, que faz um resumo do tempo no estado.

A composição do Boletim Metereológico é bastante flexível, podendo, a cada edição, ser acrescentados dados, mapas e informações sobre o tempo em determinados lugares, porém, sua estrutura básica e fundamental é a presença de imagens (seja de nuvens, mapas, sol, chuva, etc), números que indicam a temperatura e uma legenda, sendo que o texto descritivo/preditivo pode aparecer ou não.

Quanto ao seu produtor, esse gênero é bastante complexo, pois não sabemos, de fato, se o diagramador, por exemplo, pode acrescentar os dados do tempo num modelo pré-estabelecido, se o jornalista recolhe as informações na fonte e então produz o gênero ou repassa essas informações ao diagramador.

De qualquer modo, o boletim metereológico configura-se num gênero que estabelece uma comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística e os leitores do jornal e expressa um objetivo público comum desses membros. Por outro lado, esse gênero parece ter o jornal mais como uma prestação de serviço à população do que como um suporte; na medida em que esse boletim parece ser um atrativo a mais do jornal, um "bônus", um diferencial que auxilia no aumento de venda, assim como os mais variados cadernos e outros gêneros (horóscopo, classificados, resumos de filmes, programação televisiva, dentre outros).

3.6.3 Classificados

Na *Folha de S. Paulo*, o caderno F, Classificados, possui a seguinte configuração: capa, notícias (divulgação de um fato/acontecimento), guia de preços de carros e motos, anúncios de compra, venda e aluguel de casas, apartamentos, terrenos, imóveis comerciais, imóveis para temporada, chácaras, máquinas, equipamentos, motores, blindados, caminhões, ônibus, oferta de empregos e bolsa de salários. Esse caderno está subdividido em 1.Imóveis, 2.Veículos, 3.Classificados e 4.Bolsa de Salários.

No *Estado de S. Paulo*, os classificados são divididos em quatro cadernos: 1. Autos, 2. Empregos, 3. Negócios e Oportunidades e 4. Imóveis. Em todos eles encontram-se notícias. No primeiro, há preços de carros, motos e caminhões, tanto novos quanto usados. No segundo caderno, há ofertas de empregos remunerados e voluntários, além de cursos e concursos. Em Negócios, há anúncios de leilões e oportunidades de negócios (venda, compra, aluguel, fretamento, etc.) em várias áreas: advocacia, aeronáutica, agricultura, animais e aves, artes e antiguidades, aulas e cursos, clínicas terapêuticas, confecções e equipamentos, comunicados, construção e serviços, detetives, empresas e partes sociais, empréstimos e investimentos, franquia, informática, jóias e relógios, máquinas e motores, etc. No caderno de Imóveis, há ofertas de venda e aluguel de casas, apartamentos, terrenos, propriedades rurais e imóveis comerciais.

No *Estado de Minas*, os classificados também são divididos em 4 cadernos: 1) Veículos, em que há preços de carros e motos; 2) Emprego, em que há anúncios de oportunidades de empregos; 3) Imóveis, em que há ofertas de compra, venda e aluguel de casas, apartamentos,

imóveis comerciais e rurais e 4) Diversos, em que encontramos anúncios referentes a venda, compra e locação de produtos e serviços nas seguintes áreas: alimentos, animais rurais, antiguidade e objetos de arte, casa e utilidades, construção e serviços, eletrodomésticos, eletrônicos, fotos e vídeo, telefonia, etc.

O gênero **Classificados**, portanto, tem como conteúdo temático anúncios de compra, venda e locação de serviços e produtos diversos; além de apresentar preços de vários itens como automotores e cursos. Este parece ser um gênero que se vincula necessariamente ao tipo descritivo (estrutura composicional), pois o que encontramos nesses textos são descrições de imóveis, de qualidades necessárias a um determinado emprego, de produtos como máquinas, equipamentos, carros, etc; além da descrição de um serviço que é oferecido.

Percebemos que os Classificados variam seu conteúdo conforme os cadernos e os temas, ou seja, no caderno Autos, no *Estado de S. Paulo*, por exemplo, temos apenas classificados relacionados a veículos automotores, em Imóveis, temos a descrição de casas, apartamentos, chácaras, etc.

Diante disso, acreditamos ser pertinente a proposta de postular a existência do gênero Classificados (texto descritivo com a função sociocomunicativa de divulgar e vender, alugar ou trocar produtos e serviços) e espécies desse gênero: Classificados de automotores (texto 23), de imóveis (texto 24), de empregos (texto 25) e muitos outros tais como: animais, eletrodomésticos, massagem, etc (texto 26).

É importante ressaltar que todas essas espécies de classificados se vinculam ao tipo descritivo, mesmo as tabelas de preços de carros e motos, em que o leitor encontra-se diante de uma descrição que é feita a partir do valor, da velocidade média, do tamanho, do tipo de motor,

etc. No item Bolsa de Salários, da *Folha de S. Paulo*, também estamos diante de uma descrição de vários empregos através de valores de salários.

Se pensarmos nas categorias da superestrutura descritiva, constataremos que é possível enquadrar todos os tipos de classificados nessa estrutura; sendo a categoria da situação estabelecida, para todos os textos, pela data de publicação do jornal, pela qual o leitor se orienta quanto ao tempo decorrido desde a publicação dos textos até a sua leitura.

Quanto ao estilo verbal, os classificados, possuem uma linguagem objetiva e direta, constituindo-se em textos bastante breves, com léxico de fácil compreensão e relacionado ao tema ou caderno. Por exemplo, no caderno de Autos temos um campo semântico que seleciona vocábulos relacionados a veículos automotores: potência, cilindradas, velocidade, consumo de combustível, tipo de motor, etc.

3.6.4 Crônica

> "Tem como característica tratar de assuntos cotidianos de maneira mais literária. É sempre assinada." (Medina, J., 2001)

Esse texto pode ser produzido tanto por um jornalista quanto por outra pessoa, que é contratada pelo jornal para escrever em uma coluna específica. No *corpus* analisado, todas as crônicas são assinadas e expressam a visão do seu autor a respeito de temas cotidianos ou em voga no momento.

O gênero crônica é um texto "em prosa, cuja função social e/ou comunicativa é fazer refletir através da análise ou do relato de episódios, subjetivamente, por intermédio de um autor-narrador..." (FERREIRA, 2005, p.131).

A crônica, muitas vezes, se confunde com o ensaio e com o artigo, mas se diferencia de ambos pelo seu aspecto mais coloquial e literário ou estético, não apresentando um maior rigor de investigação do tema como ocorre no ensaio e no artigo, cuja distinção nos parece tão difícil quanto à que opõe crônica e ensaio. Neste trabalho, não faremos uma distinção rigorosa entre ensaio e artigo, e utilizaremos este último termo para nos referirmos a textos que poderiam e são classificados como ensaio.

A distinção que deve ser feita é entre crônica e artigo/ensaio, pois não temos no primeiro princípios mais científicos de análise do tema como há no segundo. Isso nos leva a classificar, segundo Ferreira (2005), os textos publicados na revista *Veja* produzidos por Roberto Pompeu de Toledo e intitulados de ensaio (texto 27) como crônicas. Segundo a autora, "o equívoco está no desconhecimento tipológico de quem classifica esses textos (como o texto 27) como ensaio. Considerando tudo o que dissemos até aqui sobre crônica e sobre ensaio, tais textos são crônicas dissertativas..." (FERREIRA, 2005, p. 120).

De fato, parece haver um grande desconhecimento tipológico de vários produtores de textos, e nomeações como artigo/ensaio/crônica; bem como aviso/comunicado/informe são utilizadas sem um esclarecimento de suas designações, embora reconheçamos que a distinção entre esses termos é bastante complexa, devendo ser investigada e pesquisada por cientistas da linguagem, para a delimitação de parâmetros de classificação.

Quanto ao tipo, segundo Ferreira (2005), as crônicas podem ser tanto narrativas (texto 28) quanto dissertativas (texto 29).

3.6.5 Indicadores Econômicos

> "Informações úteis sobre órgãos governamentais, empresas, instituições, países ou sobre determinado assunto especializado, como mercado econômico: ações, dólar, fundos." (Medina, J., 2001)

Esse gênero é publicado no caderno B, Folha Dinheiro, da *Folha de S. Paulo*. Constitui-se de tabelas com informações sobre o mercado financeiro, como cotação de moedas, fatores de correção de seguros e outros contratos, rendimentos da caderneta de poupança, valores de investimentos em ouro, bolsas de valores, fundos de investimentos, etc. Nos outros jornais, é publicado no caderno de Classificados.

Portanto, através desses indicadores (texto 30), o leitor interessado no assunto se orienta segundo seus objetivos e interesses. É uma espécie de serviço prestado pelo jornal a um público específico, porém, ao mesmo tempo em que o jornal funciona como uma prestação de serviços, também é um suporte desse gênero, o qual é fixado e divulgado através de jornais, tanto impressos quanto orais. Para a produção desse gênero, o jornalista busca as informações em fontes como Banco Central e outras instituições financeiras.

Quanto à superestrutura, esse gênero, do tipo descritivo, é constituído por várias tabelas, cada uma sobre um assunto específico e suas cotações e preços. Pode haver, ao final de uma tabela, um texto injuntivo, que mostra ao leitor como fazer os cálculos. Pode também haver um texto dissertativo, que traz explicações e significados das siglas presentes na tabela.

3.6.6 Resenha ou Crítica

> "Apreciação de um trabalho intelectual ou de um desempenho artístico com o objetivo de orientar o público leitor" (Medina, J., 2001)

A resenha ou crítica, conforme já fizemos alguns apontamentos, é uma espécie do gênero artigo, segundo nosso aparato teórico. Segundo Todorov (apud MEDINA, J., 2001, p. 49), "um gênero novo sempre é a transformação de um ou vários gêneros velhos". De fato, os gêneros, especificamente os jornalísticos, possuem uma interface, uma inter-relação tamanha que a fronteira entre um e outro, muitas vezes, é difícil de ser encontrada e delimitada.

Acreditamos que a resenha ou crítica, que em nossa análise foi encontrada nos cadernos e seções que possuem o tema "cultura", algumas vezes no caderno de esportes (resenha esportiva), seja uma variação do artigo.

A crítica ou resenha (texto 31) pode ser escrita por um jornalista ou por um profissional contratado pelo jornal. Como se constitui numa espécie de análise artística e intelectual, está vinculada ao tipo dissertativo, usado para expor opiniões, analisar e discorrer sobre algo.

Não nos esqueçamos, mais uma vez, do caráter argumentativo que reside em todo gênero e, especificamente, na crítica, a qual pode ser publicada com a intenção de influenciar a opinião pública a respeito de um determinado trabalho artístico e intelectual.

Diferentemente da maioria dos gêneros jornalísticos, a crítica, assim como os outros artigos, possui uma linguagem mais elaborada e, às vezes, muitos termos técnicos; porém, não há uma linguagem rebuscada a ponto de comprometer a compreensão.

Na maioria dos casos, a crítica não é produzida por um jornalista, mas por um especialista no assunto em questão (literato, diretor de teatro, cinema, crítico de arte, etc). O que nos parece complexo em relação à classificação desse gênero como jornalístico é o fato de sua produção se diferenciar ou não quando produzido para o jornal ou para uma revista especializada, haja vista as resenhas que aparecem em revistas acadêmicas de Literatura e Teoria e Crítica Literária. E, ainda, esse gênero tem o jornal como suporte ou serviço? (tendo em mente a existência de um local físico - revista especializada - de fixação e divulgação da crítica ou resenha).

3.6.7 Roteiro/Programação

"Informações sobre 'shows', espetáculos, televisão e cinema."

(Medina, J., 2001)

O gênero roteiro/programação tem a função sociocomunicativa de orientar o leitor fornecendo uma espécie de agenda de programas culturais da cidade (teatro, dança, performance, cinema, música, shows, concertos, exposições, etc) e televisivos (filmes, novelas, shows, etc.). Estamos incluindo nesse gênero os resumos de novelas e comentários e resumos de filmes, livros, espetáculos e exposições[21], que são textos, conforme exposto anteriormente, que não foram considerados, segundo nosso aparato teórico, como jornalísticos.

Quanto ao tipo, o roteiro revela categorias da superestrutura descritiva, pois faz uma descrição de uma programação televisiva, de uma peça de teatro, ou outro evento, para que o

[21] Esses resumos e comentários podem aparecer acompanhados de uma classificação quanto à qualidade do filme, livro, espetáculo, ect (Cf. "estrelas" que aparecem no texto 33, da *Folha de S. Paulo*); influenciando a opinião do leitor a respeito de um livro, espetáculo, etc..

leitor se oriente a respeito; através de textos pequenos e objetivos. O objetivo do locutor do texto, portanto, é caracterizar, dizer como é. Esse gênero constitui-se de vários textos descritivos, sobre vários temas (novela, arte, vida noturna da cidade, etc).

O roteiro/programação (textos 32 e 33) parece ser um gênero que visa ao aumento da venda do jornal, funcionando como um grande atrativo, assim como os cadernos sobre TV (novelas e programas), e tendo o jornal mais como serviço que suporte. Além disso, esse gênero apresenta a mesma problemática exposta para os classificados e boletim metereológico, quanto ao seu produtor.

3.6.8 Obituário

> "Informações sobre óbitos registrados pelos cartórios especializados, publicados em colunas específicas" (Medina, J., 2001)

Esse gênero possui a função de divulgar óbitos e missas de sétimo dia. Na *Folha de S. Paulo* e no *Estado de S. Paulo*, possui uma coluna especial, "Mortes" no primeiro (texto 34) e "Falecimentos", no segundo (texto 35).

Em ambos os jornais, encontramos um texto descritivo, com o nome da pessoa falecida em negrito e, abaixo, sua idade ao falecer, estado civil, se tinha filhos e informações sobre o local do enterro. Quando a pessoa é considerada importante, como um sacerdote, há mais informações e, nesse caso, podemos ter uma espécie de biografia ou perfil. No *Estado de Minas*, o obituário não possui uma coluna específica e é publicado no caderno Gerais como uma espécie de comunicado ou convite, como no texto 36.

3.7 Considerações da Proposta

Como partimos do pressuposto de que toda proposta de definição e classificação de gêneros não deve ser entendida como uma tentativa de "encapsulamento" dos mesmos, pois isso desconsideraria seu caráter dinâmico, principalmente dos gêneros jornalísticos; e como nosso trabalho não esgota o tema nem possui essa pretensão, devemos registrar algumas considerações a respeito do que foi exposto acima:

1. Poderíamos ter optado por uma classificação/definição de gênero jornalístico que evidenciasse o binarismo vender/não-vender, sob um ponto de vista da área publicitária, sub-área da Comunicação como o Jornalismo. Desse modo, teríamos aqueles textos que seriam publicados como um atrativo a mais, para aumentar o número de jornais vendidos, sendo um diferencial. Esses textos poderiam até ser produzidos ou editados por jornalistas, mas teriam a função sociocomunicativa de fazer vender mais jornal, o qual funcionaria mais como um serviço ou canal do que como suporte. Nesse contexto, não seriam gêneros jornalísticos os Classificados, Indicadores Econômicos, Boletim Metereológico, Roteiro/Programação e os demais gêneros de difícil classificação como jornalísticos. Porém, optamos pela problematização desses gêneros explanada acima, pelo fato de termos mais respaldo teórico e pelo fato de que, embora o Boletim Metereológico, os Classificados e o Roteiro/Programação, por exemplo, possam ser divulgados em outros meios de comunicação (como rádio, tv, internet) e possam ser vistos apenas como recursos para aumentar a venda do jornal (um atrativo a mais), eles possuem uma certa regularidade, ou seja, possuem um espaço específico no jornal há algum tempo,

fazendo parte de uma atividade social específica. Como vimos, gêneros jornalísticos são bastante flexíveis e procuram atender à função de transmitir informações e promover a comunicação e o que é um gênero jornalístico hoje pode não ter sido no passado e vice-versa;

2. Nos Classificados, apresentamos uma nomeação conforme a publicação do jornal. Na *Folha de S. Paulo*, os Indicadores Econômicos não são editados no caderno de Classificados, mas no caderno de economia. Porém, esses indicadores parecem se assemelhar ao guia de preços que já aparece no caderno F. Optamos pela não definição desses indicadores como classificados pelo fato de possuírem uma página especial num caderno específico;
3. Embora tenhamos encontrado um gênero publicado com o nome de análise, conforme texto 37, consideramos que todo artigo é uma análise, na medida em que esses textos, principalmente o artigo, faz uma exploração de fatos e eventos. Desse modo, o texto publicado com a nomeação de análise na verdade é um artigo (que possui algumas espécies). A análise é uma categoria própria de todo texto dissertativo, conforme visto na superestrutura desse tipo;
4. O índice, a errata, a entrevista e os textos informativos podem exercer sua função sociocomunicativa em livros, revistas especializadas, dissertações, teses e documentos inseridos em várias comunidades discursivas. Dessa forma, não são gêneros exclusivamente jornalísticos.

4 A NOTÍCIA E SUAS VÁRIAS FACES

4.1 Considerações sobre o "ser notícia"

Assumindo a notícia como o gênero jornalístico por excelência, ou seja, aquele que mais ocorre nos jornais e revistas e do qual são derivados outros gêneros (que neste trabalho caracterizamos como espécies de notícia), apresentaremos neste capítulo uma proposta de definição de notícia considerando sua função sociocomunicativa (Travaglia 2003b) e suas características de estrutura composicional, estilo verbal e de conteúdo (conforme aponta Bakhtin, 1997).

Estamos partindo do pressuposto de que, assim como todos os gêneros que classificamos como jornalísticos, a notícia revela a tipificação de ações sociais produzidas por jornalistas no exercício de sua profissão, conforme conceito de gênero proposto por Bazerman (2005). O ato de fala (locucionário) realizado pela publicação de uma notícia, tendo em mente o objetivo de todo meio de comunicação e o compromisso ético-profissional dos jornalistas, é informar os leitores sobre o que está acontecendo em sua cidade, região, país e no mundo.

Segundo Medina, J. (2001), notícia é o registro puro dos fatos; no dicionário Houaiss da língua portuguesa, temos as seguintes acepções para o termo notícia (com grifo nosso):

> 1 informação a respeito de **acontecimento novo**, de mudanças **recentes** em alguma situação, ou do estado em que se encontra algo; nova, novidade
> Ex.: <tenho boas n. para lhe contar> <você teve alguma n. sobre a promoção dele?>
> 2 **conhecimento** do paradeiro ou da situação de alguém
> Ex.: não teve mais n. do amigo
> 3 recordação, lembrança
> Ex.: não conseguia eliminar da mente a n. do acidente
> 4 nota, apontamento
> Ex.: os inspetores tomaram n. das deficiências da instituição
> 5 escrito **sintético** sobre um assunto qualquer
> 6 nota **histórica**; biografia
> 7 Rubrica: jornalismo.
> **relato de fatos e acontecimentos, recentes ou atuais,** ocorridos no país ou no mundo, veiculado em jornal, televisão, revista etc (DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2006).

Percebemos que as definições acima nos mostram alguns aspectos da notícia: a) sua vinculação à novidade (itens 1 e 7); b) o fato de através desse gênero termos conhecimento de algo ou alguém (itens 2, 3 e 4); c) sua extensão (item 5); d) seu caráter histórico (item 6).

Nos manuais de redação e estilo publicados por jornais, não encontramos uma definição da notícia enquanto gênero, mas dicas de como escrever uma notícia (uso de "lead", investigação dos fatos, objetividade, etc).

Quanto ao seu **conteúdo**, portanto, a notícia se caracteriza pelo fato de dar a conhecer aos leitores fatos e acontecimentos tanto atuais como mais remotos (notícia histórica), seja de uma maneira mais breve (através das notas) ou mais extensa. Não relacionamos, portanto, a notícia apenas a novidades, pois temos também notícias sobre acontecimentos não tão recentes e de caráter não tão inusitado, como ocorre na espécie de notícia aqui nomeada *fait-divers*, em que podemos ter relato de fatos mais "fúteis", tendo em mente acontecimentos históricos e políticos.

Delimitamos, assim, como **função sociocomunicativa** da notícia: estabelecer a comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística e leitores de jornais e revistas, através da divulgação de fatos e acontecimento novos ou mais remotos (tanto no âmbito

regional quanto nacional e mundial), informando a população sobre algo ou alguém; refletindo, assim, a ação social dos jornalistas que se refere ao compromisso ético e profissional de transmitir informações.

Embora alguns autores diferenciem notícia de reportagem, consideramos que toda reportagem é uma notícia, porém, mais elaborada. Segundo Lage apud Coimbra (1993, p. 9): "enquanto o primeiro (a notícia) cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, o segundo (reportagem) faz um levantamento de um assunto, conforme ângulo preestabelecido". E, ainda, Medina, C. apud Coimbra (1993, p. 9): "o que distingue a notícia da grande reportagem é o tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar". Diferenciando notícia de reportagem, o Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo (1990) traz, com grifo nosso:

> A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e conseqüências. A reportagem busca mais: **partindo da própria notícia**, desenvolve uma seqüência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO ESTADO DE S. PAULO, 1990, p. 67).

Percebemos, portanto, que tanto na conceituação de notícia quanto de reportagem há um fato, um acontecimento, sendo que na segunda esse fato recebe um tratamento mais elaborado, na medida em que há uma investigação maior, o que irá refletir na extensão do texto e no aparecimento de mais categorias da superestrutura da notícia propostas por Van Dijk (1986).

Desse modo, trataremos neste trabalho a reportagem como uma notícia mais elaborada, conceito que é reforçado por Medina, J. (2001, p. 54), quando afirma que a reportagem é o "relato ampliado de um acontecimento. O jornalista vai ao local para apurar o fato".

Na literatura da Comunicação (textos teóricos e manuais de jornais) não há o esclarecimento da diferença entre notícia e reportagem e os dois termos são tomados como sinônimos, conforme constatamos em Bonini (2003, p. 4): "[...] ainda são pouco conhecidos, em termos acadêmicos, os mecanismos lingüísticos/sociais que caracterizam estes gêneros textuais (jornalísticos). (Mesmo a distinção entre notícia e reportagem não é clara)"; "[...] estes manuais tomam a notícia e a reportagem como o mesmo gênero ou uma pela outra".

Além de ser definida por um conteúdo específico (fato/acontecimento - recente ou não, importante ou "fútil"), a notícia também se caracteriza pela sua organização textual específica ou **estrutura composicional**, a qual permite que a identifiquemos e a distingamos de outros textos, jornalísticos ou não.

Essa organização textual, aqui entendida como superestrutura textual, embora possa sofrer variações e mudanças e não seja rígida e inflexível ao extremo, confere uma regularidade de forma e conteúdo (já que as categorias estruturais são preenchidas por conteúdos semânticos) ao texto noticioso, tornando possível o seu conhecimento pelas pessoas, quer sejam jornalistas ou não.

Dentre as categorias da superestrutura da notícia propostas por Van Dijk (1986), aquela que mais identifica, à primeira vista, uma notícia é o Sumário/Resumo, especificamente a Manchete e a Linha Fina ("Headline"). De fato, quando nos deparamos com essas duas categorias, que geralmente possuem uma fonte diferenciada do corpo da notícia, logo fazemos a previsão de que se trata de uma notícia.

Porém, nem sempre isso ocorre, já que encontramos, por exemplo, entrevistas e artigos com Manchete e Linha Fina. Percebemos, portanto, que a categoria "Headline" não é suficiente para a caracterização de uma notícia, como nos mostra o texto 38, o qual não se configura numa

notícia, uma vez que seu conteúdo temático não expressa o relato de um fato/acontecimento, novo, contemporâneo ou remoto.

Uma vez que toda notícia deve conter esse relato, esse conteúdo temático inerente a todo texto noticioso está intimamente relacionado à categoria **Evento Principal (EP)**, que, por sua vez, realiza o tipo narrativo, já que o relato de um evento só se dá por meio do narrar, e não do dissertar, do descrever, do argumentar ou da ordem (injunção); embora a narração possa conter descrições, argumentações, dissertações e injunções.

Desse modo, a categoria necessária e suficiente para identificarmos uma notícia é o EP, sendo as demais categorias opcionais. Como as categorias são preenchidas por macroproposições semânticas, que são extraídas do texto a partir de macrorregras (de generalização ou de resumo), a notícia se dá a partir de uma macroproposição que realiza o tipo narrativo, sem o qual não teríamos um relato de um fato/acontecimento, seja numa narração presente, passada ou futura.

Sendo assim, diante de textos que aparentemente configuram-se como notícias, temos que considerar se podemos ou não extrair desses textos um EP, representado por uma macroproposição semântica (a partir de um resumo) predominantemente do tipo narrativo. Caso contrário, não estaremos diante do gênero notícia, mas de outros gêneros quaisquer, haja vista a grande dinamicidade e variação que apresentam os gêneros jornalísticos e a difícil distinção da notícia de artigos e espécies de artigos (como resenhas/críticas).

O quadro abaixo, uma análise do texto 38, nos mostra que não depreendemos, a partir da elaboração de um resumo, uma macroproposição predominantemente narrativa, mas injuntiva.

TEXTO	**CATEGORIAS**
	Sumário/Resumo

Liberdade com limites. *O Estado de S. Paulo.* São Paulo, 27 nov. 2005. Caderno Feminino, p. F12.	**Manchete:** Liberdade com limites **Linha fina:** Vigilância cerrada é prisão e liberdade em excesso vira negligência. Como agir com os filhos adolescentes?
	Macroproposição de resumo: o texto trata de como os pais devem lidar com seus filhos em relação à liberdade que deve ser dada a eles. Aconselha-se que, se os filhos cumprem os horários estabelecidos, vão bem na escola e desobedecem quanto aos horários uma vez ou outra, não há motivos para preocupação. Porém, se os filhos não cumprem os horários freqüentemente e ainda vão mal na escola, a não preocupação pode ser negligência.

Não conseguimos extrair do texto um evento, um fato/acontecimento, mas dicas de como lidar com os filhos adolescentes. O texto, portanto, é predominantemente injuntivo, na medida em que pretende fazer com que os pais ajam de uma determinada maneira.

Desse modo, a simples presença de uma Manchete e a disposição gráfica no jornal não garantem a existência de uma notícia. Isso pôde ser percebido também nos textos 39, 40, os quais, apesar de possuírem a forma de uma notícia, ou seja, possuírem Manchete e Linha Fina, não são notícias, mas podem ser considerados artigos/ensaios; pois não conseguimos depreender

desses textos um fato/acontecimento, mas um pensamento, uma linha argumentativa e uma exposição de idéias.

No texto 41, publicado no caderno Turismo, do *Estado de Minas*, temos uma descrição da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro. Não há uma macroproposição semântica que expresse um EP, um relato de um fato/acontecimento, pois estamos diante de uma conjugação entre os tipos descritivos e injuntivos. Isso se deve pelo fato de ambas as tipologias serem importantes na constituição do texto, não havendo uma predominância de um tipo ou outro; pois o que se pretende é descrever uma região e ao mesmo tempo influenciar os leitores a visitá-la, enumerando suas qualidades. O quadro abaixo nos mostra que, apesar de realizar a categoria Sumário/Resumo, não há um EP.

TEXTO	**CATEGORIAS DE SUPERESTRUTURA**
Sem nunca perder o charme. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 nov. 2005. Turismo, p. 4.	**Sumário/Resumo** **Manchete (headline):** Sem nunca perder o charme **Linha fina:** Da movimentada Cabo Frio à charmosa Búzios, há opções para quem quer agito ou tranqüilidade. Butiques, bares e boates garantem a animação da noite.

Como é um texto descritivo-injuntivo, temos a superestrutura da descrição, e da injunção, conforme quadros abaixo.

TEXTO	CATEGORIAS DA SUPERESTRUTURA DO TIPO DESCRITIVO
Sem nunca perder o charme. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 nov. 2005. Turismo, p. 4.	**Objeto/tema-título:** Região dos Lagos
	Situação: Terça-feira, 22 de novembro de 2005
	Qualidades: 1º parágrafo, 1º e 2º períodos
	Elementos ou partes: A) Cabo-frio, B) Búzios, C) São Pedro da Aldeia, D) Macaé e E) Araruama
	Qualidade e elementos dos elementos ou partes: A) praias extensas, água gelada, praia do Forte, Forte São Mateus, etc; B) prias do Canto e da Armação, restaurantes, lojas, boates, etc.
TEXTO	**CATEGORIAS DA SUPERESTRUTURA DO TIPO INJUNTIVO**
Sem nunca perder o charme. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 nov. 2005. Turismo, p. 4.	**Determinação:** a determinação, ou seja, a injunção em si, ocorre na parte "Serviço" ("como chegar", "onde ficar", "onde comer"), que faz parte do texto como um todo, assim como o mapa da região (contextualizador). O elenco ou descrição configura-se no corpo do texto conforme esquema acima, assim como a justificativa, que encontra-se implícita em toda a descrição. Desse modo, espera-se que, através da descrição da região, o leitor siga as instruções e chegue até o local.

Portanto, em relação à estrutura composicional, a categoria necessária e suficiente para a constituição da notícia é o EP, que realiza o tipo narrativo.

Quanto ao **estilo verbal**, os manuais de redação produzidos pelos jornais são bastante completos, pois trazem várias instruções para a produção do texto jornalístico, que, de modo geral, deve ser objetivo e simples, conforme os trechos abaixo, extraídos das 49 Instruções Gerais do Manual de Redação e Estilo do *Estado de S. Paulo* para a produção de qualquer texto a ser publicado no jornal:

> 1 – Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias...
> 2 – Construa períodos com no máximo duas ou três linhas. Os parágrafos, para facilitar a leitura, deverão ter cinco linhas datilografadas, em média, e no máximo oito...
> 3 – A simplicidade é condição essencial do texto jornalístico...
> 4 – Adote como norma a ordem direta, por ser aquela que conduz mais facilmente o leitor à essência da notícia...
> 9 – Em qualquer ocasião, prefira a palavra mais simples: *votar* é sempre melhor que *sufragar* ...
> 20 – Faça textos imparciais e objetivos. Não exponha opiniões, mas fatos...
> 43 – Trate de forma impessoal o personagem da notícia, por mais popular que ele seja...
> (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO – O Estado de S. Paulo, 1990, p. 16, 18 e 20).

Nas Instruções Específicas, organizadas por ordem alfabética, temos:

> **Palavras e locuções vetadas.** Esta lista inclui as palavras e expressões que o Estado considera antijornalísticas, pernósticas, desnecessárias...: adentrar, aduzir, aeródromo, afazeres, agente da lei, agilização, agilizar...
> **Sentido incompleto**. 1 – Os verbos transitivos (diretos e indiretos) pedem sempre complemento. O mesmo ocorre com palavras e expressões que, sozinhas, tornam incompleto o sentido da frase. Veja sempre se o texto que você escreveu não deixa no ar umas destas perguntas: o quê? quem? de quê? do quê?...
> **Simplicidade.** A simplicidade é condição essencial do texto jornalístico...
> (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO ESTADO DE S. PAULO, 1990, p. 56, 70 e 71).

Numa terceira parte, intitulada "Normas e Estilos Internos", o Manual traz ainda, por ordem alfabética, uma série de regras gramaticais a serem seguidas e normas de produção de

texto levando em consideração a atividade jornalística (recolhimento de informações, consideração do tamanho do texto antes de produzi-lo, etc).

Quanto ao estilo verbal, portanto, a notícia não apresenta nenhuma especificidade significativa, pois suas características de superfície lingüística estão relacionadas, de um modo geral, à simplicidade e objetividade, características que não são necessárias nem suficientes para identificarmos um texto noticioso.

Estabelecemos, portanto, que uma notícia é definida e identificada a partir das seguintes características e parâmetros de análise:

1. Pertencer à comunidade discursiva jornalística, ou seja, ser produzida, sem qualquer dúvidas, por um jornalista; que possui um conhecimento especializado e produz gêneros específicos para a comunicação interna entre seus parceiros e com seus leitores;
2. Ter o jornal ou a revista como suporte e não como serviço ou canal, na medida em que ambos os meios de comunicação funcionam como fixadores e não como mero divulgadores circunstanciais do gênero;
3. Exercer a função sociocomunicativa de estabelecer a comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística e os leitores do jornal/revista, informando a população sobre fatos e acontecimentos atuais ou remotos, importantes ou "fúteis";
4. Ter como conteúdo o relato de um fato/acontecimento, seja no presente, passado ou futuro;
5. Apresentar uma estrutura composicional que realize no mínimo a categoria de Evento Principal, que é predominantemente do tipo narrativo.

Pudemos perceber que existem várias formas de realização dessa notícia definida acima, ou seja, existem várias maneiras de realização de um texto que pertence à comunidade discursiva jornalística, exerce a função sociocomunicativa acima, possui o jornal e revista como suportes, realiza, no mínimo, a categoria de Evento Principal e relata um fato/acontecimento.

Desse modo, temos a notícia que aqui chamamos *notícia-conteúdo*, uma espécie de construto teórico elaborado e constituído pelas cinco condições mínimas e necessárias enumeradas acima para a existência do texto noticioso. E temos a *notícia-gênero,* que é a realização da *notícia-conteúdo*, o gênero em si, o texto constituído por signos verbais e não-verbais, perceptível pela visão (já que se trata de texto escrito), conforme conceito de texto adotado neste trabalho.

O que existe, o que funciona nas sociedades é a *notícia-gênero*, que apresenta várias faces, várias maneiras de expressão das condições de existência da notícia. Essas faces são consideradas neste trabalho como espécies de notícia, segundo teoria tipológica adotada, já que essas variadas formas de realização do texto noticioso são caracterizadas por diferenças de forma, de realização das categorias da superestrutura e de expressão do EP.

4.2 ESPÉCIES DE NOTÍCIA

4.2.1 Notícia-típica: a notícia-gênero

A face mais típica de notícia, aquela que é citada por teóricos da comunicação e aquela analizada por Van Dijk (1986), é a notícia que realiza todas as categorias propostas por esse lingüista, da maneira mais convencional, ou seja, na seguinte ordem de realização: 1.

Sumário/Resumo ("Headline" e Lead), 2. Evento principal, 3. Background, 4. Conseqüências e 5. Comentário.

Essa espécie de notícia, geralmente, desenvolve um tema relacionado à política, (economia, agronegócios, eleições, ect) e tende a realizar primeiro o "Lead" e Evento Principal, embora este geralmente não seja seguido de um "Background", como ocorre nos textos 42, 43 e 44, para os quais temos a seguinte configuração:

Texto 42:

- **Chapéu:** Escândalo do "Mensalão"/Palocci na mira
- **Manchete:** Lula diz que política econômica é do governo e não de ministro
- **Linha fina:** Presidente soca púlpito para defender país, que 'navega com tranqüilidade, sem tsunamis'
- **Lead:** o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (quem), ontem (quando), defendeu a atuação de Antonio Palocci no Ministério da Fazenda (o quê)
- **Evento principal (macroproposição semântica do tipo narrativo – narração passada):** o presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva defendeu o Ministro da Fazenda, Antonio Palocci, em solenidade no Palácio do Planalto e afirmou o crescimento do país, mesmo diante de uma "crise do denuncismo", afirmando que a " 'pequenez' editorial não vai tirar a seriedade de sua administração"
- **Evento secundário:** 2º parágrafo, com inserções de comentários do presidente
- **Comentário:** 3º parágrafo, em reação verbal
- **Background presente:** 4º parágrafo
- **Comentário:** três últimas linhas do 4º parágrafo, entre aspas, em reação verbal

- **Background:** 5º parágrafo
- **Detalhes do Evento principal:** 6º parágrafo, 1º e 2º períodos
- **Comentário (avaliação):** 6º parágrafo (3º período), em reação verbal
- **Comentário (avaliação):** 7º parágrafo, em reação verbal
- **Detalhes do Evento Principal:** 8º parágrafo
- **Comentário (avaliação):** 9º parágrafo, em reação verbal
- **Detalhes do Evento Principal:** 10º parágrafo, 1º, 2º e 3º períodos
- **Comentário (expectativa):** 10º parágrafo, 4º, 5º e 6º períodos, em reação verbal
- **Detalhes do Evento principal:** 11º parágrafo
- **Detalhes do Evento Principal:** 12º parágrafo, exceto o último período
- **Evento secundário:** 12º parágrafo, último período
- **Comentário (avaliação):** 13º parágrafo

Texto 43:

- **Chapéu:** crise no governo Lula
- **Manchete:** Insatisfeiro, Palocci diz que não recua e cobra definição de Lula
- **Linha fina:** Ministro da Fazenda afirma ao presidente que não vai arredar o pé na defesa do controle dos gastos públicos
- **Lead:** Antonio Palocci (quem), o ministro da Fazenda, queixou-se sobre Dilma Roussef ao presidente da República
- **Evento principal (macroproposição semântica do tipo narrativo – narração passada):** o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, queixou-se ao presidente sobre a interferência da chefe da Casa Civil, Dilma Roussef , na política econômica do país

- **Detalhes do Evento Principal:** 1º parágrafo, 2º e 3º períodos
- **Comentário (avaliação):** 2º parágrafo, 1º período
- **Background passado:** 2º parágrafo, 2º, 3º e 4º períodos
- **Background presente:** 3º parágrafo
- **Comentário:** 4º parágrafo
- **Background presente:** 5º parágrafo
- **Evento secundário:** 6º parágrafo
- **Background passado:** 7º parágrafo
- **Evento secundário:** 8º parágrafo
- **Comentário (avaliação):** 9º parágrafo, 1º e 2º períodos
- **Evento secundário:** 9º parágrafo, 3º e 4º períodos
- **Evento secundário:** 10º parágrafo
- **Comentário (avaliação):** 11º parágrafo
- **Evento secundário:** 12º e 13º (exceto último período) parágrafos
- **Comentário (avaliação):** 13º parágrafo, último período, em reação verbal

Texto 44:

- **Chapéu:** Adoção
- **Manchete:** Pai remunerado
- **Linha fina:** A polêmica lei estadual que dá dinheiro a quem adotar um menor abandonado
- **Background presente:** 1º parágrafo, 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º períodos

- **Evento principal (macroproposição semântica do tipo narrativo – narração passada): (**1º parágrafo, 7º, 8º e 9º períodos) O governador do Rio de Janeiro, Antony garotinho, lançou recentemente uma boa iniciativa para tentar amenizar o problema. Ele implantou no fim do ano passado uma lei estadual que prevê o pagamento de um salário mensal para quem adotar crianças deficientes, portadoras do vírus HIV e de outras doenças graves ou órfãos com idade superior a 5 anos. No conjunto, gente que dificilmente seria escolhida de forma espontânea por alguma família.
- **Background presente:** 1º parágrafo, 10º e 11º períodos
- **Evento secundário:** 2º parágrafo, 1º e 2º períodos
- **Background presente do evento secundário:** 2º parágrafo, 3º, 4º e 5º períodos
- **Comentário (avaliação):** 2º parágrafo, 6º, 7º, 8º (em reação verbal) períodos
- **Comentário (expectativa):** 2º parágrafo, 9º período, em reação verbal
- **Detalhes do evento principal:** 3º parágrafo, 1º e 2º períodos
- **Comentário (avaliação):** 3º parágrafo, 3º período
- **Evento secundário:** 3º parágrafo, 4º, 5º e 6º períodos
- **Comentário (expectativa):** 3º parágrafo, 7º período

Percebemos, na notícia intitulada "Pai remunerado", que a categoria "Background" ocorreu antes e após o evento principal, diferentemente das notícias anteriores, que realizam, logo após o "Lead", o Evento Principal, que por sua vez não é seguido de um "Background".

Isso nos mostra o quanto a organização textual das notícias é flexível e reforça o fato de que, embora possamos estabelecer uma regularidade convencional para a realização das categorias da superestrutura da notícia, esse gênero não pode ser "encapsulado" numa forma

única, pois atende, primeiro, ao objetivo de estabelecer a comunicação e despertar o interesse do leitor pela sua leitura.

Uma vez que todo produtor de uma notícia tem esse objetivo em mente, irá compor o seu texto da maneira mais pertinente, utilizando-se dos mais variados recursos para que o texto seja claro e objetivo, embora já tenhamos reconhecido neste trabalho que essa objetividade jornalística é mais uma pretensão e pressuposto ético do que uma verdade em termos de uso da língua e construção/constituição do texto.

Além das categorias de superestrutura, o gênero notícia é composto por vários recursos que auxiliam na transmissão do fato/acontecimento. Esses recursos podem ser: chapéu (como mostramos nos textos 42, 43 e 44), intertítulos[22] (texto 45), esquemas (texto 46), mapas (anexo 47), imagens e gráficos (anexo 48), tabelas e gráficos (anexo 49), etc. Além disso, as notícias, quando possuem imagens, possuem também uma legenda, que têm "duas funções: descrever a foto, com o verbo de preferência no presente, e também dar uma informação sobre o acontecimento" (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO ESTADO DE S. PAULO, 1990, p. 46).

Esses recursos, que auxiliam no estabelecimento da coerência, são os chamados contextualizadores, que são mais freqüentes e diversificados (maior variação de cores e formas) nas revistas que nos jornais. Segundo Koch & Travaglia (1990):

> Os fatores de contextualização são aqueles que "ancoram" o texto em uma situação comunicativa determinada. Segundo Marcuschi 1983, podem ser de dois tipos: os contextualizadores propriamente ditos e os perspectivos ou prospectivos. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre, etc, que ajudam a situar o texto e, portanto, estabelecer-lhe a coerência.
> (...)

[22] Intertítulo corresponde a subtítulos que são editados no corpo da notícia, separando todo o texto em segmentos menores; e o chapéu pode ser uma palavra ou expressão relacionada ao tema da notícia e/ou ao tema do caderno.

> Os fatores perspectivos ou prospectivos são aqueles que avançam expectativas sobre conteúdo – e também a forma – do texto: título, autor, início do texto (KOCH & TRAVAGLIA, 1990, p. 67).

Conforme já registramos, estrutura e conteúdo estão intimamente ligados e são dependentes entre si, pois a estrutura é preenchida pelo conteúdo semântico; e, em nossa análise, percebemos que o conteúdo, relacionado à função sociocomunicativa, pode mudar a estrutura, em termos de ordem convencional e mais recorrente das categorias da superestrutura.

Desse modo, foi constatado que as notícias de tema cultural (Caderno 2*,* do *Estado de S. Paulo*; Ilustrada, na *Folha de S. Paulo*; Em Cultura, no *Estado de Minas* e seções específicas nas revistas), geralmente, realizam a categoria Comentário primeiro, e não o "Lead", como ocorrem nos textos dos anexos 50, 51, 52 e 53.

Nas quatro notícias, embora haja a manchete, da qual depreendemos o Evento Principal, não há o "Lead", e a primeira categoria do corpo do texto são os comentários. O quadro abaixo nos mostra a organização dessas notícias:

NOTÌCIA	**CATEGORIAS**
	Manchete : Guerra une cine político e Garcia Márquez **Comentário (avaliação):** 1º parágrafo **EP – futuro (macroproposição semântica do tipo narrativo):** três últimas linhas do 1º parágrafo – Será transmitido hoje na mostra competitiva do festival de Brasília o 15º filme de Ruy Guerra "O Veneno da Madrugada".

TEXTO 50	**Comentário (avaliação):** 2º, 3º e 4º parágrafos **Evento secundário**: 5º parágrafo **Comentário (avaliação):** 6º parágrafo **Evento secundário:** 7º e 8º parágrafos **Comentário (avaliação):** 9º parágrafo **Comentário (expectativa):** 10º parágrafo (primeiro período). **Evento secundário:** 10º parágrafo (segundo período)
TEXTO 51	**Manchete:** O modernismo marginal de Goeldi **Comentário (avaliação): 1º** parágrafo, excedo o último período **Background (presente):** último período do primeiro parágrafo **EP (macroproposição semântica do tipo narrativo – narração passada):** 2º parágrafo – Foi lançado um site, houve uma exposição, que está em cartaz até dezembro, além de publicações sobre o artista Oswaldo Goeldi. Todos esses eventos fazem parte do projeto de resgate do artista. **Evento secundário:** 3º parágrafo, exceto o último período **Comentário (expectativa):** último período do 3º parágrafo **Comentário (avaliação):** 4º parágrafo (dois últimos períodos em reação verbal) e 5º (1º período) parágrafos **Evento secundário:** 2º período do 5º

	parágrafo **Comentário (avaliação):** último período do quinto parágrafo, em reação verbal, 6º (4º período em reação verbal), 7º e 8º parágrafos
TEXTO 52	**Manchete:** Poesia da vida **Comentário (avaliação):** 1º parágrafo (introdutório) - último período em reação verbal **EP (macroproposição semântica do tipo narrativo – narração futura):** 2º parágrafo (dois primeiros períodos – Será lançado em breve em todo o país o novo romance de Adélia Prado: *Quero minha mãe*. Na obra a autora conta a história de uma mulher que, aos 60 anos, descobre de uma hora para outra que está com câncer. **Resumo do livro divulgado:** 3º e 4º períodos do 2º parágrafo **Comentário (avaliação):** último período do segundo parágrafo e três primeiros períodos do 3º parágrafo **Eventos anteriores:** 4º, 5º e 6º períodos do terceiro parágrafo

	Comentário (avaliação): 4º parágrafo (primeiro, segundo, quarto, quinto e sexto períodos em reação verbal), 5º parágrafo (em reação verbal), 6º parágrafo (em reação verbal) parágrafos
TEXTO 53	**Manchete:** Veias abertas **Comentário (avaliação):** 1º parágrafo **EP (macroproposição semântica do tipo narrativo – narração passada):** 2º parágrafo (1º e 2º períodos) – Foram lançados no Brasil dois livros: Havana e O Rei de Havana, do americano Martin Cruz Smith e do cubano Pedro Juan Gutiérrez, respectivamente. **Comentário (avaliação):** 2º parágrafo (3º período), 3º e 4º parágrafos

Percebemos, portanto, que as notícias de tema cultural (teatro, dança, lançamento de livros, cds, etc) tendem a desenvolver primeiro a categoria do Comentário, obedecendo à ordem de relevância, uma vez que nestes textos, mais importante que o fato relatado, são os comentários a respeito desse fato.

Embora possamos depreender da Manchete e do Evento principal as respostas para as perguntas inseridas pela categoria "Lead", esta geralmente não ocorre de maneira típica, como

proposto por Van Dijk (1986) e postulado nos manuais de redação e estilo[23], ou seja, no primeiro parágrafo do texto, realizando uma categoria da superestrutura. Porém, em nossa análise, também encontramos, em menor número, notícias de tema cultural que se iniciam com o "Lead", o que pode ser constatado nos textos 54 e 55.

A ocorrência de categorias como Comentário e Conseqüência no primeiro parágrafo das notícias nos mostra o quanto o objetivo sociocomunicativo dos gêneros jornalísticos é importante. Para a divulgação das notícias de tema político, a realização do "Lead" logo no primeiro parágrafo, após a Manchete e Linha Fina, parece ser mais adequada e prender mais a atenção do leitor. Já nas notícias de outros cadernos (Cultura, Esportes, etc), se o Evento Principal for explicitado logo no início, como o lançamento de um livro ou a data e horário de um jogo, o leitor pode não se interessar pelo resto do texto, como os comentários e conseqüências.

Outra característica dessas notícias de tema cultural é a pouca ocorrência de Conseqüências e Background, sendo constituídas, basicamente, pela Manchete, Eventos (principais e secundários) e Comentários. Isso pode estar relacionado ao fato de que não parece muito relevante no relato de um lançamento de livro, por exemplo, serem apresentadas as causas desse lançamento ou eventos concomitantes ("background"), ou as possíveis conseqüências desse evento.

Atendendo à ordem da relevância, portanto, o mais importante nessas notícias é divulgar um livro, uma apresentação teatral, uma obra artística, etc e tecer comentários a respeito do fato divulgado.

[23] Conforme o Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo (1990, p. 42), o Lead é "a abertura da matéria. Nos textos noticiosos, deve incluir, em duas ou três frases, as informações essenciais que transmitam ao leitor um resumo completo dos fatos.(...)Graficamente, recomenda-se que o lead tenha de quatro a sete linhas da lauda padrão do Estado.(...)".

Como as notícias de temas político e cultural são as mais recorrentes e aquelas que mais realizam as categorias de superestrutura da notícia de forma convencional, embora haja variações quanto ao segundo tema, a notícia que aqui chamamos de *notícia-típica* é a *notícia-gênero*, aquela que todo usuário da língua consegue reconhecer como tal e diferenciá-la de outros gêneros.

Como a espécie é uma variação de forma ou conteúdo de um gênero, as outras faces da notícia enumeradas abaixo configuram-se em espécies dessa notícia-gênero, ou seja, correspondem a variações de forma no relato de um fato/acontecimento, com a função sociocomunicativa de informar o leitor, estabelecendo a comunicação entre a comunidade discursiva jornalística e seus leitores.

A vasta ocorrência dessas espécies, tanto em jornais quanto em revistas, comprova que a notícia é o gênero base do jornalismo, haja vista que textos que possuem outra nomeação são, segundo nosso ponto de vista, notícias como aquelas notícias-típicas; porém, com uma organização textual diferente e atendendo às cinco condições de existência de uma notícia.

4.2.2 A Sub-retranca

Segundo o Manual de Redação da Folha de São Paulo (1992), sub-retranca é o texto que é editado na mesma página que uma notícia principal, para a qual traz informações complementares. Desse modo, a sub-retranca, como uma das várias faces da notícia, está sempre vinculada à notícia principal da página em que é editada e possui o formato *Box*, exercendo a

função de desenvolver uma categoria específica da superestrutura do texto noticioso com o qual compartilha o mesmo tema.

Segundo Garcia (2005, p. 32-33), a sub-retranca assemelha-se ao *fait-divers*, "gênero textual que sempre esteve presente no meio jornalístico e é visto como um recurso editorial para chamar a atenção e promover a diversão do público leitor". Sob essa ótica, a sub-retranca possui um traço de humor e, ao lado de notícias de tema político, especificamente da seção Brasil da FSP, pode ser um recurso para o jornal veicular uma ideologia a respeito do assunto sob uma pretensa objetividade.

Porém, em nossa análise, percebemos que a sub-retranca nem sempre constitui-se de um texto caracterizado pelo humor e é editada também em outros cadernos que não o de tema político (como de esportes, cultura, etc) e também ocorre em outros jornais, como *O Estado de S. Paulo* e *Estado de Minas*.

Portanto, a sub-retranca aqui é entendida como uma notícia paralela a uma notícia principal, da qual realiza uma categoria específica como "Background" ou Comentário, geralmente em uma configuração específica, como o formato *Box* e a presença de título e, menos recorrente, de chapéu.

Essa definição se confirma em Van Dijk (1986), que postula a existência de um texto que realiza categorias de um outro texto noticioso, como o Editorial, que, segundo o autor, é responsável pela categoria de Comentários, inserindo as expectativas e avaliações do jornal a respeito de um ou mais eventos[24].

[24] Segundo Van Dijk, 1986, p. 67: "There are however more than enough examples to warrant the special introduction of a Comments category. As with the other schematic category, this information may also be reserved for a special background or commentary article. Editorials have of course as their main function the formulation of the newspaper's expectations and evaluations of the events". (Há, porém, mais que exemplos suficientes para garantir a introdução da categoria Comentário. Como as outras categorias esquemáticas, esta informação pode ser

Como a *sub-retranca* é aqui proposta como uma das faces da notícia ou uma espécie vinculada ao gênero notícia e ao tipo narrativo, é também um texto noticioso, pois dele extraímos um fato/acontecimento, porém em um formato gráfico diferente da *notícia-típica* ou *notícia-gênero.*

Como desenvolve uma categoria específica da notícia à qual está vinculada, a *sub-retranca* possui o mesmo EP da notícia principal, texto este com o qual possui estreita relação semântica e que é indispensável para o estabelecimento da coerência na *sub-retranca.*

São exemplos dessa espécie de notícia os textos 56, 57, 58, 59 e 60, cujas categorias esquemáticas estão explicitadas abaixo:

Texto 56

- **Título:** Instituto de combate à malária funcionou no local nos anos 50;
- **Categoria da notícia principal realizada**: Background;
- **Evento principal da notícia principal (narração presente):** 95% da população da "Cidade dos Meninos" está contaminada com resíduos químicos;
- **Background realizado:** localização da "Cidade dos Meninos" (background presente); história das instituições que já funcionaram no local, apontando a causa do lugar estar contaminado (background passado).

Texto 57

- **Título:** Mão na massa;
- **Categoria da notícia principal realizada**: detalhes do Evento Principal;

reservada para um artigo especial de "background ou comentário. Editoriais têm como sua principal função a formulação do jornal sobre expectativas e avaliações dos eventos.)

- **Evento principal da notícia principal (narração passada – narração de um fato):** a Câmara absolveu, na semana passada, por voto secreto, o deputado Romeu Queiroz, (PTB-MG), que se livrou da cassação
- **Detalhes do Evento principal realizado:** além de Queiroz, há outros onze deputados que foram flagrados com a "mão na massa", segundo lista (em que consta o nome e a quantia que esses deputados receberam) elaborada por Marcos Valério e entregue à CPI dos Correios.

Texto 58

- **Título:** Médico diz que procedimento não é cirurgia;
- **Categoria da notícia principal realizada**: Comentário;
- **Evento principal da notícia principal (narração passada):** paciente morre após fazer uma lipoaspiração, em São Paulo, e a clínica é interditada;
- **Comentário realizado:** o médico responsável pela cirurgia enviou uma nota à reportagem do jornal dizendo que o procedimento de lipoaspiração realizado por ele não é cirurgia

Texto 59

- **Título:** Poesia e jantar lotam a Casa das Rosas
- **Categoria da notícia principal realizada**: detalhes do Evento Principal;
- **Evento principal da notícia principal (narração passada):** evento cultural em SP, Virada Cultural, é prejudicado por temporal, atrasos e falta de organização;

- **Detalhes desenvolvidos na sub-retranca:** recital de poesia na Casa das Rosas, às 3h25, uma das atrações da Virada Cultural, foi um sucesso. As 50 cadeiras que compunham o ambiente não foram suficientes. Durante a peça, houve o oferecimento de comida à platéia.

Texto 60

- **Título:** Leite materno salva milhões
- **Categoria da notícia principal realizada**: Evento secundário;
- **Evento principal da notícia principal (narração presente – relato de um fato):** A amamentação protege a mulher da diabete, segundo cientistas da Universidade de Harvard;
- **Eventos secundários realizados:** 1) segundo relatório do Unicef e da Organização Mundial de Saúde (OMS), produzido para avaliar o progresso de países em desenvolvimento desde a Declaração sobre Proteção, Promoção e Apoio ao Aleitamento Materno, a amamentação está salvando 6 milhões de crianças anualmente, já que aumentou o número de mães que amamentam filhos até seis meses, nesses países. 2) mais de 60 países estão proibindo, através da implementação do Código Internacional de Marketing, a oferta e o uso de imagens que valorizam a amamentação por mamadeira. 3. O encontro do Unicef e da OMS propôs o status de "amigos dos bebês" aos hospitais que estimulam a amamentação de recém-nascidos. 4. Segundo o relatório, ainda é pequeno o número de bebês que são amamentados exclusivamente por leite materno no mundo em desenvolvimento, o que se deve à pesada carga de trabalhos das

mulheres nas zonas rurais e às incertas oportunidades de trabalho na zona urbana, fato que deve ser modificado, a partir de uma maior proteção às mulheres no mercado de trabalho.

Quanto às características da sub-retranca, é importante ressaltar que nem sempre é editada em *Box* e pode conter linha fina, como o texto 60, do *Estado de Minas*. Do mesmo modo, um texto pode parecer uma sub-retranca, pela disposição gráfica em *Box*, mas na verdade é uma notícia principal, pois não compartilha um tema com outra notícia, da qual realiza uma categoria de superestrutura, como ocorre no texto 61, na notícia intitulada "Criminosos fazem buraco e furtam banco".

Dentre as categorias de uma notícia principal realizadas pela sub-retranca, a de maior ocorrência é o "Background", que traz informações complementares sobre a notícia, seja do momento presente ou passado, auxiliando sua compreensão.

Essa informação "extra", que é inserida no texto noticioso pelo "background", também pode ser percebida nos contextualizadores, utilizados na editoração do gênero notícia, como gráficos, esquemas, mapas, tabelas, etc. Esses recursos muitas vezes são citados no corpo da notícia (como "veja quadro ao lado", "confira na tabela abaixo", etc) para que o leitor recorra a eles para melhor esclarecimento de um fato, extraindo seus detalhes.

Essa "função" de "background" pode ser exercida também por uma entrevista, a qual é editada ao lado de uma notícia principal e cujo conteúdo auxilia a compreensão do leitor a respeito do evento principal relatado. É o que ocorre no texto 62.

Esses recursos gráficos e até mesmo a entrevista que exercem a "função" de "background" podem ter uma configuração gráfica em *Box* e um título, assemelhando-se de tal

maneira a uma sub-retranca que a fronteira entre ambos se torna difusa e tênue. No caso do gênero entrevista com "função" de "background", parece que estamos diante de um intercâmbio de gêneros, pois teríamos uma sub-retranca em forma de entrevista.

Essa mistura e oscilação entre um gênero e outro, bem como um gênero e um recurso gráfico, embora não seja nosso foco de análise, nos revela, conforme expusemos anteriormente, a versatilidade e flexibilidade dos gêneros jornalísticos, os quais, com a função sociocomunicativa de transmitir informações, podem ser compostos da maneira que melhor atender a esse fim; tornando difícil, portanto, o "encapsulamento" desses gêneros em uma forma única e rígida, bem como sua identificação e diferenciação.

4.2.3 Chamada

A Chamada, segundo Medina, J. (2001, p. 54), é um "resumo da notícia colocado na primeira página ou na capa de um caderno, com esclarecimentos sobre a seção ou página em que pode ser lida."

Desse modo, a Chamada alerta os leitores sobre os principais textos do jornal, tudo aquilo que o editor da capa do jornal, seja a página 1 ou a capa de cadernos, considera ser importante, de destaque. Embora os teóricos da Comunicação se refiram basicamente ao jornal, as chamadas também ocorrem nas revistas, como no exemplo extraído da capa da revista *Veja*, no texto 63.

As Chamadas são uma espécie de notícia porque relatam, embora resumidamente, um fato/acontecimento, além de atenderem aos outros critérios de definição de notícia; diferenciando-se da *notícia-típica* pela sua localização (sempre nas capas das revistas, dos jornais

ou dos cadernos destes), pela presença de imagem (embora não em todos os casos) e por conter a indicação, ao final, da localização da notícia anunciada.

Pelo fato de terem também a função de chamar a atenção do leitor para vários fatos e acontecimentos, as chamadas são bastante breves e, geralmente, são constituídas de um título ou Manchete (com menos recorrência há uma Linha Fina e/ou Chapéu).

Esse gênero talvez seja o mais variável dos jornalísticos, na medida em que encontramos desde Chamadas bastante breves, apenas com Manchete e Evento Principal, como aquelas mais elaboradas, com Manchete, Linha fina, Evento Principal, detalhes do Evento Principal, Evento Secundário, Comentário e Conseqüência, conforme os textos 64 e 65, respectivamente. Há também "Frases" que funcionam como chamadas (embora nessas chamadas, geralmente, não apareça a indicação da página em que se encontra a notícia), como o texto 66.

Texto 64

ESPÉCIE	**CATEGORIAS DA SUPERESTRUTURA DA NOTÍCIA**
Chamada	**Chapéu:** Assalto ao BC
	Manchete: Mulher de preso é seqüestrada
	EP (macroproposição semântica narrativa – narração passada): O bando de assaltantes do BC seqüestrou a mulher de um assaltante preso e obrigou-a a falar onde estava o dinheiro roubado.

Texto 65

ESPÉCIE	**CATEGORIAS DA SUPERESTRUTURA DA NOTÍCIA**
	Resumo/Sumário **Manchete:** Acelerar gastos no fim de ano,

Chamada	ordem de Lula a Palocci **Linha fina:** Ministro vai definir investimentos para evitar gastos supérfluos; ele deve dar prioridade a obras de infra-estrutura.
	Evento principal (lead): O presidente Lula (quem) comunicou aos ministros da área econômica que pretende aproximar o máximo possível o superávit primário da meta de 4,25 do Produto Interno Bruto.
	Detalhes do EP: 2º período
	Conseqüência: 3º e 4º períodos
	Evento Secundário: 5º e 6º períodos
	Comentário (reação verbal): 7º período

A primeira página mostra-se bastante flexível, revelando o caráter de constante transformação dos gêneros e sua relação com as mais diversas atividades e interesses sociais. Não há uma forma fixa para a construção da capa de um jornal/revista, podem aparecer textos e gêneros diversos, desde que atendam à necessidade de chamar a atenção do leitor para um determinado assunto.

Percebemos, na análise de texto-legenda (que será abordado adiante), o quanto os gêneros, principalmente os jornalísticos, são flexíveis, ou seja, podem assumir funções diferentes e configurarem-se em outros gêneros.

Percebemos, também, a importância de todo o contexto de comunicação e de critérios que consideram esse contexto para conseguirmos realizar uma classificação de gêneros. Quando os texto-legendas funcionam como chamadas, geralmente, possuem menor extensão, haja vista a brevidade necessária aos textos da capa.

As Chamadas não podem ser produzidas por não-jornalistas e, geralmente, há um profissional (editor de capa) responsável pela leitura de todo o conteúdo do jornal/revista e elaboração desse gênero.

4.2.4 "Frases"

Em nosso *corpus,* percebemos a grande ocorrência de frases de personalidades, ou seja, citações entre aspas sobre um determinado assunto, seguida do nome, idade e profissão de quem proferiu e, às vezes, um pequeno comentário sobre a situação em que a frase foi emitida.

Nas revistas, essas frases têm uma seção específica ("Veja essa", na revista Veja, e "Dois Pontos", na Época), nos jornais não têm um lugar específico, porém sempre estão relacionadas a uma notícia da página em que ocorrem e podem ocorrer acompanhadas de imagens e sob o título "Frases", fato que nos levou à nomeação dessa espécie de notícia.

Essas frases são uma espécie de notícia indireta, pois, ao invés de o jornalista transcrever em discurso indireto a fala de alguém, ele a transcreve na íntegra, o que revela um certo descompromisso do jornal/revista com o conteúdo veiculado, embora o comentário e a própria escolha da fala nos mostre, mais uma vez, que a objetividade e a isenção jornalística parecem não existir.

O que difere as "frases" das notícias-típicas, portanto, é a presença de um discurso direto, como se o "jornalista-narrador", em seu relato, abrisse dois pontos antes da frase, que inclusive aparece sempre entre aspas.

Desse modo, a macroproposição semântica narrativa que expressa o EP de uma frase será sempre um discurso indireto, pois a elaboração do resumo dessa espécie de notícia corresponde a "dizer" o que alguém disse.

Quanto à superestrutura, propomos as seguintes categorias, considerando a proposta de Van Dijk (1986), bem como as demais propostas de superestruturas expostas neste trabalho:

1. **Comentário 1 (obrigatória)** – em que há o relato em si, entre aspas, da fala de alguém, geralmente uma celebridade ou pessoa que se destacou por algum feito;
2. **Situação (obrigatória)** – em que há a descrição do "dono" da frase, com seu nome, profissão, idade, local de nascimento, etc;
3. **Comentário 2 (pode aparecer ou não)** – em que há um comentário do jornalista a respeito da fala, apresentando a situação em que foi proferida e, às vezes, inserindo um juízo de valor, muitas vezes numa aparente imparcialidade.

Segundo nossa proposta de superestrutura para as "frases", podemos constatá-la nos textos 67, 68 e 69, cujas categorias esquemáticas explicamos abaixo:

Texto 67

- **Comentário 1:** "Se nós tivéssemos 180 milhões de Franciscos, certamente o dinheiro daria para a gente fazer muito mais coisas para o povo pobre deste país"
- **Situação:** Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República;
- **Comentário 2:** referindo-se ao faxineiro Francisco Cavalcante, que devolveu uma carteira com 10.000 dólares que encontrou num banheiro do aeroporto onde trabalha

Texto 68

- **Comentário 1:** "O que houve nesse governo foi uma racionalização do uso dos recursos de publicidade institucional da administração direta, por meio de sua centralização na Secom e da negociação de preços com os veículos de comunicação"
- **Situação:** Luiz Gushiken, secretário de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica da Presidência da República,
- **Comentário 2:** tentando explicar o inexplicável;

Texto 69

- **Comentário 1:** "Nunca me senti ameaçada, mas agora, pela primeira vez, eu me sinto forte. As pessoas estão agindo de modo diferente comigo. Tem gente que pensa que sou uma neonazista ou lésbica. Estou amando isso.""
- **Situação:** Natalie Portman, atriz americana nascida em Israel
- **Comentário 2:** referindo-se à cabeça raspada, visual que usou no filme V de Vingança e resolveu manter;

Quanto ao tipo, no Comentário 1 pode haver: uma dissertação, uma narração ou uma descrição, sempre em termos de dominância. A categoria da situação realiza, necessariamente, o tipo descritivo, pois é preenchida pela descrição de quem emitiu a frase em questão. No comentário 2, constatamos apenas a realização do tipo dissertativo e o EP que depreendemos de todo o texto é sempre narrativo, embora a frase citada seja dissertativa, por exemplo.

4.2.5 Notas e *Fait-divers*

Segundo o Novo Manual de Redação da FSP (1992), *fait-divers* refere-se a notas e notícias atrativas para o leitor. Temos, nesse conceito, a noção central desse texto: seu caráter atrativo, de novidade.

Para Garcia (2005, p. 33), o *fait-divers* chama a atenção pelo seu "caráter inusitado ou contraditório das relações humanas em algumas circunstâncias, expostas, aparentemente, sem nada de implícito, para serem consumidas pelo leitor mais como uma curiosidade do que acréscimo de informação". Esse conceito reforça o caráter de novidade do *fait-divers* e acrescenta outra noção: a de futilidade, uma espécie de curiosidade desnecessária.

Essa categoria de texto, de caráter inusitado e pouca relevância, apresenta uma extensão bastante curta, constituindo-se em pequenos textos reunidos numa seção específica sob um título ou vários subtítulos.

Desse modo, o que chamamos de *fait-divers* refere-se a pequenas notícias que dão a conhecer um fato/acontecimento bastante novo, interessante e um tanto fútil, tendo em mente fatos políticos, econômicos e sociais que dizem respeito às diretrizes políticas de uma determinada região.

Porém, admitimos que esse conteúdo possa aparecer, também, num texto maior, um relato de um fato/acontecimento inusitado com grande atrativo para o leitor, uma espécie de "fofoca institucionalizada"[25], mas essas notícias ou "grandes" *fait-divers* são encontradas em revistas

[25] Termo citado pelo professor Dr. Luiz Carlos Travaglia, em comunicação em sala de aula, no curso de Mestrado em Lingüística, Uberlândia, MG, set. 2005.

especializadas em curiosidades sobre celebridades, como *Caras* e *Contigo*, as quais não fazem parte do nosso *corpus* de análise.

Além do *fait-divers*, constatamos também a existência de pequenas notícias, publicadas em seções específicas e com títulos ou sub-títulos, porém, com conteúdo diferente, não tão inusitado e não satisfazendo uma curiosidade; mas um conteúdo que expressa o relato de um fato/acontecimento político ou econômico, por exemplo.

A essa categoria de texto, que corresponde a outra espécie de notícia, chamamos de **nota**, que corresponde, a grosso modo, a uma notícia-típica de pequena extensão e publicada em seções específicas e com títulos ou sub-títulos.

Embora tenhamos constatado a regularidade das notas e dos *fait-divers* em seções e cadernos específicos, esses textos não possuem um lugar de ocorrência muito fixo, pois podem ser editados em qualquer caderno ou em qualquer espaço das revistas, geralmente em conjunto, sobre um mesmo tema, ou com um tema geral e subtemas mais específicos, que dividem e agrupam os textos em um mesmo assunto, como ocorre na seção Radar, da revista Veja (texto 70), que corresponde a um conjunto de notas.

Quanto à superestrutura, esses textos têm sempre uma Manchete ou título (às vezes um subtítulo) e, geralmente, realizam as categorias de "Lead", Evento principal, Evento Secundário, Comentário e Conseqüências, seguindo a ordem proposta por Van Dijk (1986) que segue o princípio da relevância.

Porém, podemos ter notas e *fait-divers* que se iniciam com o "Lead" e Evento Principal, com Comentário e com "Background", conforme os textos 71, 72 e 73, respectivamente.

Texto 71

- **Manchete:** A praia do fluminense;
- **Lead:** Wagner Victer (quem), o secretário de energia ficou intrigado com o armador Norskan (o quê), o qual chamou um navio de Botafogo e outro de Flamengo (por quê);
- **Evento principal:** Wagner Victer se irritou com o fato de o armador Norskan ter batizado um navio de Botafogo e outro de Flamengo;
- **Background presente:** Fanático pelo fluminense, início do 2º período;
- **Detalhes do evento principal:** cobrou uma homenagem a seu time, continuação do 2º período
- **Conseqüência:** 3º ,4º e 5º períodos

Texto 72

- **Manchete:** O fim de uma agência;
- **Comentário:** 1º período
- **Evento principal:** 2º período;
- **Conseqüência**: 3º período
- **Background passado:** Depois de 35 anos no mercado, início do 4º período;
- **Conseqüência:** continuação do 4º período, 5º e 6º períodos.

Texto 73

- **Manchete:** Collor deu uma de Ronaldo;
- **Background:** 1º período;

- **Evento principal:** 2º período;
- **Detalhes do evento principal:** 3º período;
- **Eventos secundários:** 4º período (Collor já foi casado duas vezes, começou a usar aliança de noivado e disse que não volta para a política) e 5º período (Collor quer se dedicar ao novo amor e tocar os negócios da família).

Não constatamos em nossa análise essa espécie de notícia iniciada com a categoria da Conseqüência.

4.2.6 "Memorial"

Encontramos na *Folha de S. Paulo* (caderno C - Cotidiano) e no *Estado de S. Paulo* (Caderno C - Cidades) a publicação de notícias antigas, datadas de cinqüenta anos atrás ou de um século. Chamamos esse texto de "memorial", por se tratar de rememorar fatos que marcaram uma determinada época em um determinado local.

Consideramos esse texto uma espécie de notícia, que possui, em ambos os jornais, um espaço específico de publicação. Trata-se de notícias antigas que são publicadas novamente, com o objetivo de lembrar o que estava acontecendo na data de publicação do jornal, mas há alguns anos.

O que diferencia o “memorial” da notícia-típica é o fato de seu conteúdo semântico, seu EP, assumir um caráter histórico, não se trata de um fato/acontecimento contemporâneo, futuro ou remoto, mas o evento divulgado torna-se um marco histórico, tanto para o local onde ocorreu quanto para o jornal que o publica.

O que importa não é a realização de uma categoria ou outra ou a ordem de realização dessas categorias da superestrutura da notícia, seja qual for a estrutura composicional dessa espécie de notícia, ela se define pelo status histórico que adquire com a sua publicação. Como exemplo de “memorial” temos os textos 74 e 75 .

4.2.7 Texto-legenda

O Manual de Redação e estilo do Estado de S. Paulo (1990) traz o seguinte conceito para o verbete texto-legenda:

> Como é ao mesmo tempo, uma notícia e uma legenda, deve, por isso, descrever a fotografia e relatar o fato ao leitor, em linguagem direta e objetiva. Recomenda-se que o texto-legenda preencha de três a cinco linhas de lauda. Em casos excepcionais, admite-se um pouco mais e, raramente, menos. Não existe parágrafo no texto-legenda, nem inicial nem intermediário. O ideal é que o texto-legenda contenha pelo menos duas frases, a primeira descritiva e a segunda, complementar e informativa. Como título, reproduza algum pormenor da notícia ou mesmo a sintetize (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO ESTADO DE S. PAULO, 1990, p. 74-75).

Apesar de o Manual recomendar, nem sempre os texto-legendas possuem títulos, como podemos observar nos textos 76 e 77.

O texto-legenda, portanto, é uma espécie de notícia que se caracteriza pela presença de uma foto e um texto que a explica e relata o fato/evento noticiado. Conforme abordamos anteriormente, os texto-legendas podem funcionar como chamadas.

4.3 NOTÍCIA: UMA JUNÇÃO DE FATORES

Devemos registrar que, entre os cinco critérios e parâmetros para identificarmos uma notícia, não há hierarquia, ou seja, não podemos estabelecer uma ordem de importância; já que acreditamos que a notícia surge da conjugação de todos esses critérios. Uma visão hierárquica nesse caso, ou seja, o estabelecimento de um critério como o mais importante, levaríamos a classificar, se não todos, a maioria dos gêneros publicados nos jornais e revistas como notícia.

O critério que, se supervalorizado, levaria a essa classificação seria o conteúdo. Ora, se partirmos do pressuposto de que a única condição necessária e suficiente para a existência de uma notícia seja seu conteúdo (que se configura no dar a conhecer aos leitores fatos e acontecimentos tanto atuais como mais remotos); e, ainda, tendo em mente que o jornalismo (impresso ou falado) tem o compromisso de informar devidamente a população sobre o que está acontecendo, aconteceu ou pode acontecer em cidades, regiões, lugares e países, todos os gêneros publicados em jornais e revistas poderiam ser, *a priori*, uma notícia.

Dos gêneros do tipo narrativo, podemos extrair, claramente, um fato/acontecimento, o que não ocorre à primeira vista com gêneros dos tipos dissertativo, argumentativo, injuntivo e descritivo, dos quais, geralmente, temos, predominantemente, a exposição de idéias, uma tomada

de posição em relação a algum tema, um desejo de que se faça ou cumpra algo no futuro e o elencar de características de algo ou alguém, respectivamente.

Porém, textos aqui postulados como necessariamente descritivos, como o boletim metereológico e os classificados, não narram um fato/acontecimento? Não temos, respectivamente, a notícia de que vai chover em um determinado lugar e de que um determinado imóvel está à venda?

Segundo o critério de conteúdo, portanto, poderíamos considerar a maioria dos gêneros publicados em jornais e revistas como notícias, inclusive aqueles que facilmente classificamos como não jornalísticos, como o edital.

Como a identificação e definição de uma notícia é bastante complexa, acreditamos que esse gênero deve ser visto como uma junção de todos os cinco fatores (expostos no item 4.1) que julgamos pertinente e necessários para sua constituição, sem qualquer sobreposição entre eles.

É importante registrar que alguns gêneros como o artigo de divulgação científica e o obituário/nota de falecimento parecem expressar o relato de um fato/aconteimento, dando a conhecer a notícia de alguma descoberta científica e da morte alguém. No entanto, esses gêneros parecem não constituírem a comunidade discursiva jornalística, já que esse artigo, geralmente, é produzido por um especialista que traça comentários científicos e o obituário são notas de falecimento pagas ao jornal, não refletindo, assim, um gênero da esfera de ação social jornalística.

Porém, quando o obituário é sobre a morte de uma pessoa conhecida por algum motivo, parece que estaríamos diante de uma notícia, já que esse texto, então, não é pago para ser publicado. No entanto, maior investigação deve ser feita em relação ao seu produtor (jornalista ou não?).

A identificação de uma categoria de texto como uma notícia, portanto, pode ser feita pela junção dos cinco fatores abaixo:

1. Ser produzida por um jornalista e, conseqüentemente, pertencer à comunidade discursiva jornalística, refletindo a existência de um grupo social com objetivos públicos comuns e especializados em uma determinada área (no caso dos jornalistas a área da Comunicação);
2. Ter o jornal/revista como suporte e não como mais um meio de divulgação, ou seja, ter o jornal/revista como primeiro "lugar" de ocorrência e fixação, e não como canal ou meio;
3. Ter como função sociocomunicativa instaurar a comunicação entre os leitores do jornal/revista e os membros da comunidade discursiva jornalística, permitindo à população o conhecimento de fatos e acontecimentos remotos ou recentes, importantes ou "fúteis";
4. Ter como conteúdo temático o relato de um fato/acontecimento, no presente, passado ou futuro;
5. Ser predominantemente do tipo narrativo, apresentando uma estrutura composicional que realize, no mínimo, a categoria de Evento Principal (EP).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme expusemos, a notícia é um gênero que possui várias espécies vinculadas a si e constitui-se no gênero base do jornalismo, conforme apontam vários teóricos da área da Comunicação.

Em nossa análise, confirmamos a hipótese de que os gêneros jornalísticos possuem uma organização textual própria, conforme expusemos na caracterização desses gêneros, inclusive daqueles de difícil definição como jornalísticos (itens 3.5 e 3.6).

Quanto aos nossos objetivos, constatamos 32 categorias de texto na comunidade discursiva jornalística e estabelecemos como critérios de delimitação e definição do que seja um texto/gênero jornalístico os princípios propostos por Swales (1990) para definição de comunidade discursiva, bem como o que postula Marcuschi (2003) a respeito da diferença entre gênero, suporte, serviço, canal ou meio.

Temos consciência de que a tarefa de estabelecer parâmetros de classificação de texto/gênero jornalístico é bastante complexa, na medida em que a fronteira entre o jornalístico e o não jornalístico não se mostra com muita clareza, nem mesmo para os próprios teóricos da Comunicação, os quais não distinguem com rigor lingüístico os gêneros publicados em jornais e revistas.

Além disso, a diferença entre suporte, serviço, canal ou meio deve ser investigada em mais estudos, haja vista a escassez de trabalhos que contemplam essa análise.

Quanto à definição e caracterização do gênero notícia, estabelecemos cinco critérios que, juntos, possibilitam a identificação de um texto noticioso, cuja constatação nos jornais e revistas é bastante complexa, haja vista o grande número de textos que, à primeira vista, parecem notícia.

Essas "falsas" notícias (como o texto 38) são mais recorrentes quanto mais extraordinário for o caderno do jornal e menos relacionado ao tema político for o caderno ou a seção da revista. Desse modo, em cadernos de Turismo, Cultura, Culinária, Novelas, Infantis e Moda, por exemplo, há mais recorrência de textos que se assemelham à notícia, pois possuem Manchete e, às vezes, Linha Fina; mas que não constituem-se em textos noticiosos segundo nossos critérios.

Essas categorias de texto são, na verdade, indicações de lugares para passeio (caderno de Turismo), dicas culinárias (caderno de Culinária), dicas de moda ou comportamento (caderno de Moda), dicas de livros e filmes (caderno Cultural, Infantil, ect), análises de obras artísticas e comentários sobre novelas e artistas (caderno Cultural).

Não há, nesses textos, a conjugação de todos os critérios de estabelecimento da notícia, apesar desses textos parecerem possuir o jornal como suporte. Porém, todos os fatores constituintes da notícia devem atuar conjuntamente, segundo nossa proposta e ponto de vista.

Como partimos do pressuposto de que os gêneros estão intimamente ligados à sua função sociocomunicativa (TRAVAGLIA, 2003) e revelam atividades sociais (BAKHTIN, 1997) e profissionais (BAZERMAN, 2005), assumimos também o pressuposto de que os gêneros são dinâmicos, ou seja, variam com o tempo e seu contexto social, já que as próprias atividades sociais e suas funções não são rígidas e estão em constante mudança.

Desse modo, precisamos ressaltar que nossa tentativa de contribuição à construção de uma teoria tipológica geral de textos e, conseqüentemente, à conceituação de gêneros como jornalísticos ou não, deve ser entendida como situada em um dado momento histórico e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Jean Michel. **Lês Textes: types et prototypes – Récit, description, argumentation, explication et dialogue**. Paris: Nathan, 1993.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer** – palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes médicas: 1990.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica.** São Paulo: Ática, 1990.

BAKHTIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Fratechi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** São Paulo: Cortez, 2005.

BERNÁRDEZ, Enrique. **Introducción a la lingüistica del texto**. Madrid: Espasa – Calpe S. A, 1982.

BONINI, Aldair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de Comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso, Florianópolis,** v. 4, n. 1, jul./dez. 2003. Disponível em <http://br.geocities.com/adbonini/>. Acesso em: 20 de nov. de 2006.

BRONKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos.** São Paulo: EDUC, 2003.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa.** São Paulo: Ática, 1993.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>. Acesso em: 19 nov. 2006.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Lingüística.** São Paulo: Cultrix, 1973.

FÁVERO, L. L; KOCH, I. V. Contribuição a uma tipologia textual, **Letras & Letras,** Uberlândia, vol. 3, n. 1, p. 3–10, jun., 1987.

FÁVERO, L. L.; KOCH,I, V. **Lingüística Textual**: Introdução. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FERREIRA, Simone Cristina Salviano. **A crônica: problemáticas em torno de um gênero.** 206 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras e Lingüística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

FIORIN, J. L. Tipologia dos textos. In: LOPES, Harry Vieira et al (org.). **Língua Portuguesa –** o currículo e a compreensão da realidade. São Paulo: Secretaria de Estado de Educação/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1981, p. 33-42.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de Redação**. São Paulo, 1992.

GARCIA, Cladir Costa Gabriel. **A política do riso e o riso da política –** a argumentatividade na expressão do humor no discurso jornalístico. Tese (Doutorado) – Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.

GARGUREVICH, Juan. **Gêneros periodísticos**. Quito: Equador Editorial, 1982.

KOCH, I.V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

KOCH, I. V. **A coesão textual**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LAGE, N. **A reportagem, teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2003.

MANUAL GERAL DA REDAÇÃO. 2. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.

MARCUSCHI, L.A. **Análise da conversação.** 2. ed.. São Paulo: Ática, 1981.

_____. **Lingúística de texto: o que é, como se faz**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1986.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino.** DIONÍSIO, A. P; BEZERRA, M; MACHADO, A. R. (orgs). Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____Questão do Suporte dos Gêneros Textuais, **Outras Palavras 1**, João Pessoa, UFPB, 2003. No prelo.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

MEDINA, Jorge L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão, **Revista Simposim**, Pernambuco, ano 5, n. 1, 2001.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo: FDT, 1992.

MELO, José Marques. (org) et ali. **Gêneros e formatos na comunicação periodística: um estudo do jornal Folha de São Paulo**. São Paulo: Universidade Metodista, 1998.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Manual de Redação e Estilo**. São Paulo, 1990.

REBELO, José. **O discurso do jornal: o como e o porquê**. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.

SILVA, Angela Maria et al. **Guia para normalização de trabalhos técnico científicos: projetos de pesquisa, monografias, dissertações, teses**. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SWALES, John M. **Genre Analysis** – English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, L.C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil.** 1991.Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas 1991.

_____ A superestrutura dos textos injuntivos, **Anais de Seminário do Grupo de Estudos lingüísticos do Estado de São Paulo**, Jaú, v. 2, 1992, p.1290-1297.

_____.Gêneros definidos por atos de fala**.** In: ZANDWAIS, Ana (org.). **Relações entre pragmática e enunciação**. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 2002, p. 129-153.

_____. Composição tipológica de textos como atividade de formulação textual, **Revista do GELNE**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2003a, p. 32-37.

_____. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa Maria O. Barbosa. **Língua Portuguesa e Ensino**. São Paulo: Cortez, EDUC, 2003b. No prelo.

_____. Tipologias textuais literárias e lingüísticas. **Scripta,** Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 146-157, jan./jun. 2004.

VAN DIJK, Teun A. Gramáticas textuais e estruturas narrativas. In: CHABROLC. Et al. **Semiótica narrativa e textual**. Trad. Brás.São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. News schemata. In: COOPER, Charles R. e GREENBAUM, Sidney (eds).**Studying writing:linguístic approaches**. London/Beverly Hills/New Delhi: Sage Publications, 1986, p. 155-185.

_____. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

WEINRICH, Harald. **Estructura y función de los tiempos em el langaje**. Madridi: Gredos, 1968.

ANEXOS

TEXTO 1

Clínica de estética não tinha licença

Local foi interditado após morte de mulher que havia se submetido a uma lipoaspiração

INVESTIGAÇÃO

Ricardo Westin

A clínica de estética onde a advogada Silvana Maria Turine Augusto, de 37 anos, se submeteu a uma lipoaspiração pouco antes de morrer, na quarta-feira passada, em São Paulo, não tinha licença de funcionamento. Essa foi a principal irregularidade apontada por técnicos da Vigilância Sanitária do Estado de São Paulo. Eles vistoriaram a clínica anteontem e, no mesmo dia, determinaram a sua interdição.

Silvana procurou a clínica, na Vila Mariana, para retirar gordura das coxas. O médico que realizou a lipoaspiração, Bruno Molinari, afirma que a paciente começou a ter convulsões após o procedimento. Ele usou o próprio carro para levá-la ao Hospital Santa Rita, no bairro vizinho do Paraíso. Silvana teve parada cardiorrespiratória e morreu no mesmo dia.

Além da causa da morte, as principais dúvidas são se ela chegou viva ou morta ao hospital – segundo o médico, ela chegou viva; o hospital diz que chegou morta – e se tomava algum medicamento controlado. "Estamos aguardando o resultado dos exames do Instituto Médico Legal", disse o delegado Maurício del Trono Grosche, que está conduzindo as investigações.

O Conselho Regional de Medicina abriu um expediente para investigar a atuação de Molinari. Ele pode ficar impedido de exercer a profissão. Dependendo das conclusões da investigação policial, também pode ser indiciado por homicídio culposo (sem intenção).

Além da licença de funcionamento, segundo a Vigilância Sanitária, a clínica não tinha um responsável técnico no momento da vistoria, as salas não tinham pia para higienização, parte dos medicamentos estava com o prazo de validade vencido e o registro de procedimentos realizados estava incompleto.

Procurado pelo **Estado**, Molinari disse, por meio da assessoria de imprensa da clínica, que o Código de Ética Médica o impede de falar com a imprensa. ●

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 23 nov. 2005, p. A18.

TEXTO 2

CPI dos Correios

"Na reportagem 'Impasse sobre Azeredo barra votação de relatório' (Brasil, 25/11), a Folha erra, pois não existe denúncia sobre meu envolvimento nas denúncias de irregularidades apuradas pela CPMI dos Correios. A Folha relata que, 'em depoimento à CPI, Duda afirmou que houve caixa dois nas campanhas petistas de 2002, exceto na do presidente Luiz Inácio Lula da Silva'. Na verdade, o publicitário, única fonte da CPMI e da imprensa desta suposta denúncia, disse: 'A campanha do presidente [Lula] foi totalmente paga com dinheiro oficial, assim como a do senador Aloizio Mercadante. A do senador Aloizio Mercadante porque foi barata, foi muito barata. Ela entrou num pacote onde eu tinha toda a estrutura pronta'. Num outro trecho: 'o senador Aloizio Mercadante foi profundamente beneficiado nessa campanha de São Paulo, porque eu tinha toda uma estrutura montada, eu podia fazer a campanha dele de graça'.

Informo, por fim, que os gastos declarados de minha campanha ao Senado são: R$ 710.483,41, referentes às minhas despesas exclusivas, e R$ 3.417.804,13 (sendo R$ 2.010.000 com a CEP, de Duda Mendonça), referentes às despesas do PT de São Paulo, onde estão englobados gastos das campanhas majoritárias e proporcionais. Além disso, no PT, todos os candidatos proporcionais são obrigados a divulgar em seu material de campanha informação dos candidatos majoritários. Na lista decrescente dos gastos de campanha registrados na Justiça Eleitoral, em 2002, ocupo a 24ª posição entre os 54 senadores eleitos naquele ano se contabilizados só os R$ 710.483,41 registrados exclusivamente em meu nome, sem considerar os gastos anotados em nome do partido, como detalho acima.

Reitero que todas as denúncias sejam esclarecidas, principalmente as que dizem respeito ao meu partido, e que todos os responsáveis sejam punidos."

Aloizio Mercadante, *senador PT-SP (Brasília, DF)*

Folha de São Paulo, São Paulo, 21 nov. 2005, p. A3.

TEXTO 3

Direito penal do terror

"É de se perguntar à Corte Superior do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, que decidiu pelo afastamento do juiz Livingsthon José Machado, quantos magistrados foram afastados naquele Estado pela demora na prestação da tutela jurisdicional, pela manutenção indevida de prisões preventivas e, o que é mais grave, pela condenação injusta de inocentes.

Quando o juiz cumpre a Constituição, que traz como fundamento da República a dignidade da pessoa humana, é afastado liminarmente, em mais uma faceta do direito penal do terror que contamina nosso Poder Judiciário."

Paulo Roberto Pegoraro Júnior
(Cascavel, PR)

Folha de São Paulo, São Paulo, 21 nov. 2005, p. A3.

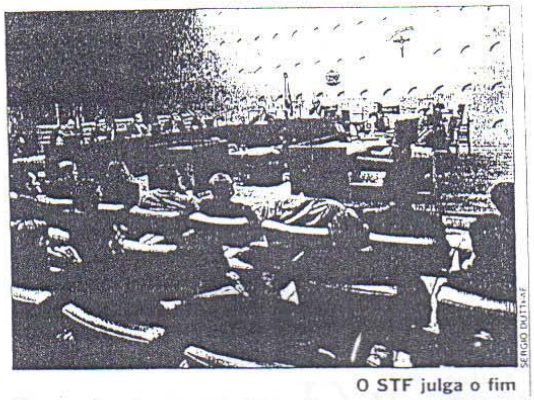
TEXTO 4

O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 nov. 2005, p. A18.

TEXTO 5

Carta ao leitor

Uma grande vitória



SERGIO DUTTI/AF

O STF julga o fim do nepotismo no Judiciário: agora se trata de combater essa prática funesta em outras esferas

Em outubro do ano passado, neste mesmo espaço, VEJA comemorou o fato de o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), órgão de controle externo do Judiciário, ter aprovado uma resolução que proibia o nepotismo. Na ocasião, o CNJ deu um prazo de noventa dias para que fossem exonerados de cargos no Judiciário todos os parentes de juízes que não fossem concursados. Passados três meses, a determinação foi cumprida. Mas não sem resistência. Até quinta-feira última, segundo um levantamento da Ordem dos Advogados do Brasil, dos 1 854 parentes de magistrados que deveriam ser demitidos, somente 460 haviam sido exonerados. O restante permanecia nos cargos por força de liminares ou por decisão dos próprios tribunais. Essa situação, que afrontava o país e parecia encaminhar-se para um longo impasse, assim como tantas outras que habitam o noticiário, foi desfeita graças ao Supremo Tribunal Federal (STF). Por 9 votos contra 1 (de Marco Aurélio Mello), os ministros do Supremo julgaram em favor da constitucionalidade da resolução do CNJ, em ação proposta pela Associação dos Magistrados Brasileiros. Com isso, foram derrubadas todas as liminares e decisões judiciais que asseguravam aos beneficiários do nepotismo a manutenção de seus empregos. Ao justificar seu voto, o ministro Celso de Mello sintetizou: "Quem tem o poder e a força do Estado em suas mãos não tem o direito de exercer em seu benefício a autoridade que lhe é garantida".

O julgamento do STF deveria entrar para os livros de história. Ele não só impediu que o nepotismo pudesse sobreviver no Judiciário graças aos desvãos da legislação brasileira, como abriu a possibilidade para que essa prática tão antiga quanto funesta seja eliminada de todas as esferas da vida nacional. Nepotismo implica favorecimento, acobertamento de atos ilícitos e utilização indevida da máquina pública. É o exato oposto de meritocracia — conceito que rima, esse sim, com democracia.

Veja, n. 7, p. 9, fev. 2006.

TEXTO 6

CARTA AO LEITOR

Segredos & revoltas

"As controvérsias mais selvagens são sempre sobre coisas para as quais não existem muitas provas, de um e de outro lado. A perseguição é usada em teologia, não em aritmética." O britânico Bertrand Russell, autor dessas frases famosas, foi um ilustríssimo militante contra a intolerância. Filósofo, matemático, educador, ateu praticante, ele combatia o fanatismo sem agredir a liberdade de escolha religiosa. Sua perspectiva, neste aspecto, era radicalmente liberal: pouco se importava em conferir "quais" seriam as opiniões sustentadas de fato. Preferia ver "como" elas vinham sendo sustentadas. Contra o dogmatismo, propunha a defesa de princípios por um jeitinho mais humano – "tentativo" –, sempre com a consciência de que novas evidências podem surgir a qualquer momento, conduzindo até mesmo ao abandono do conceito inicial.

Questões desse tipo são o pano de fundo da reportagem de capa de ÉPOCA desta semana. O tema é o Opus Dei, a poderosa e singular prelazia papal. A organização ficou mais pop do que gostaria depois do enorme sucesso de *O Código Da Vinci*, do escritor americano Dan Brown. Num enredo irreal e conspiratório, o livro inventa crimes cometidos pelo Opus Dei em nome da proteção de segredos de Jesus. Agora vai virar filme com o galã Tom Hanks no papel principal.

O interesse pelo ultraconservador movimento católico ganhou ainda um tempero extra no Brasil. Pela primeira vez por aqui, gente que abandonou o Opus Dei resolveu falar – e falar muito – sobre seus dias de rezas e mortificações como seguidores de Josemaría Escrivá de Balaguer, o fundador da prelazia, canonizado no papado de João Paulo II. São depoimentos dramáticos, ressentidos e, não raro, carregados de fúria. Os dissidentes se organizaram, publicaram alguns livros e estão com outros no prelo. Já para os fiéis do Opus Dei, o debate público está longe de ser confortável. "Passar oculto" é um preceito muito prezado na organização, levando seus adeptos a adotar uma postura estóica diante dos ataques.

Sem preconceitos, respeitando a liberdade religiosa, o direito de fazer o que se quer com o corpo e a livre manifestação de opiniões, ÉPOCA joga holofotes sobre a disputa entre a organização e seus dissidentes. O Opus Dei afirma a legitimidade de sua evangelização. Os ex-membros a classificam como "lavagem cerebral". No conforto propiciado pelas duras convicções ou nos relatos de vida de quem se julga logrado, surgem testemunhos preciosos e profundamente humanos. Investigar essa polêmica, em vez de espalhar certezas, é um exercício necessário, como também ensinou o sábio Bertrand Russell: "O mal neste mundo é que os estúpidos vivem cheios de si, e os sábios cheios de dúvidas".

Época, n. 400, p. 15, jan.2006.

TEXTO 7

E-mail: editoriais@ucl.com.br

O CANDIDATO LULA

EM ENTREVISTA concedida a emissoras de rádio na quinta-feira, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou a insistir que ainda não definiu se será ou não candidato à reeleição. Trata-se de um segredo de polichinelo. A candidatura de Lula é tida como certa no meio político e seu comportamento tem confirmado amplamente essa avaliação.

Não seria exagero dizer que Lula na realidade nunca desceu do palanque, tendo sido ele próprio um dos responsáveis pela antecipação da corrida eleitoral, da qual se queixou na entrevista. É verdade —e não poderia ser muito diferente— que o escândalo de corrupção e a instalação de CPIs criaram um ambiente propício à precipitação da disputa pela Presidência, mas também nesses episódios a origem dos problemas está na maneira como o PT tem exercido o poder. Fracassado na coordenação política, voraz na captura de postos da máquina pública, antiético e imprudente nos meios de financiar seu projeto, o governo Lula semeou a tempestade que está colhendo.

dade do cenário político se erguem como obstáculos à candidatura. Salvo uma enorme surpresa ou o surgimento de fatos que tornem sua situação insustentável, o presidente irá lutar para permanecer em seu posto por mais quatro anos.

Em seus discursos, o candidato Lula já deixa transparecer parte da estratégia que utilizará em campanha. Vai explorar seu carisma popular, apostar na confusão, negar fatos, afirmar que "tudo" foi investigado, que o "mensalão" não existiu e que seu governo em poucos anos fez no Brasil o que Deus realizou em uma semana no universo —a obra da Criação. A seu favor devem atuar os resultados da economia, apenas medianos, mas positivos à luz do fiasco do crescimento em anos anteriores.

É claro, porém, que o presidente perdeu a condição de favorito e que encontrará muitas dificuldades na provável hipótese de a disputa ser decidida em segundo turno. Seus problemas, além da extrema facilidade com que poderá ser atacado e da possibilidade de as CPIs produzirem no-

Folha de São Paulo, São Paulo, 22 nov. 2005, p. A2.

TEXTO 8

DESOCUPAR O IRAQUE

ACUADO PELOS mais baixos índices de popularidade desde o início de seu governo, o presidente George W. Bush está enfrentando um clamor crescente pela retirada dos soldados norte-americanos do Iraque. O fogo vem de todos os lados: pais de militares mortos em combate, políticos e iraquianos de todas as origens e facções.

Naturalmente, muito dessas reações, no cenário interno norte-americano, tem motivações políticas. Parte do Congresso dos EUA será renovada no pleito do próximo ano, e os democratas estão dispostos a aproveitar o mau momento de Bush para tentar reconquistar a maioria em uma ou de preferência nas duas Casas. Suas perspectivas, porém, não são tão boas, o que ajuda a explicar a veemência com que algumas lideranças atacam a política de Bush para o Iraque, não por acaso um dos pontos que as pesquisas identificam como o mais fraco do governo.

Já a reação conjunta de representantes das três principais etnias iraquianas de pedir que os EUA estabeleçam um cronograma para a retirada das forças estrangeiras do país é uma grata surpresa. Não tanto pelo conteúdo da exigência, mas pelo fato de lideranças iraquianas curdas e árabes xiitas e sunitas, reunidas numa conferência da Liga Árabe no Cairo, terem encontrado um ponto em comum. Se o fizessem mais amiúde talvez conseguissem formar um país multiétnico. Infelizmente, não é o que vem ocorrendo. O país vive uma guerra civil de baixa intensidade entre esses grupos.

As dificuldades internas não podem todavia servir de pretexto para perpetuar a aventura, inoportuna, ilegal e desastrosa, que foi a invasão do Iraque sob liderança dos EUA. A retirada das tropas invasoras precisa ser feita o quanto antes.

É claro que um plano de retirada terá de prever etapas, mas os passos que o governo norte-americano anunciou pouco ou nada representam além de uma tímida e insuficiente sinalização para procurar amainar as críticas e as pressões da opinião pública dos EUA.

É fato que os norte-americanos, com seus 150 mil homens, são a única força capaz de exercer algum papel na tentativa de manter a "ordem" no Iraque. Não se pode também menosprezar o risco de outros países se aproveitarem da retirada para tentar ampliar sua influência na região. Não há dúvida de que o Irã tem forte propensão a apoiar os xiitas —e, na hipótese de um gesto mais decisivo de Teerã, a Arábia Saudita e talvez a Síria se dispusessem a auxiliar os sunitas. Os turcos, por sua vez, nunca esconderam sua veemente oposição à criação de um Estado curdo, e dificilmente assistiriam passivamente a uma movimentação nesse sentido.

São problemas importantes, mas é preciso reconhecer que não há saída indolor e sem percalços para a situação criada pelo belicismo de Bush. Possíveis ameaças futuras não podem servir de argumento para manter o país sob ocupação. O melhor a fazer é estabelecer um cronograma firme para a retirada, cabendo à ONU deliberar sobre as medidas que se mostrem necessárias para assegurar a paz na região.

Pode-se até imaginar que o presidente, ao se ver mergulhado num "pesadelo" —termo que ele usou ao saber do caso de um emissário do PT que transportava dinheiro em seus trajes íntimos—, tenha cogitado de não competir no pleito de 2006. Uma decisão nesse sentido poderia ser apresentada como uma atitude coerente de alguém que sempre se manifestou contra a reeleição. Mas, ao que tudo indica, essa hipótese surgiu apenas como mais um ardil na tentativa de reagir à crise.

Hoje está muito claro que nem as convicções de Lula sobre o direito a um segundo mandato nem a gravíssimos "pesadelos", estão na dificuldade de costurar uma articulação política que dê solidez e amplitude à candidatura e no elevado índice de rejeição apontado pelas pesquisas.

Não basta gozar de prestígio entre os mais pobres e menos informados, contando com o rendimento eleitoral de programas como o Bolsa-Família. Para que possa aspirar à vitória, Lula precisaria recompor alianças e reconquistar ao menos parte do terreno perdido em algumas frentes, em especial na classe média, que depois de anos de relutância deu um voto de confiança ao PT e sentiu-se, muito justificadamente, traída.

Folha de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005, p. A2.

TEXTO 9

EDITORIAL

Impasse na CPI da terra

Uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) repete o empate de relatórios que mandou para os arquivos do Congresso Nacional a CPI do Banestado, que investigou milhares de documentos sobre a remessa de US$ 34 bilhões para os paraísos fiscais. Governo e oposição se desentenderam e cada um ficou com o seu réu: o relator petista José Mentor (PT-SP) indiciou Gustavo Franco (ex-Banco Central) e o PSDB-PFL (voto em separado de Antero Paes de Barros) acusou o atual presidente do BC, Henrique Meirelles, pela liberação das famosas contas de transferência CC-5. Agora, o impasse na CPI da Terra: a bancada ruralista considera o relatório oficial do deputado João Alfredo (PSOL-CE, ex-PT) "falacioso" e "contra a realidade" na velha disputa agrária. A bancada governista pediu o adiamento da votação para terça-feira próxima, alegando que todos devem estudar o voto em separado do coordenador da bancada ruralista na Câmara dos Deputados, deputado Abelardo Lupion (PFL-PR). O presidente da CPI da Terra, senador Álvaro Dias (PSDB-PR), concordou com o adiamento.

De verdade, distribuir terra para quem nela deseja trabalhar deixou de ser tema para grito de guerra político-ideológico

Claro, cada um com sua posição: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) acusa os ruralistas pelas violências praticadas de norte a sul do país, enquanto o voto do deputado Lupion declara ser inaceitável a CPI ter produzido um sem-número de documentos e, neles, o relator do PSOL não encontrou sequer uma violência pelos militantes liderados por João Pedro Stédile, dirigente do MST. Resultado: a União Democrática Ruralista (UDR) de um lado, o MST, do outro. O que se deve lamentar é que tantas CPIs já trataram do assunto e até hoje nenhuma delas esboçou um programa para resolver o problema.

Muitos já dizem que hoje o agronegócio – dominado por 15 grupos transacionais no mundo inteiro – superou o problema, que serviu de munição durante mais de um século para os doutrinadores marxistas e os partidos comunistas. De verdade, distribuir terra para quem nela deseja e sabe trabalhar deixou de ser tema para grito de guerra político-ideológico. Mais do que tudo, como dizia Milton Campos, quando presidiu um grupo de trabalho sobre reforma agrária, por indicação do então presidente Jânio Quadros, em 1960, a justa distribuição de terra, capital e trabalho são fatores fundamentais para distribuir renda e acabar com a vergonha de ver milhões de brasileiros que passam fome no Brasil.

Estado de Minas, Belo Horizonte, 27 de Nov. 2005, p.18

A HORA DA ESTRELA

LAURA MATTOS
VALMIR SANTOS
DA REPORTAGEM LOCAL

Há 30 pessoas na platéia da peça infantil "O Bruxo e a Rainha". Marco Nanini, um rapazinho de 17 anos, surge com fantasia de bruxo, diz poucas palavras e some. O público é pequeno, o cachê, menor ainda. Mas o coração do estreante sai pela boca, e ele decide: "Quero o palco para sempre".

Já se passaram 40 anos desde o dia em que o pernambucano fez certinho em deixar o emprego como bancário. Aos 57, veterano do teatro, TV e cinema, se sente à vontade para fazer críticas ao governo Lula e ao ministério de Gilberto Gil. Em cartaz em SP com "Um Circo de Rins e Fígados", de Gerald Thomas, prepara-se para o primeiro longa do dramaturgo.

Também estreará no cinema com as adaptações de "O Mistério de Irma Vap", sua peça de maior sucesso, "O Bem Amado" e "A Grande Família". Guardião de sua vida privada e avesso à era das celebridades, Nanini raramente fala de si. À **Folha**, abriu uma exceção. Leia a seguir partes da entrevista.

★

Folha - Uma das graças de Lineu, de "A Grande Família", é o fato de ser honesto. No Brasil, a honestidade está se tornando engraçada?

Marco Nanini - A índole brasileira é de honestidade, apesar desse carnaval de Brasília. Não gostaria que a honestidade virasse piada, mas quem se diz honesto está ficando meio ridículo mesmo.

Folha - Se "A Grande Família" consegue agregar qualidade à audiência, por que é tão difícil encontrar esse tipo de casamento na TV?

Nanini - A TV anda de modo paquidérmico, mas há tentativas. Atuei em programa que tentaram com sucesso, como "TV Pirata", "A Comédia da Vida Privada". Em, "A Grande Família", temos a responsabilidade de não deixar a qualidade cair com o tempo. Mas não sou expert em televisão. Não sobra tempo para ver muito.

Folha - Como será a adaptação de "A Grande Família" para o cinema?

Nanini - O desafio é não repetir um episódio. Queremos uma trama diferente, com olhar cinematográfico. Mas, ao mesmo tempo, não podemos nos afastar da TV. Será sobre um cotidiano inesperado e bombástico da família.

Luciana Whitaker/Folha Imagem

O ator Marco Nanini, em sua casa, no Rio

Folha - O fato de você estar fora das novelas desde 1999 ["Andando nas Nuvens"] é coincidência?

Nanini - Sou ator de novelas do século passado [risos]. Mas não tenho preconceito. Não gosto é da coisa massiva da gravação, que não deixa tempo para mais nada.

Folha - "Um Sonho a Mais" e "Brega & Chique", duas de suas novelas mais marcantes, tinham toques inovadores. Hoje é difícil ousar?

Nanini - Os canais a cabo deveriam experimentar mais porque os abertos têm de acertar no Ibope. Houve uma época em que era mais tranqüilo. O Bráulio Pedroso fazia novelas, digamos, de risco. Havia o horário das 22h, mais experimental. Agora é uma luta.

Folha - A TV é mais politicamente correta e menos "TV Pirata"?

Nanini - Há exagero de parte a parte: de quem defende a liberdade total e absoluta na TV e de quem reprime. As pessoas estão ficando exclusivistas, cada uma dentro do seu ponto de vista.

Folha - Como será "O Mistério de Irma Vap" no cinema?

Nanini - Tem pitada da peça, mas não é um revival da montagem. A Carla [Camurati, diretora] criou personagens que tem a ver com a idéia da peça, de atores com vários personagens, e a trama é em torno de uma remontagem da peça. No filme, não há o atrativo da troca de roupa. A Carla resolveu com efeitos: eu contraceno comigo, e o Ney com ele.

Folha - O ano é 1969. A peça, "A Gatatarada". O que foi esse encontro com Dercy Gonçalves?

Nanini - Surpreendente. Ela é fenomenal, de uma intuição cênica e inteligência de babar. Ela tinha programas de sucesso e topei. Nem ensaiei com ela. Quando estreei com aquela estrela, foi assustador. Mas tive uma pós-graduação com ela. E antes da "Gatatarada" teve a "Viúva Recauchutada", em que fiz o Gatinho [risos].

Folha - Em 1973, assinou um texto, a peça "Descasque o Abacaxi..."

Nanini - Trauma. Achava que ficaria escondido atrás das letras. Mas resolveram montar. Quando vi um ensaio, tive um choque. Me vi nu, odiei, tumultuei o ensaio, não queria deixar montar, fui posto para fora. Até fez sucesso, mas não consigo mais escrever nem cartão postal [risos].

→ LEIA a continuação à pág. E3

Folha de São Paulo. Ano 85 n° 27997, 27/11/2005: Ilustrada: Capa.

TEXTO 10

DA REPORTAGEM LOCAL

Leia abaixo a continuação da entrevista de Nanini. (LM E VS)

★

Folha - Encenada por mais de uma década, "Irma Vap" marcou sua vida. Como avalia essa fase?

Nanini - É um divisor de águas. O sucesso não tinha controle, e não queria me encantar porque seria suicídio. Pude compreender mais o Ney [Latorraca], fazer amizade com ele, ficar com ódio dele. Era uma intimidade total, uma situação limite. "Irma Vap" também me deu o que sempre quis: ter um produtor como sócio. Encontrei o Fernando [Libonati] quando ele era jovem, estudava odontologia. Cuidava das minhas coisas em casa e percebi que tinha jeito para organização. Acabou administrando "Irma Vap". Com a convivência profissional também surgiu uma produção atuante que me permite, por exemplo, estar com Gerald [Thomas] hoje.

Folha - Qual é a sua opinião sobre as denúncias de corrupção no país?

Nanini - Estou pasmo, com a sensação de perplexidade de meu personagem na peça do Gerald. Quando um partido como o PT, que era a esperança derradeira, envolve-se nessa confusão, é triste. Em meio a tudo isso, os rios da Amazônia secaram. O mundo realmente está acabando.

Folha - Que avaliação tem da política do governo para a cultura?

Nanini - É muito nublada. A meia-entrada acaba com qualquer condição de ter lucro. É lei, mas ninguém paga os 50%. Fica para o produtor, que tem de pagar direitos autorais, luz. Ou se faz "standard" popular ou não há lucro. Tivemos conversas com o Ministério da Cultura, mas é tudo confuso. É o ministério da informação e contra-informação. Não se sabe quem é ministro, se é o Gilberto Gil ou o interino. É muito fogo de artifício e nada concreto.

Ministério avalia que "não é o caso de responder"

DA REPORTAGEM LOCAL

Informada sobre as críticas que Nanini fez a Gilberto Gil, a coordenadoria de comunicação do Ministério da Cultura avaliou que "não era o caso de responder". A **Folha** enviou trechos da entrevista por e-mail. O coordenador de comunicação, José Eduardo Mendonça, levou o conteúdo ao conhecimento do secretário-executivo, Juca Ferreira. Por fim, a **Folha** contatou o secretário de Políticas Culturais, Sérgio Sá Leitão, que ratificou a decisão de não responder.

Folha - Assina embaixo a cutucada que a peça de Thomas dá no Gil?

Nanini - Sim. Depois que assumiu, demorou meses para falar a palavra teatro. Nunca foi a teatro, não gosta. Não tenho nada contra ele como artista, mas é confusa a história de artista-ministro. Canta, é ministro, não é, viaja, volta, entra interino, uma confusão. Achei que seria consistente. O MinC precisa ser prestigiado pela Presidência, que deve dar mais verba. Hoje é ridícula. Nenhum governo deu força à cultura.

Folha - Você votou no Lula?

Nanini - Votei e estou decepcionado. Meu voto foi do Ciro no primeiro e do Lula no segundo. Estou descrente, perplexo e penso em voto nulo. O voto obrigatório, que às vezes temos de fazer um voto útil, está ficando muito chato. Uma democracia em que você é obrigado a votar é insuportável.

Folha - Como avalia a trajetória do cinema pós-"Carlota Joaquina"?

Nanini - Brinco dizendo que vejo cinema na ordem cronológica e que, até 2007, quero acabar de ver "Sunset Boulevard" [1950]. Sou ignorante em relação a cinema, falando à boca pequena [risos]. Não vou ao cinema, e isso é uma falha imperdoável. Encho minha agenda e não sobra tempo.

Folha - E o projeto de filmar "O Bem Amado" e o longa de Thomas?

Nanini - "O Bem Amado" é ainda projeto. O Guel [Arraes] me convidou para ser o Odorico Paraguaçu, mas ainda não assinamos. No caso do Gerald, a idéia é um circuito não-comercial. Ele está escrevendo o roteiro, animadíssimo, e mostrará o primeiro tratamento até dezembro. Tem filmagens em Nova York, na Turquia e no Brasil, e não posso dizer mais, porque ele é imprevisível [risos].

Folha - Por que o público sabe tão pouco sobre a sua vida pessoal?

Nanini - Não gosto de falar do cachorro, gato, avô, mãe. Eu me sinto protegido dentro do pedacinho da vida particular que posso segurar. Adoro ficar à vontade em casa, quieto, não gosto de tirar foto para revista. Mas não critico quem faz. É por temperamento e até inabilidade. Não tenho traquejo social, esqueço nomes. Se vou a festas, o Nando fica no meu ouvido: "É fulano de tal". E estou ficando meio surdo, ele agora grita, o mico é maior [risos].

Folha - Já precisou dizer não a um convite para a ilha de "Caras"?

Nanini - Já me convidaram, mas explico isso. Imagine eu na ilha de "Caras"! Ia ser o Peter Sellers, o convidado trapalhão [risos].

Folha - O que ficou faltando nesses 40 anos de carreira?

Nanini - Olha, não está faltando nada. Estou bem contente com o quinhão que me toca, tanto de sofrimento quanto de alegria.

Leia a íntegra da entrevista com Marco Nanini na Folha Online (www.folha.com.br/053281)

Folha de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005. Ilustrada, capa.

'País está perdendo respeito pelo STF'

Senador Péres diz que a crise pode se tornar 'gravíssima' se Jobim e outros ministros continuarem ignorando autonomia do Congresso

ENTREVISTA
JEFFERSON PÉRES
SENADOR (PDT-AM)

CRISE NO GOVERNO LULA

Rosa Costa
BRASÍLIA

O senador Jefferson Péres (PDT-AM) teme que a crise política possa "se tornar gravíssima" se o Supremo Tribunal Federal (STF) continuar ignorando a autonomia do Congresso para julgar parlamentares. Ele critica especialmente o comportamento do presidente do STF, Nelson Jobim, a quem acusa de defender os interesses do deputado José Dirceu (PT-SP) no julgamento das ações que ele apresenta para tentar barrar o processo de cassação na Câmara.

Na sua opinião, isso e o fato de Jobim não negar a intenção de candidatar-se à Presidência prejudicam o STF e afetam sua credibilidade. Preocupado com a questão, em menos de um mês Péres já propôs duas mudanças: um projeto que torna obrigatória a quarentena de 2 anos para magistrados que deixem a Justiça e queiram disputar eleições e uma emenda à Constituição que tira do presidente da República a atribuição de indicar os ministros do STF. O senador diz que o modelo atual termina atrelando decisões judiciais da mais alta corte do País às expectativas do governo.

Por que está aborrecido com o STF?
Em primeiro lugar, pelo silêncio do presidente do STF, que não desmente de forma categórica que é pré-candidato à Presidência e está até articulando a sua candidatura. Em segundo, há as decisões do Supremo em relação aos pedidos do deputado Dirceu. A mim parece que alguns ministros abusam, exorbitam do poder do tribunal de interferir no assunto interno da Casa, que é o processo de cassação de um parlamentar. Que isso não se confunda com o mandado de segurança que eu e o senador Pedro Simon (PMDB-RS) impetramos para instalar a CPI dos Bingos. Ali era diferente, era uma questão substancial, era a violação, pela maioria dos senadores, de um artigo da Constituição que assegura o direito das minorias de instalar uma CPI. Era diferente.

Qual é a diferença?
Agora é uma questão processual, do Supremo, ou pelo menos de alguns ministros do Supremo, que insistem em seguir estritamente as regras do processo penal, que não são aplicáveis ao caso do Conselho de Ética por quebra de decoro. Neste caso, o Código de Processo Penal só pode ser aplicado subsidiariamente, se o Congresso quiser. O último julgamento, portanto, me deixou preocupado com a atuação do Supremo.

Os jornais noticiaram que Nelson Jobim está mesmo articulando sua pré-candidatura à Presidência.
Ah, não, não acredito. Se Jobim tem chance ou não, é outra coisa, mas o certo é que essa postura é incompatível com o cargo que ele exerce. Os juízes do Rio Grande do Sul se dirigiram a ele para dizer: "Ou Vossa excelência desmente que é candidato ou, então, renuncie ou se aposente." E ele silenciou também aí. Jobim não tem o direito de silenciar porque isso está atingindo muito a imagem do Supremo. É o que eu ouço nas ruas diariamente. A população está perdendo o respeito pelo Supremo Tribunal Federal. Tudo ocorre em meio à uma grave crise política que atingiu a credibilidade do Congresso e da Presidência, portanto, Executivo e Legislativo. Agora vem o Supremo perder a credibilidade. A crise, de grave, pode se tornar gravíssima. Quando o guardião da Constituição, a mais alta corte de Justiça de um país, começa a perder credibilidade, fica sob a suspeita de que alguns de seus ministros, e em particular o seu presidente, perderam a isenção, estão comprometidos politicamente, isso é gravíssimo.

O senhor não se sente solitário ao reagir contra o Supremo, já que entidades como OAB e AMB e os próprios presidentes da Câmara e do Senado têm aparentemente concordado com essa situação?
Talvez eles estejam temerosos de lançar mais lenha na fogueira. Não querem fragilizar ainda mais o mais importante tribunal do Brasil. Talvez seja uma posição de cautela. Realmente, se todas essas entidades começarem a bombardear o STF, ele pode sair desmoralizado.

A que o que o senhor atribui o comportamento de Jobim?
Eu não entendo a posição de Jobim, ele é uma pessoa altamente qualificada, experiente – com quem eu tenho ou tinha excelente relação. Não sei a que atribuir, não sei como é que um homem como ele não percebe que essa postura é inaceitável pela sociedade. Das duas uma: ou ele é realmente candidato, tem pretensões políticas, e neste caso deveria assumir isso, se aposentar e vir para a vida política. Ou desmentir peremptoriamente que seja candidato, se não tiver ambições políticas. Ele não faz nem uma coisa nem outra. Toma a posição de silêncio, que é a pior de todas. Porque quem cala consente. Então para a sociedade ele é candidato. Vamos admitir que ele não seja candidato e entenda que não deve desmentir o que não existe. Isso é um erro porque, desta forma, está dando a entender que é candidato. É a pior posição, porque o Supremo perde a credibilidade.

Se o Supremo atender a Dirceu e ainda assim ele for cassado pela Câmara, que cenário teremos?
A Câmara pode dar a interpretação que basta tirar o testemunho daquela senhora Kátia (*Rabello, presidente do Banco Rural*) e aí vota a cassação do Dirceu. O Supremo faça o que quiser. Se o tribunal não acatar a decisão, aí é crise com certeza e vai para sociedade que reagirá indignada. Se o ministro Sepúlveda Pertence decidir contra a cassação do Dirceu, a Câmara pode votar pela cassação, retirando o depoimento da Kátia. Se acaso, um pouco antes, Dirceu conseguir uma medida liminar no Supremo, aí é crise mesmo. •

FRASES

"Quando o guardião da Constituição, a mais alta corte de Justiça de um país, começa a perder credibilidade, fica sob a suspeita de que alguns de seus ministros, e em particular o seu presidente, perderam a isenção, estão comprometidos politicamente, isso é gravíssimo"

"Das duas uma: ou ele (Jobim) é realmente candidato, tem pretensões políticas, e neste caso deveria assumir isso, se aposentar e vir para a vida política. Ou desmentir peremptoriamente que seja candidato, se não tiver ambições políticas"

JOEDSON ALVES / AE - 12/9/2001

INDIGNAÇÃO – "Se o tribunal não acatar a decisão, a sociedade reagirá indignada", prevê Jefferson Péres

O Estado de São Paulo, São Paulo, 26 nov. 2005, p. A23.

TEXTO 11

TEXTO 12

OMBUDSMAN

A fonte oculta

MARCELO BERABA

O PAÍS *viveu, nas últimas duas semanas, em conseqüência do embate travado pelos ministros Antonio Palocci (Fazenda) e Dilma Rousseff (Casa Civil) em torno dos rumos da economia. Normais em qualquer administração, as diferenças de pensamento ganharam ares de uma crise incontrolável por conta da situação frágil do governo Lula e de seu ministro, ambos acusados de corrupção.*

O novo capítulo da crise do governo começou no dia 9, com uma entrevista da ministra para o "Estado de S.Paulo": "Dilma descarta ajuste fiscal defendido pelo Planejamento". Com o agravamento da crise, passou-se a discutir concretamente a saída do ministro. No dia 13, a Folha *publicou: "Caso Palocci saia, Mercadante é a opção".*

A temperatura esquentou de vez na segunda-feira, dia 21. O jornal começou a rodar a edição de terça às 20h30 com a informação de que Palocci tinha pedido demissão na quinta (17) e condicionava sua permanência no governo a mais apoio de Lula. A manchete foi "Lula elogia Palocci, que ainda avalia se continua no cargo". Na edição das 23h, o jornal acrescentou uma nota no "Painel" informando que uma pessoa ouvira do presidente que Palocci "está fora do governo" e que iria depor naquele dia na Câmara "apenas para cumprir o roteiro". A manchete foi apimentada: "Lula elogia Palocci, que já pediu para deixar o governo", e o texto da primeira página deu uma informação que a nota do "Painel" não sustentava: "(...) Palocci (...) já avisou ao presidente que deixará o governo, informa o Painel". Uma confusão.

O desfecho da crise é conhecido: as desavenças com a ministra Rousseff persistiam, mas Palocci, embora tenha realmente pedido a demissão, permanecia

Estado, 9.nov

Dilma descarta ajuste fiscal defendido pelo Planejamento

Proposta de redução de gastos é "rudimentar" e nem foi levada a Lula, segundo a ministra

Câmara aprova básico Super

Folha, 20.nov

Lula usa Dilma para reduzir superávit

22.nov

Lula elogia Palocci, que já pediu para deixar o governo

23.nov

Palocci diz que fica enquanto Lula quiser

24.nov

Palocci é 'imprescindível', diz Lula

ro, nenhum jornal que se pretenda bem informado sobre o poder público e que se disponha a revelar seus desvios, irregularidades e crises pode prescindir de fontes anônimas. É uma ingenuidade imaginar que as pessoas vão se expor a punições e represálias de governantes que querem manter seus erros longe dos holofotes.

Algumas grandes reportagens da história recente da Folha *foram possíveis graças a fontes anônimas, como as revelações sobre o programa nuclear paralelo dos militares e a fraude na licitação da Ferrovia Norte-Sul.*

O problema, no entanto, é quando esse recurso é usado de forma abusiva e irresponsável. A crise de credibilidade dos jornais norte-americanos passa por esse diagnóstico, como ficou claro nos casos de informações sobre o Iraque. Não há escândalos parecidos no Brasil por uma razão simples: aqui, com raras exceções, a imprensa não tem coragem de expor seus próprios erros.

Relação de confiança

A Folha *tem regras claras para o uso de informações "off the record". Elas estão no "Manual de Redação" (pág.46), é necessário checar e cruzar esses dados, assegurando a confiabilidade da notícia e verificando os interesses em questão."*

No caso da cobertura recente, os dois lados da disputa ministerial tentaram manipular a imprensa plantando informações desencontradas. É sempre assim. O que se espera dos meios é que tenham capacidade e independência para separar as especulações e publicar os fatos. A Folha *procurou manter seus leitores bem informados depois que o 'Estado' publicou a entrevista da ministra Rousseff que desencadeou a crise. É fato que o ministro Palocci pediu demissão em mais de uma ocasião e fez exigências para permanecer no cargo. Não estou seguro de que o presidente em algum momento tenha dado como irreversível a saída do ministro. É possível. A reconstituição posterior deste momento esclarecerá. De qualquer forma, a edição de terça da* Folha *foi confusa e errou ao atribuir ao "Painel" uma informação que a coluna não continha.*

O uso de fontes anônimas im-

pedido a demissão, permanecia até ontem no governo.

Jornalismo mediúnico

O enfrentamento palaciano colocou em foco o uso de fontes anônimas na cobertura jornalística. Muitos leitores se dizem incomodados com reportagens publicadas sem identificação de fonte, principalmente as que trazem confidências. Como o jornal pode saber o que pensa o presidente? Foi o que perguntou Fernando Bayeux de Araújo, de São Paulo: "O que é isso: um jornalismo mediúnico?".

Algumas observações. Primeiro, o uso de informações "off the record". Elas estão no "Manual da Redação" e foram reforçadas em comunicado interno datado de 17 de julho de 2003.

"O emprego de informações 'off the record' está banalizado no jornal. É preciso redobrar os cuidados na apuração e os controles na edição de notícias obtidas desse modo. Sempre que solicitados, repórteres devem comunicar a origem dessas informações aos seus superiores hierárquicos. Estes, conhecendo a identidade das fontes que são mantidas no anonimato, devem cuidar da manutenção do sigilo". ção que a coluna não continha.

O uso de fontes anônimas implica uma relação de confiança entre o jornal e seus leitores. Eles têm de estar seguros da qualidade das fontes que abastecem os repórteres do jornal, mesmo sem saber quem são. Os repórteres e editores têm de estar conscientes desta responsabilidade.

Os leitores não podem ser enganados. Uma informação falsa tem de ser corrigida o mais rapidamente possível, e eles têm de ser informados nos casos de comportamento antiético de jornalistas. É assim que se estabelece a confiança.

ENTREVISTA

Os bastidores do poder

Kennedy Alencar é um dos repórteres da **Folha** que acompanha, em Brasília, os bastidores do poder. Foram dele as principais reportagens que o jornal publicou ao longo das últimas semanas sobre o confronto entre os ministros Palocci e Rousseff e a repercussão no Palácio do Planalto. Ele tem 38 anos, 15 de profissão, e está no jornal desde 1995, depois de ter trabalhado como assessor-adjunto de imprensa do candidato Luiz Inácio Lula da Silva em 1994. Cobriu duas guerras (Kosovo e Afeganistão).

★

Ombudsman - Como você trabalha para obter informações exclusivas sobre o presidente?

Kennedy Alencar - É um processo investigativo. Escuta-se uma fonte, checa-se a informação, filtra-se o interesse da fonte. O filtro tem critérios objetivos: o histórico de confiabilidade, saber de qual lado da história está, qual o interesse na divulgação da informação. Repito o processo com outras fontes. Falo com quem conversou com o presidente, com seus ministros, auxiliares, aliados no Congresso e até com oposicionistas que o visitaram. A partir do cruzamento de informações, surge um quadro do que o presidente pensa, planeja e avalia.

Ombudsman - Que critérios usa para escolher as fontes?

Alencar - O critério principal é o da confiabilidade. Se a fonte, repetidas vezes, deu informações verdadeiras, entra numa lista de contatos que busco fazer regularmente. São exceções as reportagens baseadas em apenas uma fonte, por mais confiável que seja. Na maioria das vezes, a reportagem é resultado de um quebra-cabeça montado nas últimas 24 ou 48 horas. Há reportagens que são resultado de dias.

Ombudsman - A cobertura jornalística do poder pode prescindir do uso de fontes anônimas?

Alencar - Nenhum tipo de cobertura deve prescindir. O anonimato dá segurança para transmissão de informações que a fonte não pode assumir publicamente.

Ombudsman - Como você encara as críticas freqüentes que questionam reportagens de impacto sem fonte nomeada?

Alencar - Respeito e acho pertinentes. O chamado "off" aumenta a responsabilidade do jornalista. Essa responsabilidade deve ser dividida com a chefia (editores). Há risco de injustiça, de o jornal servir de instrumento de um político, de um empresário com interesse contrariado, de um mal-informado que se pretende importante. Seja no "jornalismo de bastidor", seja no chamado "jornalismo investigativo", é importante estar atento ao risco de manipulação por fontes com interesses contrariados que desejam atingir adversários. Se o anonimato protege a boa fonte, protege também a fonte ruim. O interesse público é um critério objetivo para validar informações obtidas de uma fonte com interesses, mas é importante não avançar o sinal, não fazer acordos como moeda de troca em nome do furo a qualquer preço. Isso seria tomar partido e admitir ser usado, o que um jornalista não pode fazer.

Folha de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005, p. A8.

TEXTO 13

ERRAMOS

e-mail: erramos@uol.com.br

Estava errado o texto "Jovens estréiam ônibus em SP" (**Primeira Página** de ontem), referente à reportagem de capa do **Folhateen**. Adolescentes ouvidos no texto publicado pelo caderno viajaram de ônibus com seus pais, e não sem eles.

★

Diferentemente do que informou ontem o texto "Professores vêem problema em uma questão de matemática da Unicamp" (**Cotidiano**, pág. C4), o professor Edmilson Motta é coordenador de matemática do Etapa.

Folha de São Paulo, São Paulo, 22 nov. 2005, p. A3.

TEXTO 14

ÍNDICE

www.folha.com.br

Esta edição tem **114** páginas - **407.622** exemplares

OPINIÃO	A2 e A3
Erramos	A3
Painel do Leitor	A3
Tend./Debates	A3
BRASIL	A4 a A28
Elio Gaspari	A24
Janio de Freitas	A5
Ombudsman	A8
Painel	A4
MUNDO	A29 a A36
DINHEIRO	B1 a B20
Luís Nassif	B4
Mercado Aberto	B2
Op. Econômica	B2
COTIDIANO	C1 a C12
Atmosfera	C2
Mortes	C10
Saúde	C4
ESPORTE	D1 a D12
Juca Kfouri	D10
Painel FC	D2
Televisão	D2
Tostão	D11
ILUSTRADA	E1 a E12
Astrologia	E11
José Simão	E11
Mônica Bergamo	E2
Quadrinhos	E11
Televisão	E9 e E10
MAIS!	1 a 10
CALSSIFICADOS	F1 a F12
Imóveis	F1 a F3
Veículos	F4
Bolsa de Salários	F11

Estão inclusas **10** páginas de Mais! e 12 páginas de Classificados

Folha de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005. Capa.

TEXTO 15

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE

Você deve procurar o Serviço Funerário do Município de São Paulo pelos telefones 0/xx/11/3247-7000 e 0800-10-9850 ou pelo fax 0/xx/11/3242-1203. A prefeitura é a responsável pela prestação de serviços de sepultamento e de cremação na cidade de São Paulo. Para que os serviços sejam realizados, será requisitado laudo que ateste o falecimento assinado por um médico (sepultamento) ou dois (cremação). Além disso, serão solicitados os seguintes documentos do falecido: Cédula de Identidade (RG), Certidão de Nascimento (em caso de menores), Certidão de Casamento.

Como publicar anúncio - Para publicar um anúncio fúnebre pago na **Folha**, disque 0/xx/11/3224-4000, de 2ª à 5ª, das 8h às 20h, de 6ª, das 8h às 21h, e aos sábados e domingos, das 9h às 17h. Você precisará apresentar cópia do RG e CPF, além de assinar um termo de responsabilidade. A **Folha** coloca à sua disposição um serviço de transporte para colher a assinatura e as cópias dos documentos.

Como publicar aviso na seção Mortes - Para colocar aviso gratuito na seção Mortes, disque 0/xx/11/3224-3505 e 0/xx/11/3224-3305 ou mande um e-mail para necrologia@uol.com.br até as 15h. Se for usado o e-mail, coloque um número de telefone com o qual poderão ser checadas as informações. Aos domingos, ligue para 3224-3602, das 15h às 18h

Parte dos nomes publicados é enviada diretamente pelo Serviço Funerário Municipal

Folha de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005. Cotidiano, p. C2.

TEXTO 16

GRUPO FOLHA **FOLHA DE S.PAULO** Folha ★ Folha Esportiva ★ Folha da Manhã ★ Folha da Noite

Um jornal a serviço do Brasil ★ ★ ★

Banco de Dados - 0/xx/11/3224-3700 para compra de material ou consultas com hora marcada. http://bd.folha.com.br, email: bd@uol.com.br

Classifolha - 0/xx/11/3224-4000 ou www.publicidade.folha.com.br

Folha Emergência - 0/xx/11/3224-3505, de segunda a sexta das 8h às 22h, e sábados das 8h30 às 15h30. Fora desses horários, ligue para 0/xx/11/3224-3344. e-mail: folhaemergencia@uol.com.br

Folha na internet - www.folha.com.br

Folhapress - 0/xx/11/3224-3123 para compra de imagens e 0/xx/11/3224-3554/3714 para serviços jornalísticos. www.folhapress.com.br, e-mail: pesquisa@folhapress.com.br e comercial@folhapress.com.br

Ombudsman - 0800-15-9000, de segunda à sexta das 14h às 18h. Cartas para al. Barão de Limeira, 425, 8º andar, CEP 01202-900, fax 0/xx/11/3224-3895, ou pelo e-mail ombudsman@uol.com.br

Agência Folha - 0/xx/11/3224-3344

Centro Tecnológico Gráfico - Folha - 0/xx/11/4152-9447. Av. Marco Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700, Tamboré, CEP 06500-000, Santana de Parnaíba, SP

ASSINATURAS

Vendas (de 2ª a dom das 7h às 20h) Tel. **0800/15-8000**

Atendimento ao assinante (2ª a 6ª das 7h às 20h; sáb., dom. e feriados das 7h às 19

3224-3090 (Grande São Paulo) **0800/775-8080** (demais localidades)

O endereço eletrônico é: **saa@folha.com.br**

Tabela de preços

	MG, PR, RJ, SP	DF, SC	ES, GO, MT, MS, RS	AL, BA, PE, SE, TO	Outros Estados
Assinatura semestral à vista com entrega domiciliar (1)					
Assinaturas novas	R$ 259,00	R$ 322,00	R$ 402,00	R$ 461,00	R$ 546,00
Venda avulsa					
2ª a sábado	R$ 2,50	R$ 2,50	R$ 3,20	R$ 4,00	R$ 4,50
domingo	R$ 4,00	R$ 4,20	R$ 5,80	R$ 5,80	R$ 7,00

(1) Valores para entrega diária. Consulte nosso atendimento sobre outros planos de assinaturas

Atendimento ao distribuidor/jornaleiro: 0/xx/11/3224-3070 (Grande São Paulo) e 0800/775-3070 (demais localidades)

PUBLICIDADE

0/xx/11/3224-4000 (São Paulo) **0/xx/11/3224-3663** (Outros Estados) ou **www.publicidade.folha.com.br**

Representantes no Estado de SP

Santos: 0/xx/13/3238-5433; **Ribeirão Preto e região**: 0/xx/16/3636-6000; **Vale do Paraíba e região**: 0/xx/12/3922-3030; **Campinas e região**: 0/xx/19/3254-5000 **Caçapava e Pindamonhagaba**: 0/xx/12/221-5686

Representantes em outros Estados

Curitiba (PR): 0/xx/41/336-0007; **Florianópolis (SC)**: 0/xx/48/223-2553 ou 222-2772; **Porto Alegre (RS)**: 0/xx/51/3241-2286; **Belo Horizonte (MG)** e **Espírito Santo (ES)**: 0/xx/31/3273-1816; **Salvador (BA)**: 0/xx/71/3347-5487; **Brasília (DF)**: 0/xx/61/328-3444; **Rio de Janeiro (RJ)**: 0/xx/21/3231-9300

Folha de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005, Cotidiano, p. C2.

TEXTO 17

DORA KRAMER
dkramer@estadao.com.br

Crise faz Jobim antecipar decisão

Presidente do STF diz ao PMDB que definirá em dezembro se será candidato

O presidente do Supremo Tribunal Federal, Nelson Jobim, já iniciou o processo de consultas dentro do PMDB sobre a viabilidade de apoio interno e integral a sua candidatura à Presidência da República e informou ao partido que tomará uma decisão no início de dezembro.

Semana passada, ele chegou a falar numa data, por volta do dia 5. Embora a direção pemedebista acredite que possa demorar um pouco mais, percebeu em Jobim uma certa necessidade de se definir até mesmo em função da situação dele no Supremo.

O ministro, inicialmente disposto a deixar o tribunal, se fosse o caso, em data mais próxima às prévias do PMDB, marcadas para dia 5 de março, começou a admitir a hipótese de sair o quanto antes, em virtude de um certo desconforto que sente entre seus pares com a indefinição e a boataria.

Nos últimos dias, Nelson Jobim passou de uma atitude um tanto passiva em relação à possibilidade da candidatura para uma posição de análise das condições objetivas que teria para tornar essa hipótese partidariamente viável.

Sua primeira providência será uma conversa com o governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, que havia anunciado disposição de deixar o cargo na segunda quinzena de janeiro para se inscrever nas prévias e começar a trabalhar para competir com Anthony Garotinho, o único postulante até agora já inscrito nas prévias.

Como Jobim quer o máximo de segurança interna de apoio para poder enfrentar o ex-governador do Rio de Janeiro, iria examinar com Rigotto a possibilidade de o governador gaúcho retirar seu nome da disputa. O outro possível postulante, o governador de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos, já está integrado no projeto Nelson Jobim.

O presidente do Supremo não quer partir para uma aventura, mas ponderou na semana passada a dirigentes do partido que também não gostaria de deixar passar a oportunidade se as chances de disputa forem boas. "Tenho de pensar bem porque, mais à frente, não quero me arrepender do que não fiz", disse.

E por que Jobim resolveu assumir, neste momento, sua vontade de concorrer se, em tese, poderia fazê-lo mais adiante, como era sua intenção?

Primeiro, a velocidade dos fatos reduz os prazos de decisão; em segundo lugar, o registro nas pesquisas da redução do capital de confiabilidade e popularidade do presidente Luiz Inácio da Silva anima pretendentes à sua sucessão e, terceiro, conta pontos a avaliação de que o PSDB pode não sair tão incólume da crise como se imagina, aumentando a chance de uma candidatura alternativa ao duelo entre petistas e tucanos.

Além disso, o PMDB leva em conta a possibilidade de a disputa interna no PSDB se acirrar entre José Serra e Geraldo Alckmin e isso resultar em prejuízos eleitorais para o tucanato.

Os pemedebistas trabalham com dados de pesquisas qualitativas que indicariam um potencial de crescimento maior do nome do governador de São Paulo, exatamente em virtude de Alckmin ser menos conhecido nacionalmente do que Serra, até então tido como uma espécie de "candidato natural" dos antigos aliados de Fernando Henrique Cardoso.

Na eventualidade de não ser ele o escolhido, isso seria um fator de desagregação da oposição, hoje ainda tacitamente unida em torno de um nome visto como o anti-Lula.

Jobim não pediu, nem poderia, garantias eleitorais à direção do partido, mas no jogo interno disse que não pretenderia apresentar seu nome se fosse para ter "dificuldades" nas prévias. Trata-se de um eufemismo para dizer

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 26 nov. 2005, p. A6.

Envelhecimento, o preço de uma vida sem câncer

ARTIGO

Nossa relação com o envelhecimento vai mudar. Tudo indica que uma teoria apresentada em 2002 está se confirmando: o envelhecimento é um efeito colateral do nosso sistema de proteção contra o câncer.

Todos nós possuímos genes supressores de tumores, o mais bem conhecido é o p53. Sua função é evitar o aparecimento de tumores, como demonstra o experimento no qual os cientistas removeram o gene p53 de camundongos. Sem o gene, os camundongos morrem cedo, por causa do aparecimento de tumores logo após seu nascimento. Acredita-se que, todos os dias, em cada um de nós, um grande número de células sofrem mutações e se tornam propensas a se dividir descontroladamente e a se transformarem em tumores. Essas células não dão origem a um grande número de tumores porque existe um sistema eficiente de supressão de tumores. Esse sistema, cujo ator principal é o gene p53, induz essas células mutantes a cometer suicídio antes de formar tumores. Quando o gene p53 de uma célula é danificado, aumentam as chances de ela se transformar em um tumor. É por esse motivo que podemos detectar mutações no gene p53 em grande parte dos tumores. Essas descobertas transformaram o p53 em um herói, um repressor que faz o bem, evitando o aparecimento de tumores malignos.

Mas seria possível bloquear totalmente o aparecimento de tumores aumentando a quantidade de p53 no organismo? Em 2002, com o objetivo de testar essa idéia, foram construídos camundongos transgênicos em que o gene p53 está constantemente ativado. Os cientistas esperavam que esses camundongos ficassem livres de tumores. Isso ocorreu, mas junto a algo totalmente inesperado. Esses camundongos envelhecem muito mais rápido que os camundongos normais.

Como a manutenção de um corpo jovem depende da reposição contínua das células, os cientistas atribuíram esse envelhecimento precoce a uma inibição da reposição das células do corpo. Esse resultado sugere que o câncer e o envelhecimento são duas faces da mesma moeda: sem o controle exercido pelos supressores de tumores morremos cedo de câncer, se aumentamos a supressão de tumores para evitar o câncer, bloqueamos a reposição de células e o envelhecimento ocorre mais cedo.

Quando os cientistas investigaram o mecanismo responsável por esse aumento na velocidade do envelhecimento, eles tropeçaram em um velho conhecido. Nessa doença ocorre um aumento anormal da p53, e mais importante, demonstraram que quando se reduz a quantidade de p53 o envelhecimento é retardado. Esse resultado demonstra o envolvimento direto do p53 com o processo de envelhecimento e sugere que muito provavelmente a teoria de 2002 está correta. O envelhecimento e a supressão de tumores são dois fenômenos interligados, regulados por um mesmo grupo de genes.

ENVELHECIMENTO E SUPRESSÃO DE TUMORES ESTÃO INTERLIGADOS

Talvez tenhamos de nos conformar: envelhecer é bom, afinal é o preço que pagamos para chegar à idade adulta livres do câncer.

Mais informações em *Accelerated ageing in mice deficient in Zmpste24 protease is linked to p53 signalling activation*, na Nature, volume 437, página 564, de 2005.

* Fernando Reinach
(fernando@reinach.com)

TEXTO 18

O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 nov. 2005, p. A20.

TEXTO 19

O decano do jornalismo ambiental

OPINIÃO

Se não forem moda de verão os seminários sobre jornalismo ambiental que entopem as agendas neste fim de ano, está mais do que na hora de publicar no Brasil o livro *Green Ink*, de Michael Frome. Nos Estados Unidos, onde saiu há sete anos, essa "tinta verde" responde em 204 páginas a todas as perguntas que aqui ainda agitam os auditórios. O tempo pode ter envelhecido alguns de seus capítulos, que estimulam repórteres a usar os serviços de busca na internet sem mencionar o Google. Mas criou um clássico, capaz de ensinar os truques do ofício, que cabem em quatro palavras: "Alfabetize e corra riscos."

Dos riscos ele nem precisa falar. Basta o exemplo de sua carreira, que começou no *Washington Post* na década de 40 com uma série de reportagens sobre a Polônia, logo depois da 2ª Guerra Mundial. Mal saído do front, Frome voou para lá na companhia de um piloto militar, encarregado de despejar no país arruinado um carregamento de ovos. E emplacou na primeira página tudo o que despachava para o jornal.

Dali para a frente, seu currículo embica para baixo, saltando entre publicações chamadas *Changing Times*, *American Forests*, *Living Wilderness* e *Field & Stream*, cujos nomes soam como um roteiro rumo à obscuridade. Nem mudando de altitude ele se livrou de turbulências. Perdeu o posto na *American Forests*, revista centenária que tem pela retaguarda a avó das ONGs ambientalistas, por desancar em sua coluna o serviço florestal do governo americano, velho malversador de árvores. Da *Field & Stream* caiu ao colidir com um figurão do Senado, que fazia o lobby de mineradoras, empreiteiras e outras espécies rapinantes.

De demissão em demissão, virou o modelo do que hoje os repórteres querem ser quando crescerem. Aos 85 anos, ajudado por uma voz quase inaudível que costuma ser ouvida de pé por platéias cada vez mais jovens, ensina o que não se aprende em cursos de comunicação. Que a objetividade é a virtude dos chatos, por exemplo. Porque, assim como não se pode cobrir educação sem torcer por melhores escolas ou cuidar do noticiário policial edulcorando os bandidos, ao se interessar pela conservação da natureza o jornalista adere a uma causa. E, com ela, perde de uma vez por todas a isenção.

Sem ela, estará fadado a nadar contra a corrente, brigando por interesses sociais que nem sempre as sociedades reconhecem. Terá de entender o mínimo de biologia, botânica, clima, história, economia, geografia, política, religião – enfim, saber se orientar em todas as encruzilhadas do senso comum com o conhecimento especializado, pois nesse terreno acidentado não adianta simplesmente transcrever o que declaram as autoridades. Aliás, elas têm o hábito de estar do outro lado. De quebra, é indispensável cumprir os prazos de fechamento, as normas de imparcialidade e as regras de gramática, porque terá pela frente um caminho meio fechado, onde os erros mais comuns parecem irremediáveis.

Em suma, convém espelhar-se em figuras como a de William Cullen Bryant, que era botânico, traduziu Homero do grego, passeava por Nova York com o poeta Walt Whitman e, escrevendo no *Evening Post*, convenceu a cidade a comprar terras enquanto era tempo para investir no que viria a ser o Central Park. É difícil? Sem dúvida. Mas parece um atalho direto para o futuro quando Frome aponta as bobagens da grande imprensa americana.

O *New York Times*, nos anos 70, fez tudo para mostrar ao público que a bióloga Rachel Carson estava se metendo onde não devia ao escrever o livro *Primavera Silenciosa*, pois não havia provas de que pesticidas tivessem o poder de aniquilar a fauna sem derrubar árvores. Ou seja, o que agora o mundo inteiro sabe. Logo, há riscos também em ser oficioso.

* Marcos Sá Corrêa é jornalista e editor do site O Eco (www.oeco.com.br)

O Estado de São Paulo, São Paulo, 24 nov. 2005, p. A24.

TEXTO 20

ATMOSFERA

O TEMPO HOJE NO PAÍS

Chuva · Nublado · Pancadas de chuva · Chuvoso

São Luís 27°/32° · Fortaleza 25°/33° · Fernando de Noronha 25°/33° · Natal · RN · João Pessoa 23°/32° · Recife 25°/32° · Maceió 21°/30° · Vitória 23°/25° · Rio de Janeiro 20°/24° · São Paulo 15°/24° · Curitiba 12°/24° · SC · Florianópolis 17°/27° · RS · Porto Alegre 14°/30°

Poente 19h37

Cheia 15.nov/22h57

Nova 1.dez/12h01

TEMPERATURAS MÉDIAS
Para hoje, em graus Celsius

2° 6° 10° 14° 18° 22° + de 22°

CONFIABILIDADE DAS PREVISÕES

Hoje:	98%
Segunda:	85%
Depois de Segunda:	75% a 80%

NOS PRÓXIMOS DIAS

	Belo Horizonte		Porto Alegre		Brasília		Recife		Salvador	
	Segunda	Terça	Segunda	Terça	Segunda	Terça	Segunda	Terça	Segunda	Terça
	20°	19°	17°	24°	18°	19°	24°	24°	24°	25°
	22°	23°	33°	34°	27°	26°	32°	31°	27°	26°

O TEMPO EM SÃO PAULO

Votuporanga 9°/25° · Piracicaba 15°/27° · Avaré 13°/27° · Sorocaba 15°/27° · Itapeva 13°/27° · São Paulo 15°/24° · S. J. dos Campos 16°/24° · C. do Jordão 12°/16° · Ubatuba · Santos 16°/22° · 19°/22° · Iguape 19°/22°

Sol predomina na região Sul

No Sul, o sol continua predominando em grande parte da região. Na faixa litorânea desde Alagoas até o Piauí persistem as possibilidades de pancadas de chuva. Nas demais áreas do país haverá chuva. O dia estará chuvoso em Minas Gerais e no Espírito Santo.

NOS PRÓXIMOS DIAS

	São Paulo		Campinas		Santos		Ribeirão Preto	
	Segunda	Terça	Segunda	Terça	Segunda	Terça	Segunda	Terça
Mínima	15°	16°	15°	17°	20°	21°	20°	21°
Máxima	24°	26°	28°	26°	26°	27°	26°	27°

	S.J. Rio Preto		P. Prudente		S. J. dos Campos		Sorocaba	
	Segunda	Terça	Segunda	Terça	Segunda	Terça	Segunda	Terça
Mínima	20°	20°	19°	19°	16°	17°	15°	17°
Máxima	28°	30°	29°	31°	26°	26°	28°	26°

FUSO HORÁRIO

Cidade		Cidade	
Aracaju	-1	Maceió	-1
Belém	-1	Manaus	-2
Belo Horizonte	0	Natal	-1
Boa Vista	-2	Palmas	-1
Brasília	0	Porto Alegre	0
C. Grande	-1	Porto Velho	-2
Cuiabá	-1	Recife	-1
Curitiba	0	Rio Branco	-3
Florianópolis	0	Rio de Janeiro	0
Fortaleza	-1	Salvador	-1
Goiânia	0	São Luís	-1
João Pessoa	-1	Teresina	-1
Londrina	0	Uberaba	0
Macapá	-1	Vitória	0

Cidade	Fuso	Tempo	Mín.	Máx.
Amsterdã	+3	chuvoso	3	6
Assunção	-1	sol	18	31
Atenas	+4	claro	10	18
Atlanta	-3	nublado	3	16
Barcelona	+3	claro	6	12
Beirute	+4	claro	18	25
Berlim	+3	nublado	-4	3
Bogotá	-3	chuvoso	9	23
Boston	-3	nublado	-3	5
Bruxelas	+3	chuvoso	1	4
Budapeste	+3	chuvoso	-2	6
Buenos Aires	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Cairo	+4	claro	18	32
Caracas	-2	claro	24	29
Chicago	-4	nublado	-4	6
Cingapura	+10	claro	24	32
Copenhague	+3	nublado	1	2
Dublin	+2	nublado	3	8
Estocolmo	+3	nublado	0	4
Frankfurt	+3	claro	-2	3
Genebra	+3	claro	-2	-1
Havana	-2	claro	23	27
Helsinque	+4	nublado	-1	0
Hong Kong	+10	nublado	19	26
Istambul	+4	claro	11	15
Jerusalém	+4	claro	15	26
Johannesburgo	+4	chuvoso	19	23
La Paz	-2	claro	3	12
Lima	-3	claro	17	18
Lisboa	+2	claro	8	14
Londres	+2	claro	2	7
Los Angeles	-6	chuvoso	11	19
Madri	+3	claro	1	8
Melbourne	+13	nublado	10	16
México	-4	claro	7	19
Miami	-3	nublado	18	27
Montevidéu	0	claro	12	32
Montréal	-3	claro	-10	-1
Moscou	+5	nublado	-4	1
Nova York	-3	nublado	-4	3
Paris	+3	chuvoso	0	5
Pequim	+10	claro	2	12
Praga	+3	claro	-5	2
Roma	+3	claro	10	15
S. Francisco	-6	claro	9	14
Santiago	-1	claro	11	30
Seul	+11	nublado	4	14
Sófia	+4	claro	-2	7
Sydney	+13	chuvoso	17	22
Tóquio	+11	nublado	8	17
Toronto	-3	claro	-6	0
Vancouver	-6	nublado	3	4
Varsóvia	+3	nublado	-3	2
Viena	+3	claro	-2	3
Washington	-3	nublado	-4	7
Zurique	+3	claro	-3	2

Fuso de acordo com o horário de Brasília, Temperaturas previstas para hoje, em °C

QUALIDADE DAS PRAIAS

■ Própria para banho ■ Imprópria × Sem registro

SÃO PAULO

Ubatuba · Caraguatatuba · Ilhabela · São Sebastião · Boiçucanga · Maresias · Bertioga · Guarujá · Rio-Santos

Bertioga ■ Boracéia ■ Enseada ■ Guaratuba ■ S. Lourenço
Caraguatatuba ■ Capricórnio ■ Centro ■ Cocanha ■ Indaiá ■ Martim de Sá ■ Massaguaçu ■ Mocoóca ■ Palmeiras ■ Pan-Brasil ■ Prainha ■ Porto Novo ■ Tabatinga (1)
Guarujá ■ Astúrias ■ Enseada ■ Guaiúba ■ Perequê ■ Pernambuco ■ Pitangueiras ■ Tombo
Ilhabela ■ Grande ■ Itaguaçu ■ Perequê ■ Pinto ■ Portinho ■ Saco da Capela ■ Sino ■ Siriúba
Ilha Comprida ■ Centro
Itanhaém ■ Centro ■ Jd. Cibratel ■ Sonho ■ Suarão
Mongaguá ■ Central ■ Itaoca ■ S. Eugênia ■ Vera Cruz
Peruíbe ■ Guaraú ■ Peruíbe ■ Prainha
Praia Grande ■ B. Flórida ■ Boqueirão ■ Cid. Ocian ■ Jd. Solemar ■ Vila Caiçara ■ Vila Mirim
Santos ■ Aparecida ■ Boqueirão ■ Gonzaga ■ J. Menino ■ Pta. da Praia
S. Sebastião ■ Baleia ■ Barequeçaba ■ Boiçucanga ■ Boracéia ■ Camburi ■ Cigarras ■ Deserta ■ Engenho ■ Grande ■ Guaecá ■ Juquei ■ Juréia ■ Maresias ■ Paúba ■ Pontal da Cruz ■ Porto Grande Preta ■ Sal ■ S. Francisco ■ T.-t.Grande ■ T.-t.Pequeno ■ Una
São Vicente ■ Gonzaguinha ■ Itararé ■ Milionários
Ubatuba ■ Domingas D. ■ Dura ■ Enseada ■ Felix ■ Grande ■ Iperoig ■ Itaguá ■ Itamambuca ■ Lagoinha ■ Lázaro ■ Maranduba ■ Perequê-Açu ■ Perequê-Mirim ■ Picinguaba ■ Santa Rita ■ Sapé ■ Sununga ■ Tenório ■ Toninhas ■ V. do Norte ■ Vermelha

MARÉS

	Baixas	Altas
Santos	6h26/0,2 m	12h47/1,1 m
São Sebastião	6h36/0,5 m	12h08/1,2 m

(processados ontem). Para mais informações, consulte o site do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC)

RIO DE JANEIRO

■ Arpoador ■ Barra (2) ■ Copacabana ■ Flamengo ■ Grumari ■ Ipanema (3) ■ Leblon ■ Leme ■ Prainha ■ Recreio ■ S. Conrado ■ Urca (4)

(1) Excreto do Tabatinga (2) Excreto Quebra-mar
(3) Excreto Maria Quitéria (4) Excreto praia Vermelha
Fontes: Cetesb (SP), Boletim de 24/11/2005 Sec. Mun. do Meio Ambiente (RJ), Diagnóstico de 22/11/2005

Folha de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005. Cotidiano, p. C2.

TEXTO 21

TEMPO

16º mínima
26º máxima

MAIS SOL EM SÃO PAULO

O ar seco entra em São Paulo, a nebulosidade diminui e quase todo o Estado tem sol forte. A névoa enfraquece e o sol aparece entre muitas nuvens na região metropolitana, no litoral e nos Vales do Paraíba e do Ribeira até o fim da manhã. Chove à tarde no norte paulista.

Amanhã, todo o Estado terá sol forte e calor à tarde. A capital amanhece com névoa. O calor e a umidade aumentam no decorrer da semana e as regiões paulistas terão sol na maior parte do dia. A partir de terça-feira, as pancadas de chuva voltam a ocorrer à tarde no Estado.

SEGUNDA 14°/27°
TERÇA 15°/28°
QUARTA 17°/29°

Sol · Sol e nuvens · Nublado · Sol e pancadas de chuva · Nublado com chuva · Chuva com trovoadas · Geada

Josélia Pegorim

Falta menos de um mês para o início do verão e as noites estão curtas. Os dias que antecedem o solstício de verão, no dia 21 de dezembro, têm o maior número de horas de sol. Até lá, a capital paulista tem, em média, 13 horas e meia de sol disponíveis. Os raios solares entram cada vez mais perpendiculares na superfície e o aquecimento é rápido. As nuvens diminuem e a temperatura sobe.

IMAGEM DE SATÉLITE

Muito sol desde o sul gaúcho até o centro-leste de Mato Grosso do Sul e de São Paulo. O leste paulista amanhece com névoa. Tempo seco no litoral e na zona da mata, do Rio Grande do Norte até Alagoas. Nas demais áreas do Brasil, o ar úmido, o calor e uma frente fria que chega à Bahia formam nuvens carregadas que provocam várias pancadas de chuva. O dia fica chuvoso no oeste e sul baianos, no centro-norte e leste mineiro, no Espírito Santo, no norte fluminense, em Goiás, no Distrito Federal e no leste de Mato Grosso.

CAPITAIS

Aracaju	Sol/chuva	27/31	Maceió	Sol	24/32
Belo Horizonte	Chuvoso	18/22	Manaus	Sol/chuva	25/34
Brasília	Chuvoso	19/22	Natal	Sol	25/30
Boa Vista	Sol/chuva	24/35	Palmas	Sol/chuva	23/33
Belém	Sol/chuva	25/34	Porto Alegre	Sol	17/30
Campo Grande	Sol	18/28	Porto Velho	Sol/chuva	25/33
Cuiabá	Sol/chuva	22/30	Recife	Sol	24/32
Curitiba	Sol	9/23	Rio Branco	Chuvoso	24/28
Florianópolis	Sol	17/25	Rio de Janeiro	Sol	18/28
Fortaleza	Sol/chuva	26/32	Salvador	Sol/chuva	23/29
Goiânia	Chuvoso	21/25	São Luís	Sol/chuva	25/35
João Pessoa	Sol	25/31	Teresina	Sol/chuva	25/39
Macapá	Sol/chuva	26/34	Vitória	Chuvoso	20/28

TÁBUAS DAS MARÉS: Porto de Santos

27 domingo	0h39	↑ 1,2m	29 terça	1h58	↑ 1,4m
	6h26	↓ 0,2m		7h49	↓ 0,2m
	13h47	↑ 1,1m		14h49	↑ 1,1m
	19h13	↓ 0,3m		20h28	↓ 0,1m
28 segunda	1h19	↑ 1,3m	30 quarta	2h38	↑ 1,4m
	7h08	↓ 0,2m		8h30	↓ 0,2m
	14h19	↑ 1,2m		15h11	↑ 1,1m
	19h53	↓ 0,2m		21h11	↓ 0,0m

NO MUNDO

	Fuso	Tempo	Mín/Máx
Assunção	-1	Ensolarado	20/29
Atenas	+4	Chuvoso	15/19
Berlim	+3	Nublado	6/0
Bruxelas	+3	Nublado	7/5
B. Aires	-1	Ensolarado	21/29
Caracas	-2	Nublado	22/33
Chicago	-4	Chuvoso	7/12
Estocolmo	+3	Nublado	[illegible]
Genebra	+3	Nublado	[illegible]
Johannesburgo	+4	Chuvoso	[illegible]
Lima	-3	Ensolarado	[illegible]
Lisboa	+2	Sol/chuva	[illegible]
Londres	+2	Nublado	[illegible]
Los Angeles	-5	Ensolarado	[illegible]
Madri	+3	Nublado	[illegible]
México	-4	Ensolarado	3/23
Miami	-3	Nublado	22/28
Montevidéu	0	Ensolarado	18/32
Moscou	+5	Nublado	[illegible]
Nova York	-3	Nublado	4/13
Paris	+3	Sol/chuva	[illegible]
Pequim	+10	Nublado	3/10
Roma	+3	Chuvoso	8/13
Santiago	-1	Ensolarado	12/26
Sydney	+13	Chuvoso	16/21
Tel-Aviv	+4	Nublado	22/32
Tóquio	+11	Ensolarado	4/17
Toronto	-3	Nublado	4/8
Taipei	+10	Ensolarado	19/26
Washington	-3	Nublado	8/12

INTERIOR

	SEG	TER	QUA
Campinas	14/29	16/29	17/30
S.J dos Campos	15/28	16/29	16/30
Rib. Preto	15/31	17/31	18/32
Bauru	14/29	17/26	18/27
P. Prudente	17/32	21/32	21/33
C. do Jordão	8/22	11/24	12/24

LITORAL

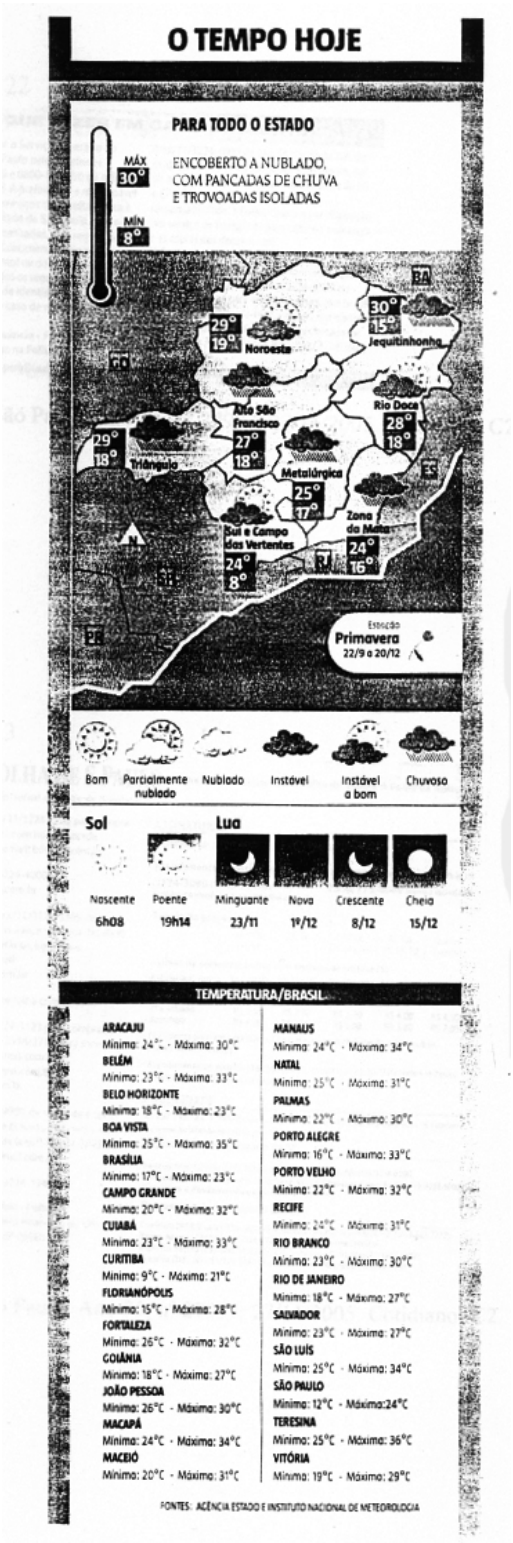
	Mín./Máx.	Dir.	Vel.	Onda
Ubatuba	17/25	SE	15 nós	1 m
Guarujá	19/26	SE	15 nós	1 m
Santos	19/26	SE	15 nós	1 m
Iguape	17/25	SE	15 nós	1 m
Cananéia	17/25	SE	15 nós	1 m

AEROPORTOS

Congonhas	Sol
Guarulhos	Sol
Santos Dumont	Sol
Galeão	Sol
Belo Horizonte	Chuvoso
Brasília	Chuvoso
Curitiba	Sol
Porto Alegre	Sol
Salvador	Sol/chuva
Recife	Sol

O Estado de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005. Caderno C, p.C2.

TEXTO 22



Estado de Minas, Belo Horizonte, 25 nov.2005. Cidades, p. C3.

TEXTO 23

AUTOS MITSUBISHI

PAJERO FULL
99/99 e 00 cinza e verde. Consulte.11.4412-1066/9647-3548

PAJERO GLS
98/99 Prata, Mec. 2.8 Intercoolr. compl. BRABUS (11) 5696-9444

PAJERO GLS 3.5
99/00 Prata, Top, 2P. Aut. completo. BRABUS (11) 5696-9444

PAJERO GLS 3.5
98/99 Cinza. Autom. Top. Completa. BRABUS (11) 5696-9444

PAJERO GLSB
99/99 T.diesel, cinza, ú.d. R$59.0. ☎(11)4191-9393/9452-1253

PAJERO IO
99/00, azul, autom., completa c/ couro. Revisada, em ótimo estado. ☎(11) 3085-2033 Hor. Coml.

PAJERO SPORT
02/03 4 unid. Diesel/Gas. Várias cores. Excel. condições. CARDINAL MITSUBISHI ☎ (11) 6195-2768

PAJERO SPORT
02/02 SLE, diesel, prata, conserv. ☎(34)3332-2030 / 9972-7939

PAJERO SPORT
01/02 prata, mecânica ☎ (16) 3620-9070/ 9791-0703 Motta

PAJERO SPORT
01/02, 3.5, prata, couro, piloto aut. Autostar ☎ (11) 5645-3000 / 3061-5177

PAJERO SPORT
R$79.000 01/01 aut., turbo diesel ☎ 11-6221-7570 Classe Alta

PAJERO SPORT
01/01, 3.0, prata, 4x2, couro, aut. Autostar ☎ (11) 3755-1011 / 5645-3000

PAJERO SPORT
R$59.000 00/01 branca, completa, único dono, impecável, revisado com garantia Fone (11) 3660-3000 CALTABIANO TOYOTA

PAJERO SPORT
R$73.900 00/01 Kit SE, piloto, diesel, aut. prata. Mitplace. ☎(11)4412-1066/9647-3548

PAJERO SPORT
R$55.000 00/00 Turbo diesel, completa, estudo troca (-) valor. (11)7838-2430 abaixo tabela.

PAJERO SPORT
00/00 preto. ☎(11) 5034-5421

PAJERO SPORT
00/00 4X4 Troca (15)3217-1154

PAJERO SPORT
00/00 ú.d., 59mkm., autom., compl. Part.c. ☎ (11)5051-0819

AUTOS MITSUBISHI

PAJERO TR4
05/05 autom ☎(11) 5034-5421

PAJERO TR4
05/05 Prata, Autom, completa (+) couro. Blindada N-IIIA 180Km ***BRABUS BANDEIRANTES***

SEU MITSUBISHI COMPLETO
☎(11)3845-2866

PAJERO TR4
R$69.500 04/05 automática, prata, bco. couro Fone (11) 3095-6585 CALMAC LAND ROVER

PAJERO TR4
04/05 4 unid, Mec/Aut. Várias cores. Excel. condições. CARDINAL MITSUBISHI ☎ (11) 6195-2768

PAJERO TR4
04/05, preta, aut, couro. Autostar ☎ (11) 3755-1011 / 5645-3000

PAJERO TR4
04/05 prata, mec/autom, compl, várias opções. Consulte-nos. ☎(11) 4166-9999

Itatiaia
A MITSUBISHI MOTORS

PAJERO TR4
04/05 Prata, Mec, Couro, Bx. Km

☎(11)5548-0290

PAJERO TR4
R$69.900 04/04 Azul, aut, compl. c/ couro, ar, dir, tno e som. Comart Toyota ☎(11)2122-0700

PAJERO TR4
R$59.500 03/04 Azul, automática, couro, ☎ (11) 3221-4077

PAJERO TR4
03/03 Prata, Aut, air bag, abs, couro. Brabus (11) 5696-9444

SPACE WAGON
98/98 Oferta! Compl, Aut, Couro, ÚD. 11- 6605-0565 Daniel Autos

SPACE WAGON-GLX
01/01 Preta, Aut, 7 lugares, air bag, ABS. Perfeito estado. Ót. preço. ***BRABUS BANDEIRANTES***

AUTOS NISSAN

FRONTIER SE CD
R$74.800 04/05 Serrano, 4x4, turbo diesel, completa. ☎(11)6965-3331/ 9284-3000

FRONTIER SE CD
R$58.000 03/03 2.8, couro, preta. Ót estado. ☎(11)9910-3443

FRONTIER XE CD
04/04 Turbo diesel, 40mkm, 4x4, único dono Fone (11) 3665-5500 CALMOTORS

Caltabiano

FRONTIER XE CD
R$61.900 03/04, 4x2, preta, único dono. F: (11) 3048.1100

INFINITI
05/05 - 0Km, V8, 315cv, completo, pronta entrega. www.formulaveiculos.com.br ☎ (11) 3083-7544

INFINITI FX 45
04/04, preto,v8, baixa km. Est. 0km. O carro + completo em tecnologia e design do mundo. Dir. c/ propr. Falar c/ Fernando. ☎(11)9281-2001/ 3253-4848

INFINITI FX.35
05/05 Prata, 0KM. Pronta entrega. ☎(11)3089-4444 Só Veículos

MAXIMA 30GV
98/98 Prata, completo, Autom + teto. Auto Class (11) 5041-3311

PATHFINDER
R$61.900 03/03.243cv,preto, top,ú.dn. C.Nissan.F:3048.1100

PATHFINDER
01/01 preta, ú.d, gas.16-3635-8459/3964-5337/9145-4370.

PATHFINDER SE
01/02, 3.5, preta, 24mkm, blind NIII. Autostar ☎ (11) 3755-1011 /5645-3000

PATHFINDER SE
R$65.900 99/00, preto, teto, couro. F:(11) 3048.1100

PATHFINDER SE
96/97 branca. (11)5535-2727hc

PATHFINDER SE
94/94 Preta, ú.d. ☎8118-1000

AUTOS PEUGEOT

607 SEDAN
01/01 cinza, impecável, fr.h.c
☎(14)3212-2525

CLIO AUTHENTIQUE
R$21.500 03/04 ú.d., 1.0, tno, CD, blaime, 2os.☎ (11)5055-0038

CLIO PRIVILÈGE
R$36.900 05/05 Hi,flex,1.6 completo,abs e airbag 2 com 2000Km. Divena (11) 4072-9933 / 5061-9933

CLIO RN
R$22.000 01/01 1.6 4 p., preto, ar, dir.,☎ (11) 9175-1512 c/ Max

CLIO SED ALIZÉ
03/03 compl. ú.dona, 19mkm.☎ (11)6601-2722 particular

CLIO SED RN
R$23.300 02/02 1.0 4 p., prata, ar, dir. ☎ (11) 9175-1512 c/ Max

MEGANE SED RT
R$16.500 98/98 Cinza, compl., novo. Financ. F:(011)3662-0505 H.C/7384-3073 Dulce

MEGANE SED RXE
00/01 Egeus 2.0, compl, cinza ☎(11)9259-5447/ 5041-3938

SCÉNIC
02/02 1.6, prata ☎ 6341-2759

SCÉNIC
99/99 2.0, cinza, compl, ú.d. Troco (11) 9868-9328/3815-2855

SCÉNIC ALIZÉ
R$27.500 00/01, 1.6, completa. Tratar ☎ (11) 5041-6000

SCÉNIC EXPRES
R$39.700 03/04, verde, compl., 1.6, Novo. Fone: (11) 4122-9400

SCÉNIC RXE
R$37.000 02/02 2.0 completo, prata, único dono☎(15)9104-8040/ (15)3542-1003

SCÉNIC RXE
01/02 Preto. 2.0. Top, mecânica, s/detalhes. ☎(11)296-5700 HC

SCÉNIC RXE
R$26.500 00/00 azul, completa, impecável ☎(11) 7636-5473

☎(11)5181-5200

SCÉNIC RXE
R$25.900 99/00 Completo + bancos em couro, novíssima. Financiamos F:0u11)3662-0505 H.C/7384-3073 Dulce

AUTOS TOYOTA

COROLLA
03/04 00 e 02 XL-XE-SEG. Várias cores e opcões. Consulte-nos antes de comprar Fone: (11) 3660-3000 CALTABIANO TOYOTA

COROLLA FIELDER
05/06, preto, bco. couro, aut. Autostar BMW ☎ (11) 5645-3000 /3755-1011

COROLLA FIELDER
05/06 0K 6mil (11)5014-3604

COROLLA SE-G
05/05, autom., 12.000km, autom., novíssimo c/ gar. igual a 0km. Av. Europa, JB/ Collection
☎(11)3069-2868

COROLLA SE-G
R$57.200 04/04 Top de Linha, prata, Ac. autol-valor. (11) 6605-0565 / 9743-7679 Daniel Autos

COROLLA SE-G
04/04, aut, couro, 22mkm, azul ☎ (11) 3061-5177 / 3088-8580 www.autostar.com.br

COROLLA SE-G
R$56.800 03/04, azul, autom., único dono, revisado e na garantia de fábrica. ☎(11) 3085-2033 H.C

COROLLA SE-G
R$56.900 03/04 Preto, Aut. (+) couro. Auto Class (11)5561-2112

COROLLA SE-G
03/03 bege,ótimo preço sem detalhes. Divena M. Benz(11) 4072-9933/5061-9933

COROLLA SE-G
03/03 Cinza,Aut,a.bag,abs,couro, 30mkm. Brabus (11) 5696-9444

COROLLA SE-G
R$49.000 02/03 automática, bege, completo, revisado c/ garantia Fone (11) 3660-3000 CALTBIANO TOYOTA

COROLLA XEI
05/05 preta, 1.8 VVT, mec, insulfilm, engate, airbag. Consulte-nos. Itatiaia Motors. (11) 4166-9999

COROLLA XEI
05/05 prata, automático + piloto + milha + couro, 20.500km. Particular. F:(011)8292.6135/ 3659.6864 com Celio Neto

COROLLA XEI
R$45.000 04/04 mecânica, prata, completo, revisado c/ garantia Fone (11) 3660-3000 CALTABIANO TOYOTA

O Estado de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005, Classificados, p. 8.

TEXTO 24

SÃO PAULO

VENDEM-SE

▶ APARTAMENTOS

▶ ZONA SUL

▶ FLATS

AEROPORTO
R$110.000 1dorm, á.t 79m², 1gar, cofre digital, tv à cabo, ar cond. Rest. 24hs, 2piscinass aquec. Business Center, Internet Banda Larga, Fitness Center, Área de Eventos, translado gratuito Aeroporto. Moderno c/ Requinte e bom gosto, reunidos em único Empreendimento. Ót. Oportunidade! Tratar Vagner hc
☎(11)5503-4050

AEROPORTO
R$40.000 (a partir de) Flats. Compra e venda. Em toda SP. De 1 a 3 dts e cob. Dentro e fora do pool.
over FLATS Especializado desde 1984
FLATS@OVERFLATS.COM.BR
☎(11)3094-1044

AEROPORTO
R$98.000 Airport suítes, 2 dts. 1 vg, pool. Para quem vive na ponte aérea não tem melhor
over FLATS Especializado desde 1984
FLATS@OVERFLATS.COM.BR
☎(11)3094-1044

AV PAULISTA
Em Toda SP a Partir de R$50.000 CRECI:016295BJ - F: 3884.1400

SUL VD 2DOR

MOEMA
R$140.000 2 ds. 2 wcs, sl 2 ambs. coz., rico arms. 1vg. ☎ (11) 8381-2680/5052-0338

MOEMA
Decor. Duplex A. Padrão. 2 dts +2 vgs, c/ Ar C. e outro 1 dt +1vg. Novo Tr: Paulo (11)9982-1563 c12200J

PARAÍSO
Loft, novo, lindo, todo decorado, pronto p/ morar, 2 dormitórios. 2 vagas, lazer. 38 6864 ☎3897-7777 creci 10071

PLANALTO PAULISTA
2Dorms, 73m², 1 vaga, 5° andar, returm, Dep. Empreg. Arms. Embut. C/o propr.F(11)3277-1093 hc

SAÚDE
2 dorms., arms., pisc., vg , R$72.000 Creci 46137 ☎5071-1027

▶ 3 DORMITÓRIOS

ALTO BOA VISTA
R$250.000 130m² úteis, 3 dormitórios (suíte), lazer, vaga, reformada, confira. ref: 179092 ☎ 5522-9522 creci 10071

BROOKLIN
R$190.000 3 dorms. (1 suíte) R. Princesa Isabel 266, apto. 22 - Ed. Lancaster. 92m² área útil, bairro nobre. Exc. estado, pintado. Ótima Localização!. ☎(11)5093-3607

CAMPO BELO
R$250.000 2grs paral.3dt(ste). liv. varandão,laz. c/qda,sl. gin, s/novo Andar alto. Cr.28142. (11) 5052-6714 www.cabreraimoveis.com.br

IPIRANGA
R$220.000 Duplex, Vendo/Alugo, c/ piscina, 3 dorms. (suíte), garagem, sl. festas, churr. px. Av. Nazaré. ☎(11) 3371-6555 Creci J230

ITAIM
R$560.000 Cob. duplex, 350m², 3ds(2stes) 3 vgs. lazer compl. novo. Dir. prop. ☎ (13)3219-4644
☎(13)8116-6496

JARDINS
R$320.000 Por R$ 270.000. Urgente. 181m² AU. 2grs,3d(ste), lav, 2sls, jd. inv. Cr.28142 (11) 5052-6714 www.cabreraimoveis.com.br

JD MARAJOARA
R$168.000 + R$150.000 de saldo a ser quitado c/ FGTS ou financ. bancário. 120m² á.ú., novo, 3dorms. (1ste), 2vgs., lazer total, andar alto, varandão, face norte. ☎(11)5509-4962/ 9984-2156

▶ 4 DORMITÓRIOS OU MAIS

ALTO BOA VISTA
R$550.000 Frente para Z-1. Rua São Benedito, 931. 4 suítes, 4 salas, 206m² áu, dep.empreg., repleto de armários, 4 vagas. Direto c/ proprietário. (hc) Sr. Marco
☎(11)5501-7200

BROOKLIN NOVO
cond.horizontal, 4 dorms. (2 stes). amplo living, jd., rua tranquila, excel. acabto., próx. a Berrini. ref: 19 6212 ☎3897-7777 creci 10071

CAMPO BELO
R$375.000 Oportunidade! 1° andar. Rua José Batista Pereira, 30. 4 dorms c/ 3 stes, 199m² a.ú, 1 p/ andar, sala de estar c/ lareira, sala de jantar, lavabo, dep.empreg., repleto armários, 3 vagas. Direto c/ proprietário (hc) Sr. Marco
☎(11)5501-7200

CAMPO BELO
R$350.000 2 gars., 178m², 4 ds. (ste c/ closet), liv., lavabo, coz. c/ a.e., lazer tot. ☎ (11)5184-0001

CAMPO BELO
4 dorms, 2 suítes, 4 vagas gar, 223 m² area privada, 435m² AT,no 5°andar R Gabriele Danuzio n°1318, em construção R$ 670 mil +10x R$ 22mil Tratar c/ Manuel ☎ (11)3223-3488

CAMPO BELO
4stes., excelente cobertura rica em arms. Linda vista panorâmica c/ terraço de 40m., pisc., sl. ampla, copa e coz., H. theater. 237m²au., 437m²at., 4vgs. Para vender hoje KLS ☎(11)3749-9431

JARDINS
R$779.000 310m² AU, 4dts (ste), sl. jant., sl. alm., living 4ambts c/ terraço, esc., lav., 3 gars. 2dep. empr. Cr.28142 (11)5052-6714 www.cabreraimovels.com.br

JARDINS
4dts, 4vg, and.alto, vista magnífica, pisc.,lazer tot.,190m² au, Novíssimo Dir Prop. 11-9277-4929

JD AMÉRICA
R$999.000 Lindemberg, 1° and., 330m²au.4d(2stes), escr., sl. jant. +sl. alm,liv. amplo, 2grs+visita, 2 dep. empr. Cr.28142 (11) 5052-6714 www.cabreraimovels.com.br

▶ ZONA OESTE

▶ FLATS

HIGIENÓPOLIS
R$110.000 Classic Flat, no pool, em frente a FAAP. P/vender hj. Não deixe pra Janeiro
over FLATS Especializado desde 1984
FLATS@OVERFLATS.COM.BR
☎(11)3094-1044

▶ 2 DORMITÓRIOS

HIGIENÓPOLIS
R$200.000 Próx. Alagoas, 1 vg., 105m²ut., cond.290., vago. único! 153197.Zimmermann3868-0255

HIGIENÓPOLIS
Próx. shopping, 110m² úteis, 2 dorms., living p/2 ambs., coz.ampla, QE, lavabo, 2 vagas. ref: 18 8234 ☎3668-6000 creci 10071

PERDIZES
Cobert., 2 dts., tço.c/pisc., liv.p/2 ambs., coz.americana, h.theater, tt reform., 2gars., privacidade. ref: 19 2175 ☎3668-6000 creci 10071

PERDIZES
Cond. baixo, 2 dorms., arms., vgs., liv. 2 ambs., próx. Pq. Água Branca 153197.Zimmermann3868-0255

PINHEIROS
R$160.000 2 dorms., próx. metrô, liv. 2 ambs., 1vaga, r.tranquila. 153197.Zimmermann3868-0255

PINHEIROS
Raro 3ds.(ste), 2vgs. 170m² reform. Urgente. Motivo Viagem. ☎ (21)9376-0200/(11)3032-8430

POMPÉIA
R$135.000 2 dts., 2 gars., 140m², semi novo, lazer, arms., lindo!!!. 153197.Zimmermann3868-0255

STA CECÍLIA
R$160.000 2 dorms. c/1 suíte, 56m², 1 vg., lazer total, cond. baixo.Creci 63988. ☎(11) 3663-3146/9977-6659

▶ 3 DORMITÓRIOS

ALTO DE PINHEIROS
R$550.000 Rua Moras, 260m²ú, 3 suítes, 6° andar, 2 vagas, lindo. 153197.Zimmermann3868-0255

OESTE VD 3DOR

PERDIZES
R$179.000 3 dts., 2 gars., 140m², lazer total, arms., sacada, novo. 153197.Zimmermann3868-0255

PINHEIROS
R$650.000 3 stes., 3 gars., escr., liv.amplo c/tço., lav., sl.alm., coz. ampla, pisc., s.festas, ótimo local. ref 81727 ☎3668-6000 creci 10071

PINHEIROS
R$195.000 Vista, 2 vgs., 120m², 3 dorms., suíte, lazer, único, urg. 153197.Zimmermann3868-0255

PINHEIROS
3 vagas, lazer total, living amplo c/tço., 3 stes., lav., 137m²úteis, excel localização, confira. ref: 17 7295 ☎3668-6000 creci 10071

POMPÉIA
R$160.000 Liv. 2 ambs., 3 dorms., 2 vgs., 14° and., lazer completo. 153197.Zimmermann3868-0255

SUMARÉ
R$195.000 reformado, px. metrô Vl. Madalena, 3 dts(ste), amplo living, arms., lazer, garagem. ref: 14 1509 ☎3668-6000 creci 10071

VL MADALENA
Constr. Portico, suíte, 4° rev., 2 gars., mediterrâneo, R. Harmonia, acto. colaboração corretores. 153197.Zimmermann3868-0255

▶ 4 DORMITÓRIOS OU MAIS

ALTO DA LAPA
R$368.000 2 gars., últimas unidades, 132m² úteis, novo, 4 dorms (2 stes), super facilitado. ref: 15 2157 ☎3668-6000 creci 10071

ALTO DE PINHEIROS
R$570.000 240 úteis, 2 suítes, 13° andar, 2 gars., piscina, lindo. 153197.Zimmermann3868-0255

ALTO DE PINHEIROS
R$750.000 R. Moras, 190 úteis, 4 dorms., 2 suítes, 3 vagas, único! 153197.Zimmermann3868-0255

ALTO DE PINHEIROS
Fte. Pq. Villa Lobos, cob. duplex, 500m² úteis, 6 gars., 4 stes., vista panorâmica, rua particular. ref: 13 5860 ☎3668-6000 creci 10071

HIGIENÓPOLIS
R$800.000 cob.duplex, 4 dorms (ste), garagens, 260m² úteis, negócio de ocasião, confira. ref: 13 7123 ☎ 3897-7777 creci 10071

HIGIENÓPOLIS
R$499.000 4 gars, 400m², liv., sl. TV, lavabo, 4 dorms (suíte master c/tço., 2 closets), 2 QEs. ref: 15 5081 ☎3668-6000 creci 10071

O Estado de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005, Classificados, p. 2.

TEXTO 25

EMPREGOS

A

A. CRÉDITO
Exp. 1 ano em cobrança externa, possuir veículo próprio. Enviar CV: viviane@enfok.com.br

ADM DE EMPRESAS
Cia Americana de Nutrição busca 5 pessoas motivadas e comunicativas p/ recrutar e treinar novas equipes. R$2.500 - R$12.500 PT/FT. C.V p/ admcvsp@gmail.com

ADVOGADO
C/experiência Enviar C.V. c/pretensão salarial p/ regina.tiope@terra.com.br

ADVOGADO CÍVEL/PENAL
Exp. mínima 02 anos no mercado, necessário conhecimento nas áreas civel e penal, desejável curso de pós e inglês intermediário. Sal. comp. c/ o mercado+benef. CV p/ mlmenezes@iope.com.br c/ a sigla CIPE.

ADVOGADO CIVIL
Exper. em Processo e Consultoria, período Integral, PUC, USP ou Mack. Env C.V com foto e pret. s/c deste jornal sob a sigla "Ac/05"

ADVOGADO(A)
Exp. nas áreas Civel e Trabalhista. Enviar C.V. paulolete@aaso.org.br

AJUDANTE DE COZINHA
Admite-se, masc., maior de 18a. c/ ou s/ exper., residir próx. Shopping Ligth - Centro. Comparecer c/ CV, cart. prof. e foto dia 28/11 ás 15hs no Restaurante Coração Mineiro 5ºandar do Shopping.

AJUDANTE DE COZINHA
Pompeia Grill, contrato p/ início imediato Como: c/ CV das 9:30 às 11:30 a Av. Fco Matarazzo, 2000 - Água Branca - SP - das 9 as 11hs

AJUDANTE DE COZINHA
Restaurante, c/ exp. (fast food), disp. horário, plano de carreira, sál. + comiss = R$500. Enviar CV c/ foto p/ R. Joaquim Antunes, 221 - Pinheiros - Cep: 05415-010 - SP

AJUDANTE DE MONTAGEM
Código: AJM - 2º grau. CV p/ Cx. Postal 5152, S.B.Campo, SP. CEP: 09731-970

AJUDANTE GERAL
Precisa-se de Homens, para serviço Freelancer em Shows e Eventos, início Imediato. R: Lençóis, 99 Casa Verde SP ☎(11)3966-8774

EMPREGOS A

ANALISTA DE DP
Mínimo 3 anos de experiência em folha pagamento, benefícios e encargos sociais. Enviar Curriculum sob sigla " DP3" para o e-mail recrutamento@yahoo.com.br

ANALISTA DE INFORMAÇÃO
Para atuação na área de saúde, superior completo, domínio de excel e access. Os interessados deverão encaminhar currículo para: curriculos_saude@yahoo.com.br

ANALISTA DE RELAÇÕES EMPRESARIAIS
Sup. compl., exp mínima de 3 anos na área de saúde, c/ carteira de habilitação. Os interessados deverão cadastrar-se em currículo no www.sepaco.com.br

ANALISTA DE SUPORTE
Formação técnica em eletrônica, telecom. ou informática. Conh. em redes, protocolos TCP/IPO,outros internet e pacote Office experiência em Help Desk suporte facilidade p/ trabalhar em equipe. Desejável ter conhecimento intermediários de inglês . Comparecer com CV ou enviar p/ R. Pires da Mota nº 399 Aclimação- Cep 01529-001,das 10.30 as 16.30hs.

ANALISTA FISCAL
Conhecimento em sistema microsiga, cursando ciências contábeis. Experiência em faturamento e área fiscal, preferencialmente sexo masculino. Enviar C.V. o mais breve possível, código AF/OESP, colocando o respectivo código aos cuidados deste jornal.

ANALISTA FISCAL
Exp. mínima de 2a. em escritório contab., residir próx. de Osasco. Env. C.V. p/e-mail pessoal@seg.com.br

ANALISTA FISCAL
Ind. Moveleira Prof. Téc. Contab.c/ CRC Exp. 5 anos na área fiscal, imp. dir e ind., imp./exp. Ccs em legis., escrit. fiscal, cont.fat. Fed.Est. CV portal@gatework.com.br

ANALISTA FISCAL
Superior Completo ou cursando, exp. 3 anos, residir Z. leste, salário R$1.500. C.V para Caixa Postal 048349-4 Cep:03512-970 ou Email para: recursoshumanos@agatatec.com.br

ANALISTA IMPORT. E EXPORT.

EMPREGOS A

ANALISTA QUÍMICO
P/ conceituada empresa de controle de qualidade: c/ Formação em Química Eng Química, c/ exp. na área Química inorgânica.C.V p/ curriculum@falcaobauer.com.br

ANALISTA RISCO EXP 3A
Sup CV sercobe@terra.com.br

ANALISTA SISTEMAS PLENO
Sup. compl. Engº/Administração, Inglês fluente, domin. programação Microsiga e em linguagem SQL, aplicativos Microsoft - Asic e MS Acess, conhec. análise estruturada de Sistemas e Modelagem de Banco de Dados, Data Warehousing e Programação Web. CV p/ http://geoth.ds.forsmart.com e aplique-se a vaga cód.P 367/05

ANALISTA/ASSISTENTE CONTÁBIL
Tradicional empresa de consultoria contábil, localizada na Vila Mariana próxima à estação de Metrô, busca profissionais experientes na área contábil. Remuneração compatível, plano de carreira organizado e benefícios diferenciados. Enviar CV: visao@p4brasil.com.br

ARQUITETA
Loja de móveis, alto padrão, p/ projetos e vendas internas. R$1.200 fixo + prêmios, horário loja . Comparecer c/ CV e foto 2ºF (28/11) das 15hs as 17hs. Av. Rebouças, 2452 Pinheiros

ARQUITETO DECOR. PROJ.
Experiente em armários e móveis modulados, projetos em 2020 ou Promob e em atuação comercial com clientes de alto nível, participando sobre resultados. Apresentar-se c/ projetos à Av. República do Líbano, 2.153 Ibirapuera, SP

ARQUITETO
Exp. 5a em edifícios, residencial, e comerciais e compatibilização. Domínio em vector, projetos, legislação de prefeituras: CV (pret. sal) rh@reccoassociados.com.br

ARQUITETO
Masc./fem., marca tradicional e conceituada no mercado de móveis planejados em fase de expansão contrata arquitetos (as) p/ área comercial. Imprescíndível domínio do programa 2020 e possuir veículo próprio. Enviar C.V p/

EMPREGOS A

ASSESSOR (A) COMERCIAL
Conceituada empresa de Prestação de Serviços de Mão-de-Obra contrata. Exp em vendas de serviços p/prospecção de novos clientes. Desej. superior completo em Propaganda e MKT, c/carro. Enviar CV: diretoria@grupofacil.com.br

ASSESSOR DE LOGÍSTICA
Distribuidora admite profiss.c/ experiência comprovada em logística, recebimento, armazenagem, expedição, distribuição/ transportes, relacionamento c/ fornecedores e coordenação de equipe. Conhec. em documentos Fiscais, Contábil, Inventário e Gerenciamento de Estoque (Sistemas WMS) e Pacote Office. Os interessados deverão enviar C.V. c/ pretensão salarial p/ Cx.Postal 421 Cep: 01059-970/ S. Paulo - Sigla ASSLOG/05

ASSIST. ADM / COML
Empresa contrata/seleciona: 18 a 30anos, 2ºgrau a superior, com ou sem experiência. Oferecemos Fixo + comissões + benefícios. Enviar C.V. p/ Caixa postal: 045341- 2 - Cep:04010-970 SP / SP ou email: jorh@globo.com

ASSIST. ADM. FINANCEIRO
Fem., maior até 30 anos, boa apresentação, c/ exp. toda rotina escrit. e D.P., que resida na Vl.Mariana. Comparecer c/ C.V e foto 4ª, 5ª 6ªf, R.Cel.Lisboa, Cep:04020-040 (ox metro Vl. Mariana).

ASSIST. ADMIN. CONTÁBIL
com 2 anos de experiência, disponibilidade de horário. Residir Zona Sul. Enviar C.V. c/pretensão salarial p/Av.Vereador José Diniz, 3530 5ºandar Cep 04804-006.

ASSIST. ADMINISTRATIVO
Formado, usuário Office, at.cliente, prof. morador reg.Alphaville. Sal. R$600. C.V. p/ cvilarticlay.com.br

ASSIST. COML
Com exp. em preparação de concorrencias públicas. CV a/c deste jornal sob sigla. "asacoml2005"

ASSIST. CONTAS PAGAR
Fábrica Reg. Cotia precisa p/ início imediato, exp comprovada 2a., operar sist., domínio pacote Office e rotina adm do setor. C.V. para : financeiro@bocagrafia.com.br

ASSIST. DE CRIAÇÃO
Fábrica na reg. de Cotia, procura profiss. de criação c/ formação em desenvolvimento de produto final

EMPREGOS A

ASSISTENTE ADM HOTEL
experiência em Hotel com CM rotinas financeiras e RH, cadastro no site www.estanplaza.com.br

ASSISTENTE ADM.
Cursando Superior, p/ estágio, c/ exp. 5 anos em rotinas adms. e contábeis. Enviar CV sob cód. "ASSISTENTE", c/ pretensão salarial para engenharia@terra.com.br

ASSISTENTE COMERCIAL
Com experiência mín. de 1 ano. Para área de informática, venda de periféricos. Comparecer c/ CV + foto à R. Dr Melo Nogueira,181 Casa Verde 2ªf/3ªf das 9 às 16h

ASSISTENTE COMERCIAL
P/ conceituada empresa de controle de qualidade: c/ Formação em Química ou Mecânica, c/ exp. na área Coml.C.V p/ curriculum@falcaobauer.com.br

ASSISTENTE COML
Fábrica na reg. de Cotia, procura profiss. c/ exper. mín de 3a. no suporte a representantes a nível Brasil, domínio de sistemas informatizados, excelente organização e disp. de horário, rotinas adm. CV: comercial@bocagrafia.com.br

ASSISTENTE DE ATENDIMENTO
Empresa em expansão seleciona candidatos(as) p/seu Depto. de Atendimento, maiores c/2ºgrau, mesmo s/exp. Ganhos compatível c/a função e benefícios de grande empresas.Apresentar-se somente nesta 2ª ou 3ªfeira na recepção do Othon Palace Hotel na Rua Libero Badaró nº 190 - próx. Metrô Anhangabeu ou São Bento.

ASSISTENTE DE COBRANÇA
Experiência comprovada em carteira. Emissão de boletos, notas fiscais Cobrança , Ativo e Receptivo Conhecimento em informática e parte administrativa, comparecer ou enviar CV a Rua Pires da Mota nº 399 Aclimação Cep 01529-001 SP

ASSISTENTE DE CONTAS À PAGAR
Conhecimento em microsiga, cursando economia/administração, experiência de 2 anos. Enviar Curriculum, o mais breve possível. Código ACP/OESP colocando o respectivo código aos cuidados des-

O Estado de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005, Classificados, p. 8.

TEXTO 26

4 DIVERSOS

ALIMENTOS

BELÍSSIMAS
CESTAS 1ª linha em produtos, para todas as ocasiões, s/taxa de entrega. Confiral Tr: Juliana
3412-0657

CESTA 3275-3366
VINHOS FINOS ARGENTINOS tintos, brancos e Espumantes. R$45,00 a caixa c/ 6 unidades

ANIMAIS & RURAIS

Domésticos

CÃO 31-9115-9561
BORDER COLLIE vende-se filhotes vacin. vermif. c/pedigree.

CÃO 3557-5068
Mastim Napolitano, filhotes nascidos em 13/10/05. R$500

CÃO 3588-1670
Buldog Inglês e Francês, Bull Terrier, Maltês. Shih-tzu. Schnauzer, York 3474-9946

CÃO 3441-5703
FILHOTES VÁRIAS RAÇAS!! Alto nível Prop. Veter. Entrg c/brinde s/taxa 9605-7233

DOMÉSTICOS

CÃO 3373-2225
Filhotes de Rotweller c/ 40 dias, ninhada 4 filhotes.

CÃO 3427-5909
Yorkshire, Maltês, peludos c/ pedigree. Ótimo preço. 8896-6488

CÃO 3372-0749
Golden Retriver- Lindos filhotes 45 dias, facinados e vermifugados. Tel: 9239-8233

CÃO 3485-1976
York, Ihasa, Pincher, Poodle micro, Shitzu, Maltês. Promoção. facilit/entreg. 9609-9522

CÃO 3332-3585
Vendo cadela Shitzu, 4meses com pedigree vacin/vermif

CÃO 3372-3972
Schnauzer Miniatura Yorkshire Poodle Micro e Toy, Lhasa-apso, Pincher (0).Maltês Rotweiler, Golden Retriever Prop. Veterinário 9907-0845

CÃO 3498-5346
Filhotes Pastor Alemão c/ pedigree 9952-2815 www.canilimperiogipcio.com.br

CÃO 3344-4072
Filh Micro maltês Fêmea, Poodle Micro, Toy, York. Pais no local vac c/ Veterinar 9975-1503

CÃO 3412-4707
Rottweiler Machos vacinados vermifugados pai importado

CÃO 31-3534-9853
Buldog Inglês criador especializ. Lindos filhotes 8741-2930

CÃO 3441-6976
Scottish Terrier, pretos 40 dias vermifugados pai com pedigree no local. 9198-0393

CÃO 31-9991-8091
Filhotes Past Alemão capa preta e preto Vacin/vermif. Urg

CÃO 9795-5931
Labrador e Basset Hound www.canilrecantodamata.com.br 3351-2031

CRIAÇÕES

GRD.PORTE 31-9269-0238
Haras Vale dos Sonhos Show c/FRED e PAULINHO DIA 25/11 às 22h-Lag Santa

GRD.PORTE 31-3351-1686
200 vacas e 200 novilhas nelore aceito troca 9990-1686

GRD.PORTE 3296-7191
Vacas Girolanda, paridas e amojando, acmo carro ou troca. Tr: Leonardo 9769-0848

GRD.PORTE 8744-0648
NELORI PO Vacas, novilhas e touros ótimas famílias

GRD.PORTE 31-9948-2003
Garanhão-Pampa do preto, regist. no M.Marchador, sangue Passatempo. Raridade!

GRD.PORTE 31-9222-1122
Quarto de Milha Vdo potro 1 ano e garanhão registrados alazão, trabalho c/conformação

GRD.PORTE 31-9976-2014
120 novilhas Nelore, região Várzea da Plama, vendo barato. Tr. 31-9976-2014

GRD.PORTE 31-9686-8006
Vendo 50 Novilhas Guzera PO 12@ OPORTUNIDADE VAZIA

GRD.PORTE 31-3359-5569
500 BEZERRAS e NOVILHAS NELORE e meio sangue Nelore-Canchim, em excelente estado. Fazenda em Buritizeiro/MG. Tratar Roberto.

GRD.PORTE 31-9983-1899
10 vacas Holand lact., 7 mej., 4 nov. Touro 3a 31-3384-1355

GRD.PORTE 9121-3351
VENDO vacas leiteiras holandesas - Região Sete Lagoas.

PRODUTOS & SERVIÇOS

AGROPRODUTO 31-3476-1617
CHOCADEIRAS AUTOMATICAS - 35/70/130 ovos. www.premiumecologica.com.br

BANHO&TOSA 3446-1905
Máquinas de tosa cães bov eq. Aluções assistência tec www.propetoster.com.br

EUCALIPYTO
COMPRO EUCALIPYTO EM PÉ em MG. Citriodora, Tericornis, Uroptyylla, Esp- burol 20 anos acima. Mínimo 50 mil pés Prof tr. dir prop
9159-9548

ANTIGÜIDADES E OBJETOS DE ARTE

ANTIGUIDADE
COMPRO- Peças antigas autênticas: Imagens de madeira e Marfim ,Oratórios, pratarias, louças azulão e compoteiras coloridas. Carlos
3292-2215

COMPRA JOIAS
Brilhantes Moedas de ouro cautelas CEF Melhor preço MG Augusto Lima 479/1508 9241-0242
3271-7444

FAQUEIRO
Francês, prata, marca Cristofle. Mod Ana. P/ 15 pessoas. Semi-novo. Preço a combinar. Tratar:
31-9636-9190

PROCURO 3201-1800
COMPRAMOS. Papéis antigos da Eletrobrás, Petrobrás e da Dívida Pública, selos, cédulas e moedas.

MÓVEIS

MÓVEIS DE SALA
C/fino acab., pouco usado. Sofá 3 lugares, cadeiras, mesa centro, mesa canto, cristaleira, carrinho de bar, aparador, tanquinho, máq. de lavar louças, edredons, cama de solteiro em jacaranda, mot. mucanga. 3344-8982
9776-8656

TAMPO DE MESA
Vidro blindex 12mm, 1,20mx1,60m.
31-9955-3704

VENDE-SE
Mesas de granito c/ base em alumínio e cadeiras de fibra com pintura eletrostática, ideal p/ área de alimentação. Tratar
3451-5410

VENDO
Cama de casal e sala de jantar. Tr.Ronan
8801-6960

VENDO 3213-0165
Vendo berço/cama c/trocador de fralda. Tr Flávio 9671-2927

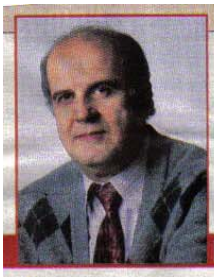
Objetos Decorativos

CORTINAS
Confecção de cortinas, cobre leitos, sob medida.
3334-2460

VENDO 3077-0038
Maravilhosas colunas gregas em granito preto absoluto 0,03 R$900,00. 9159-7830

Estado de Minas, Belo Horizonte, 27 nov. 2005. Classificados, capa.

TEXTO 27



Um certo José

Roberto Pompeu de Toledo **Ensaio**

Pensemos neste Natal em sua figura quieta, singela, trancafiada em sua solidão e, talvez, em sua tristeza

No Natal garantem-lhe um lugar. É quando ele assume seu posto no presépio, junto com a mulher, o menino, o burro, a vaca, os pastores e os misteriosos personagens chamados "reis magos". É um dos poucos papéis que lhe atribuem. A rigor, um de apenas dois papéis — o outro é o de comandar a fuga da família para o Egito. Depois ele desaparece dessa história, talvez a mais conhecida do mundo, sem deixar rastro. Não avisam se morreu ou se foi embora. Ele é produto de dois roteiristas desatentos que, mal nos dão conta de sua existência, mudam de assunto e se esquecem dele sem remédio.

Estamos falando de José, esposo de Maria, mãe de Jesus — um estranho personagem, que se imagina solitário e taciturno, talvez triste, algo desamparado, mas cumpridor. Os dois roteiristas desatentos são os evangelistas Mateus e Lucas, os únicos a tratar da infância de Jesus. Mateus ainda lhe dedica um pouco mais de cuidado, e descreve seu incômodo ao saber que a mulher, que nunca tocara, estava grávida. É o melhor momento de José, o mais humano, o travo do marido traído a amargar-lhe a garganta — e a doer-lhe na testa. Estava ele ruminando sua infelicidade e o troco que iria dar a Maria — repudiá-la, ainda que discretamente, sem expô-la à execração pública — quando lhe aparece, em sonho, o Anjo do Senhor e informa que a gravidez era obra do Espírito Santo. Ah, bom, se é assim... José conforma-se a seu destino de marido de conveniência e pai de mentira.

Grande coisa, diriam os mais céticos. Contando com a intimidade do Anjo do Senhor e as privilegiadas informações que este lhe sussurrava em sonho, quem ousaria agir diferentemente? Não nos deixemos corromper. O fato é que José era bom. O melhor dos homens. É possível supô-lo dia após dia em sua oficina de carpinteiro, silencioso, modesto, enquanto no filho despontavam excêntricos dotes e a mulher resplandecia no prestígio sem paralelo de ter dado à luz sendo virgem. Nos primeiros 1 000 anos do cristianismo, José não mereceu homenagens da Igreja Católica. Só em 1129 surge a primeira igreja a ele dedicada — em Bolonha, na Itália. Na famosa *Legenda Áurea*, um repositório de vidas de santos escrito por Jacopo de Varazze no século XIII, José nem foi incluído. Seu culto só começa de verdade no século XV, graças às pregações de São Bernardino de Siena, Jean de Gerson e outros. Nesse mesmo século o papa Sisto IV (1471-1484) finalmente o encaixa no calendário romano, reservando-lhe a data de 19 de março.

José é desses personagens concebidos para resolver certos problemas no enredo. Logo na abertura do Evangelho de Mateus, ele resolve o primeiro, o de estabelecer uma conexão entre Jesus e o rei Davi. Mateus apresenta uma genealogia que começa com Abrão, chega a Davi, e de Davi, 27 gerações depois, deságua em José. Cumpria-se assim a profecia de que o Messias nasceria no tronco de Davi, aparentemente tão necessária para convencer os incréus que para esse efeito o evangelista se esquece de que José não era um pai de verdade. Outro problema que ele ajuda a resolver é o das várias menções, no Novo Testamento, aos "irmãos de Jesus". Como a Igreja fazia questão de preservar a virgindade de Maria, mesmo depois do parto, surgiu a solução de atribuir os tais irmãos a um casamento anterior de José. Esta tese concorre com outra, mais favorecida pela Igreja Católica, segundo a qual, quando nos Evangelhos está escrito "irmãos", deve-se ler "primos".

Sobretudo, José resolve o problema de completar uma família em torno de Jesus. Esta a sua grande função no presépio: a de celebrar as virtudes da família nuclear, tão prestigiosa, no seu caso, que passa (e isso acontece na mesma época em que começa a ser cultuado) a se chamar de "sagrada". Não menos de acordo com as realidades da vida é a família da mãe sozinha, e isso não só no tempo de Jesus como em todos os outros, o nosso inclusive. No Brasil, a cada quatro famílias, uma tem a mulher no comando. Mas um marido foi julgado necessário, mesmo que a mulher prescindisse de seus préstimos para gerar filhos, e lá foi José, obsequioso como era de sua natureza, assumir o encargo, ainda que intimamente talvez mortificado, ferido em seus brios de varão e de macho. Assim que se cumprem os relatos da infância de Jesus, ele desaparece de cena. Teria agora abandonado a família, assim como tantos pais? Prefere-se, em seu favor, imaginar que morreu. E, se morreu, babau. Morreu tão completamente que os evangelistas não se deram ao trabalho de noticiar-lhe a morte.

José é, por excelência, aquilo que no teatro e no cinema se chama de ator coadjuvante. Sua função é criar condições para que os outros brilhem. É uma função que exige nobreza de sentimentos, essenciais que lhe são a renúncia e o sacrifício. Pensemos em José, neste Natal, quieto em seu canto, rústico, singelo, trancafiado em sua solidão e seu sacrifício, talvez também em sua tristeza. Por uma vez, pensemos em sua sorte, ao contemplar as figuras do presépio.

Veja, n.51, p.162, dez. 2005.

O BAR

MANUEL BANDEIRA

A NOTÍCIA da demolição do hotel Avenida e conseqüente desaparecimento da galeria Cruzeiro não me causou nenhum sabrosso sentimental. Aquilo era um mostrengo que enfeava a cidade. Todavia, quando a derrubada atingiu o canto do bar Nacional e eu vi desventrado o que o Bom Gigante chamava a "casa dos que não tinham casa", senti um pequenino, doloroso rebate no coração, afogado subitamente numa onda de recordações.

No bar Nacional, vivi um pouco a vida "que poderia ter sido e que não foi". A doença que me salteou por volta dos dezoito anos não me deixou realizar o currículo de adolescência nas suas loucas aventuras. Ora, aos quarenta, pude desfrutar um pouco o sabor delas através da experiência de um rapaz de vinte. Já o nomeei Bom Gigante. Não quero identificá-lo na atual pessoa de engenheiro *rangé*, bom esposo e bom pai. Naquele tempo, aí por 1925, era o símbolo da mocidade decantada por Raimundo Correia.

Por que tudo o que tem de fresco e virgem gasta
E destrói...?

No bar Nacional e da boca do Bom Gigante, ouvi a crônica do Túmulo dos Faraós, portão aberto à juventude notívaga e onde se cheirava cocaína quando era vendida livremente a três mil-réis o grama. No bar Nacional, tiveram início alguns episódios surrealistas que narrei nas *Crônicas da Província do Brasil*. No bar Nacional, me relumeou de repente a célula de muito poema de *Libertinagem* e da *Estrela da manhã*. No bar Nacional, assisti a uma passagem de ano, a mais turbulenta e lírica cena urbana que presenciei na minha vida.

...Tudo correu tranqüilamente até meia-noite. Foi precisamente quando as sereias começaram a apitar saudando o ano novo que o Bom Gigante se levantou, bastante bêbado, e desfechou um soco na cara do Ubirajara. Ubirajara batia-lhe pelo ombro, mas era um dos três ou quatro valentes mais destros daquela mocidade faraônica. Quando o Bom Gigante desfechou o segundo golpe — um pontapé à altura da cara, Ubirajara aparou no peito, como um arqueiro apara uma bola de pênalti, o pé do amigo (porque eram amigos, muito amigos!), fez vúquete! e quando vi foi a massa enorme do Gigante revolutear no ar e estatelar-se no chão do bar. Aí, não sei como, a briga generalizou-se, as sereias apitavam ainda mais, bombas estouravam, viva o ano novo! e no meio de toda aquela confusão havia uns bêbados beatamente sorridentes que andavam de um lado para outro, de copo na mão, desejando felicidades a toda gente. Quando a calma se restabeleceu, o Bom Gigante tinha desaparecido com a mais linda mulata da cidade, *pivot* da briga, e foi preciso livrar Ubirajara das mãos da polícia. Voltando à minha mesa, dei com o meu guarda-chuva, um guarda-chuva novo, completamente esfrangalhado. Até hoje não pude compreender como foi aquilo.

(de *Reis vagabundos*)

Extraído de: *Elenco de cronistas modernos*. 19ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. 371p.

TEXTO 29

BÓSNIAS

A imagem ficou congelada na memória: a faca apontando para o meu pescoço, o olhar ameaçador do assaltante, a boca aberta, o grito. Num segundo, numa fração, o safanão, o impasse, a hesitação.

Também, quem mandou passear no calçadão da Avenida Atlântica, pouco antes da meia-noite?

Quando, durante uma discussão qualquer sobre tragicomédia brasileira, meus amigos perdem os argumentos diante de minha posição, a réplica já se tornou previsível:

— Você está muito britânico...

A insalubridade da condição brasileira parece justificar todas as nossas fraquezas, incompetências e mediocridades. Se expostas suas mazelas de forma irrefutável, o brasileiro responde com uma combinação de autodesprezo e complacência. Não compactuar dessa postura moral gelatinosa significa quase trair o caráter, ou falta de caráter, nacional.

Pois, se dizem que voltei europeizado, naquele momento de flerte entre a faca do miserável e o pescoço do falso gringo, o carioca veio à tona.

— Quequéissu, rapá!? (...)

naquela noite em Copacabana, o bandido estava a fim da minha carne. Ele só não esperava que aquele sujeito alto, com cara de turista, fosse carioca.

Rapidamente o assaltante escondeu a faca, dizendo:

— Pô, pensei que você não fosse brasileiro...

o rapaz pediu muitas desculpas e só faltou se oferecer para me proteger no resto da caminha da até o hotel.

Como se a guerra desta cidade partida não fosse de brasileiros contra brasileiros.

(Pedro Bial.)

Extraído de: BIAL, Pedro. *Crônicas de Repórter*. Rio de Janeiro: *Record*, 1989. 120 p.

TEXTO 30

INDICADORES ECONÔMICOS

27/11/2005

FAÇA SUAS CONTAS

Indicadores de preços

Variação % nos últimos meses

Índices	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	12 meses
IPC da Fipe	-0,20	0,30	-0,20	0,44	0,63	—	5,20
IGP-DI da FGV	-0,45	-0,40	-0,79	-0,13	0,63	—	2,18
IGP-M da FGV	-0,44	-0,34	-0,65	-0,53	0,60	—	2,38
INPC do IBGE	-0,11	0,03	0,00	0,15	0,58	—	5,42
IPCA do IBGE	-0,02	0,25	0,17	0,35	0,75	—	6,36
IPCA Esp. IBGE	-0,12	0,11	0,28	0,16	0,56	0,78	6,36
ICV do Dieese	-0,17	-0,17	0,00	0,72	0,57	—	5,37
ICV da Classe Média-Ordem	-0,55	0,26	-0,15	0,55	0,84	—	4,46
INCC do IGP-DI/FGV	0,76	0,11	0,02	0,24	0,19	—	7,45
CUB - Sinduscon	0,03	0,02	-0,15	0,14	0,10	—	5,67
IPA do IGP-DI/FGV	-0,78	-0,69	-1,04	-0,28	0,79	—	0,40
IPA do IGP-M/FGV	-1,00	-0,65	-0,88	-0,76	0,72	—	0,71
IPC do IGP-DI/FGV	-0,05	0,13	-0,44	0,09	0,42	—	4,90

CUB - Custo Unitário Básico; ICV - Índice do Custo de Vida; INCC - Índice Nacional do Custo da Construção; IPA - Índice de Preços por Atacado; IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Dieese - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.

Para calcular suas contas

Indicadores de despesas e receitas mensais

	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov
Poupança* (%)	0,7540	0,8008	0,7588	0,9483	0,7650	0,7110	0,6939
TR* - Taxa Referencial (%)	0,2527	0,2993	0,2575	0,3466	0,2637	0,2100	0,1929
Ufir - Unid. Fiscal de Ref. (R$)	(4)	(4)	(4)	(4)	(4)	(4)	(4)
BTN + TR - cheia (R$)	1,4208	1,4244	1,4286	1,4323	1,4373	1,4411	1,4441
Ufesp (R$)	13,30	13,30	13,30	13,30	13,30	13,30	13,30
UFM (R$)	76,58	76,58	76,58	76,58	76,58	76,58	76
TJLP (% ao ano)	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75
Salário mínimo (R$)	300,00	300,00	300,00	300,00	300,00	300,00	300,00
UPC (R$)	20,12	20,12	20,27	20,27	20,27	20,45	20,45

(*) Taxa do dia 1º, referente a crédito no mês seguinte (4) A Ufir foi extinta.

Atualizações de valores

Dias	Poupança (1)	UFM (2)	Ufesp (3)	FCA/PR (4)	Ufir (5)	BTNF (6)
26/11/2005	0,7288	76,58	13,30	1,2881	—	1,4446
27/11/2005	0,6908	76,58	13,30	1,2881	—	1,4518
28/11/2005	0,6632	76,58	13,30	1,2881	—	1,4570
29/11/2005	-	76,58	13,30	1,2881	—	1,4560
30/11/2005	-	76,58	13,30	1,2881	—	1,4568
01/12/2005	0,6939	76,58	13,30	1,2881	—	1,4457
02/12/2005	0,6926	76,58	13,30	1,2881	—	1,4457

(1) em %, no dia do vencimento da aplicação; (2, 3, 4, 5 e 6) em R$; (4) FCA - Fatores de Conversão e Atualização do Paraná. O BTNF foi extinto. Os valores atuais provêm da atualização com a TR. A URV de 30/06/1994 vale CR$ 2.750,00. (*) A Ufir foi extinta.

Confira o seu seguro

Fatores de correção de seguros e outros contratos

Dia	Contratos até 30/06/94 (1)	Contratos a partir de 01/07/94 (2)	Contratos do sistema bancário (3)
26/11/2005	0,01136781	2,53731988	0,01134905
27/11/2005	0,01136781	2,53731988	0,01140866
28/11/2005	0,01136781	2,53731988	0,01149547
29/11/2005	0,01136904	2,53759616	0,011484[illegible]
30/11/2005	0,01137038	2,53789428	0,0114803[illegible]
01/12/2005	0,01137191	2,53823606	0,011404[illegible]
02/12/2005	0,01137326	2,53853824	0,01138530
03/12/2005	0,01137443	2,53879894	0,01148699
04/12/2005	0,01137443	2,53879894	0,01149936
05/12/2005	0,01137443	2,53879894	0,01142005
06/12/2005	0,01137547	2,53903099	0,01120711
07/12/2005	0,01137668	2,53930049	0,01114807
08/12/2005	0,01137802	2,53960086	0,01121848
09/12/2005	0,01137939	2,53990488	0,01129565

Fator diário para aplicação de juros (TR) nos contratos de seguros: (1) Antigo IDTR; (2) Fator acumulado de juros-TR (FAJ-TR), segundo a Fenaseg; (3) Fator para outros contratos financeiros, dados da **Folha**

Contribuições à Previdência Social

NOVEMBRO/05*

Facultativo	Empresário/Empregador
Contribui com 20% sobre qualquer valor entre o mínimo de R$ 300 (R$ 60) e o máximo de R$ 2.668,15 (R$ 533,63) por meio de carnê.	Contribui com 11% sobre o pró-labore, variando de R$ 300 (R$ 33,00) e o máximo de R$ 2.668,15 (R$ 293,49), por meio de GPS.

Autônomo

Só recebe de pessoas físicas: recolhe, por carnê, 20% sobre o que recebe, respeitando o mínimo de R$ 300 (R$ 60) e o máximo de R$ 2.668,15 (R$ 533,63).

Só recebe de pessoas jurídicas: tem desconto de 11% sobre o que recebe, até o máximo de R$ 2.668,15 (R$ 293,49). A empresa recolhe por meio de GPS.

Recebe de pessoas jurídicas e físicas: tem desconto, via GPS, de 11% sobre o que recebe de jurídicas, até o teto de R$ 2.668,15 (R$ 293,49). Se não atingir o teto, recolhe 20%, via carnê, sobre a diferença até R$ 2.668,15.

Empregados domésticos

	Alíquotas %	Mínimo R$ (1)	Máximo R$ (2)
Empregado	7,65 a 11	22,95	293,49
Empregador	12	36,00	320,18
Total	19,65 a 23	58,95	613,67

(1) Cálculo sobre o piso do salário-de-contribuição de novembro: R$ 300,00.
(2) Cálculo sobre o teto do salário-de-contribuição de novembro: R$ 2.668,15.

Trabalhador assalariado

Salário-de-contribuição (R$)	Alíquotas (%) (**)
Até 800,45	7,65
De 800,46 até 900,00	8,65
De 900,01 até 1.334,07	9,00
De 1.334,08 até 2.668,15	11,00

(*) Empresas têm prazo para pagar até 2/12 e pessoas físicas, até 15/12. A partir desses vencimentos há multa de 4% a 100% do atraso e juros Selic, sendo 1% no mês do vencimento e 1% no mês do pagamento.
(**) Alíquotas para determinar a base de cálculo do IRRF: 8%, 9%, 9% e 11%

Reajustes de aluguel e outros contratos*

Principais Índices de preços

	Acumulado até setembro, em %				Acumulado até outubro, em %			
	Trim	Quad	Sem	Anual	Trim	Quad	Sem	Anual
FIPE	0,54	0,34	1,53	5,19	0,87	1,17	1,32	5,20
IGP-DI	-1,32	-1,76	-1,51	2,08	-0,29	-0,69	-1,39	2,18
IGP-M	-1,52	-1,95	-1,32	2,17	-0,59	-0,92	-1,57	2,38
INPC	0,18	0,07	1,69	4,99	0,73	0,76	1,35	5,42

(*) Acumulado até setembro reajusta aluguéis e contratos a partir de outubro, para pagamento em novembro; acumulado até outubro reajusta a partir de novembro, para pagamento em dezembro.

Como atualizar dívidas pela poupança

TR mais juros de 0,5% ao mês

Ano	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Jan	2,14835	1,87723	1,67236	1,54286	1,42076	1,30173	1,17165	1,08387
Fev	2,11345	1,85830	1,66047	1,53308	1,41003	1,28897	1,16433	1,07645
Mar	2,09359	1,83384	1,64837	1,52489	1,40138	1,27730	1,15800	1,07007
Abr	2,06461	1,80376	1,63650	1,51469	1,39196	1,26616	1,15020	1,06195
Mai	2,04468	1,78392	1,62624	1,50483	1,38178	1,25461	1,14348	1,05455
Jun	2,02531	1,76488	1,61413	1,49461	1,37202	1,24259	1,13603	1,04666
Jul	2,00538	1,75066	1,60267	1,48501	1,36303	1,23128	1,12839	1,03834
Ago	1,98448	1,73685	1,59223	1,47403	1,35266	1,21849	1,12059	1,03052
Set	1,96723	1,72314	1,58111	1,46167	1,34260	1,20755	1,11278	1,02186
Out	1,94865	1,70992	1,57161	1,45204	1,33331	1,19752	1,10534	1,01410
Nov	1,92187	1,69757	1,56173	1,44062	1,32302	1,18774	1,09862	1,00694
Dez	1,90064	1,68576	1,55211	1,43069	1,31296	1,17974	1,09190	—

Como calcular: 1) Localize o mês e o ano da dívida original. 2) Na tabela, encontre o fator correspondente à data. 3) Multiplique o valor da dívida pelo fator.
Exemplo: 1) Dívida de R$ 10.000,00 foi contraída em junho de 1998. 2) Na tabela o fator correspondente a junho de 1998 é 2,02531 3) R$ 10.000,00 vezes 2,02531 é igual a R$ 20.253,10 atualizados para 1º/12/2005.
Obs: os fatores estão arredondados e baseiam-se em poupança do dia 1º

CRÉDITO

Confira os juros dos empréstimos bancários

Taxas % ao mês cobradas de consumidores e empresas

Custo do dinheiro para pessoas físicas*

Tipo	Mín.	Máx.
Crédito direto (pré)	—	—
Crédito pessoal	1,75	5,78
Cheque especial	1,50	12,90
Passagens aéreas **	0,00	2,70
Cartão de loja	9,00	9,90

Custo do dinheiro para pessoas jurídicas*

Tipo	Mín.	Máx.
Hot-money (um dia)	0,087	0,235
Capital de giro	1,55	5,38
Desc. de duplicatas	2,19	5,04

(*) Média de amostra de mercado, excluindo encargos fiscais
(**) Varia conforme o prazo
Fontes: bancos, empresas aéreas, lojas e Acrefi

Quanto custa ter cartão de crédito

Renda exigida, custo e juros cobrados do usuário

Cartão	Renda mensal mínima-R$	Anuidade em R$	Juros do rotativo a.m. em %	Juros por atraso a.m. em %
American Express Green	3.500,00	3x44,00	*	12,50+2,00
American Express Gold Card	5.000,00	3x76,00	*	12,50+2,00
American Express Credit	1.000,00	3x29,00	2,99 a 10,99	12,50+2,00
Credicard (local.)	500,00	3x18,00	5,90 a 12,60	5,90 a 12,60+2,00
Credicard (inter.)	1.000,00	3x29,00	5,90 a 11,90	5,90 a 11,90+2,00
Diners	1.500,00	2x66,00	4,70 a 9,40	4,70 a 9,40+2,00
Bradesco (nac.)	400,00	4x12,00	10,94	12,00
Bradesco (inter.)	1.200,00	4x18,00	10,67	12,00
Bradesco Gold	2.000,00	4x34,75	9,82	12,00
30 Horas Visa Gold	1.500,00	3x52,00	5,99 a 10,99	10,99+2,00
30 Horas Visa (inter.)	600,00	3x29,50	5,99 a 10,99	10,99+2,00
Ourocard (inter.)	**	6x16,00	2,54 a 7,99	2,54 a 7,99+2,00
Sudameris Classic (inter.)	US$ 2.000	4x20,00	10,70	10,70+2,00
Sudameris Gold	US$ 3.000	3x40,00	10,70	10,70+2,00
Caixa (nac.)	500,00	3x16,00	10,60	10,60+2,00
Caixa (inter.)	1.000,00	4x20,00	10,50	10,50+2,00
Caixa Gold	2.500,00	5x28,00	9,38	9,38+2,00
HSBC OpenCard	490,00	4x13,00	10,60	10,60+2,00
HSBC Gold	2.000,00	4x35,00	9,50	9,50+2,00

* Não opera com o sistema rotativo ** Sujeito a avaliação cadastral
Fontes: administradoras e bancos

TR/Poupança/TBF

Veja quanto está rendendo a caderneta de poupança

Período			TR em %	Poup. em %	TBF em %
06/11	a	06/12/2005	0,1915	0,6925	1,3337
07/11	a	07/12/2005	0,2272	0,7283	1,4099
08/11	a	08/12/2005	0,2211	0,7222	1,3937
09/11	a	09/12/2005	0,2242	0,7253	1,3968
10/11	a	10/12/2005	0,2100	0,7110	1,3624
11/11	a	11/12/2005	0,1854	0,6863	1,3175
12/11	a	12/12/2005	0,1458	0,6465	1,2474
13/11	a	13/12/2005	0,1814	0,6823	1,3135
14/11	a	14/12/2005	0,2129	0,7140	1,3754
15/11	a	15/12/2005	0,2281	0,7292	1,4008
16/11	a	16/12/2005	0,2714	0,7728	1,4947
17/11	a	17/12/2005	0,2555	0,7568	1,4586
18/11	a	18/12/2005	0,2160	0,7171	1,3785
19/11	a	19/12/2005	0,1860	0,6869	1,3181
20/11	a	20/12/2005	0,2219	0,7230	1,3845
21/11	a	21/12/2005	0,2542	0,7555	1,4572
22/11	a	22/12/2005	0,2522	0,7535	1,4452
23/11	a	23/12/2005	0,2345	0,7357	1,4273
24/11	a	24/12/2005	0,2531	0,7544	1,4461

Folha de São Paulo, São Paulo, 26 nov. 2005. Caderno B, p. 19.